



Programa de
Pós-Graduação em
Linguística

AS NÃO-COINCIDÊNCIAS INTERLOCUTIVAS DO DIZER DE SUJEITOS
HISPANOS-FALANTES EM DISCURSIVIDADES BRASILEIRAS: SEUS REFLEXOS
EM FORMULAÇÕES IMAGINÁRIAS

VALDETE DE LIMA ANK MORAIS

SÃO CARLOS
2009



Universidade Federal de São Carlos

AS NÃO-COINCIDÊNCIAS INTERLOCUTIVAS DO DIZER DE SUJEITOS
HISPANOS-FALANTES EM DISCURSIVIDADES BRASILEIRAS: SEUS
REFLEXOS EM FORMULAÇÕES IMAGINÁRIAS

VALDETE DE LIMA ANK MORAIS

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Lingüística da
Universidade Federal de São Carlos,
como parte dos requisitos para a obtenção
do Título de Mestre em Lingüística.

Orientador: Prof. Dr. Nelson Viana

São Carlos, São Paulo, Brasil
2009

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da
Biblioteca Comunitária da UFSCar**

M827ni

Morais, Valdete de Lima Ank.

As não-coincidências interlocutivas do dizer de sujeitos hispanos-falantes em discursividades brasileiras : seus reflexos em formulações imaginárias / Valdete de Lima Ank. -- São Carlos : UFSCar, 2009.
124 f.

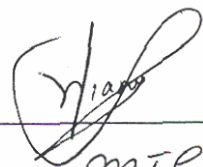
Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São Carlos, 2008.

1. Lingüística. 2. Ensino - aprendizagem. 3. Língua materna. 4. Memória. 5. Identificação. I. Título.

CDD: 410 (20^a)

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Nelson Viana



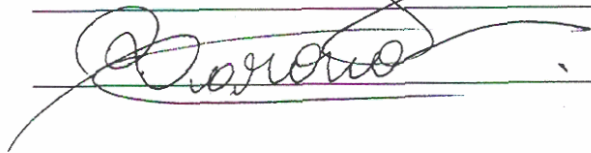
A handwritten signature in black ink, appearing to be 'N. Viana', written over a horizontal line.

Prof. Dra. Maria Teresa Celada



A handwritten signature in black ink, appearing to be 'MT Celada', written over a horizontal line.

Prof. Dr. Roberto Leiser Baronas



A handwritten signature in black ink, appearing to be 'Roberto Baronas', written over a horizontal line.

Dedicado este trabalho a Willy, Neusa, Jair e Valquíria.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, especialmente minha mãe pelas orações.

Ao prof. Nelson Viana, meu orientador, pelo incentivo, acompanhamento e pela amizade.

Às professoras Vanice Maria Oliveira Sargentini, Maria Teresa Celada e Maria Onice Payer pelas observações e sugestões sobre este trabalho.

Aos participantes do grupo de estudos GEGE, especialmente ao prof. Vladimir Miotello.

Aos professores Ricardo e Bruno, às professoras Ester Mussini e Mirian pelo apoio e colaboração na coleta de dados desta pesquisa.

A todas as pessoas que se dispuseram a realizar entrevistas ou responder aos questionários, pela disponibilidade e cooperação.

Às professoras e professores do programa de mestrado pela atenção e motivação.

Às meninas e aos meninos, colegas de estudo, pela amizade, especialmente a Denise, Nani e a Paty pela acolhida afetuosa.

Tenho Tanto Sentimento

Tenho tanto sentimento
Que é freqüente persuadir-me
De que sou sentimental,
Mas reconheço, ao medir-me,
Que tudo isso é pensamento,
Que não senti afinal.

Temos, todos que vivemos,
Uma vida que é vivida,
E a outra vida que é pensada,
E a única vida que temos
É essa que é dividida
Entre a verdadeira e a errada.

Qual porém é a verdadeira
E qual errada, ninguém
Nos saberá explicar;
E vivemos de maneira
Que a vida que a gente tem
É a que tem que pensar.

Fernando Pessoa

RESUMO

A partir da Análise de Discurso de linha francesa, nossa proposta de pesquisa foi elicitare e analisar seqüências discursivas produzidas por sujeitos falantes nativos de espanhol, sintomas de suas projeções imaginárias e memórias discursivas em jogo, em relação às suas concepções, impressões, alusões, no que concerne à língua portuguesa e à língua espanhola, em situação de interlocução, imersos na língua e na cultura do brasileiro. Partimos de formulações de Serrani-Infante (1998), de que o sujeito, ao tomar a palavra em outra língua, inscreve-se em processos de identificação em formações discursivas da língua alvo que constituem o acontecimento de posições enunciativas. Para realizarmos este estudo foi necessário entender o processo de inscrição do sujeito hispano-falante na língua do brasileiro no processo de imersão como um processo subjetivo (SERRANI, 1997b), que solicitará a subjetividade do sujeito hispano-falante e o submeterá a circular por diferentes posições enunciativas, a “deslizes, a deslocamentos e a movimentos transferenciais” (CELADA, 2004). Dessa forma, entendemos que parte dessas posições enunciativas estão ligadas ao âmbito da língua materna do sujeito hispano-falante, a posições próprias de sua língua materna, e muitas delas serão trazidas à tona pelo encontro com a língua estrangeira, e levam o sujeito a situações de confronto entre as formas de recortar o real dessas duas línguas. São estas as situações que constituíram o objeto de estudo no processo de produção e atribuição de sentidos por parte de sujeitos hispânicos ao enunciarem na língua portuguesa.

Palavras chave: sujeito hispano-falante, língua materna, representações, memória, identificação.

ABSTRACT

Based upon French Discourse Analysis, our purpose in this study is bring and analyze discursive sentences produced by Spanish native speakers, symptoms of their enunciative projections, imaginary and discursive memories, in relation to their concepts, impressions, allusions concerning Portuguese language and Spanish language, in situations of immersion and interlocution in Brazilian contexts. We start from Serrani-Infante's (1998) formulations, that the subject, when speaking another language, becomes part of the identification process in the target language discursive formations that build up the happening of enunciative positions. In order to realize this study it is necessary to understand the insertion of the Spanish native speaker in Brazilian Portuguese language in the immersion process as a subjective process (SERRANI, 1997b), which requires the subjectivity from the Spanish native speaker and will submit him to inscribe himself in different enunciative positions, missteps, displacements and transference motions (CELADA, 2004). Thus, we understand that part of these enunciative positions is associated with the Spanish native speaker's mother tongue, with their own language positions, and that many of them are brought up in the encounter with the foreign language, leading the subject to conflict situations generated by the distinct understanding of reality linked to those two languages. These conflict situations, concerning the processes of production and attribution of meanings by native speakers of Spanish as they enunciate in Brazilian Portuguese language, constitute the focus of this study.

Key words: Spanish native speaker, mother tongue, representation, memory, identification.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. MEMÓRIA NA LÍNGUA: RELAÇÃO DE FAMILIARIDADE ENTRE O ESPANHOL E O PORTUGUÊS	15
1.1 <i>Relação histórica entre falantes de espanhol e de português</i>	15
1.2 <i>Mudanças na relação entre a língua espanhola e a portuguesa: sob o efeito de um acontecimento</i>	20
1.3 <i>Pré-construído</i>	26
1.4 <i>Interdiscurso</i>	28
1.5 <i>Memória</i>	29
2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOSERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.	32
2.1 <i>Sobre a coleta de dados</i>	Erro! Indicador não definido. 32
2.2 <i>O corpus da pesquisa</i>	33
3. ANÁLISE DOS DADOS: UM EMARANHADO DE VOZES	35
3.1 PRIMEIRO MOMENTO: PRIMEIRAS PROJEÇÕES E TEATRALIZAÇÃO	35
3.1.1 <i>O simulacro da integração</i>	36
3.1.2 <i>Formulações imaginárias sobre as línguas</i>	38
3.1.3 <i>Antecipações imaginárias: discursividades que circulam</i>	41
3.1.5 <i>A língua de um é pura encenação da língua do outro</i>	45
3.1.6 <i>Falar pela garganta ou falar pelo nariz</i>	47
3.1.7 <i>Não é difícil se comunicar em uma ou em outra</i>	50
3.1.8 <i>Saber metalingüístico, saber epilingüístico</i>	52
3.1.9 <i>Representações imaginárias: o português mal-falado</i>	55
3.1.10 <i>A ancoragem na língua materna: ponto teórico de apoio</i>	58
3.1.11 <i>A língua portuguesa tem algo a oferecer ao sujeito hispano-falante?</i>	60
3.1.12 <i>O modelo tetralingüístico proposto por Gobard</i>	65
3.2 SEGUNDO MOMENTO: PROJEÇÕES IMAGINÁRIAS OUTRAS	68
3.2.1 <i>É possível se comunicar falando portunhol</i>	68
3.2.2 <i>Portunhol: língua espontânea, inventada, imaginária</i>	74
3.2.3 <i>O sujeito é efeito de linguagem</i>	Erro! Indicador não definido. 77
3.2.4 <i>Identificações simbólicas e imaginárias do sujeito hispano-falante com a língua portuguesa: primeira cena</i>	82
3.2.5 <i>Outras cenas enunciativas</i>	88
3.2.6 <i>As identificações e a tendência ao movimento de identificação: cena 4</i>	96
3.2.7 <i>Movimentos paralelos: identificação e desidentificação</i>	100
3.2.9 <i>Considerações finais</i>	102

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS _____	106
-------------------------------------	-----

5. APÊNDICES

<i>Modelo de Questionário I</i> _____	113
<i>Modelo de Questionário II</i> _____	118
<i>Dados sobre os hispano-falantes, participantes da pesquisa</i> _____	122

LISTA DE FIGURAS

Dados correspondentes aos participantes da pesquisa

Figura 1	Nacionalidade	122
Figura 2	Formação acadêmica	122
Figura 3	Idade	123
Figura 4	Tempo de permanência no Brasil	123
Figura 5	Motivo para a vinda ao Brasil	124

INTRODUÇÃO

Este trabalho surgiu da percepção sobre a impressão que o sujeito comum tem de *mescla* da língua espanhola com o português, em situações de interlocução envolvendo falantes de espanhol interagindo com brasileiros. Tais indivíduos falam espanhol *devagarzinho, enrolado*¹, com a ajuda de gestos, muitas vezes na tentativa de obter alguma informação. Nessa situação de interlocução, percebemos que há uma sensação mútua de que se entendem. Parece difícil para essas pessoas perceberem que não se compreende perfeitamente os dizeres, devido ao efeito de transparência entre essas línguas. Daí pensarmos: que intuições, impressões, essas pessoas têm sobre o português-brasileiro, levando-as a pensar que falando espanhol no Brasil poderiam ser entendidas e fazer-se entender?

Nossos questionamentos empíricos foram estimulados a ser trabalhados entrando em contato com a reflexão e a pesquisa desenvolvidas no campo teórico, tais como leituras de trabalhos científicos, entre eles e especialmente os de Celada (1999, 2002) e Celada & González (2000), que trazem um histórico das representações da língua espanhola pelos brasileiros. Nesse percurso histórico fica explícita a imagem de *línguas parecidas*, o português e o espanhol, que circulam no senso comum do modo de interpretar a língua espanhola no Brasil. Esse modo de ver essas línguas é caracterizado pela grande semelhança e, conseqüentemente, pela transparência e facilidade, o que move uma “sensação de competência espontânea” (CELADA & GONZÁLEZ, 2000), levando ao uso do espanhol pelo falante de português sem ter passado por nenhum estudo formal.

Tais trabalhos, ao trazerem uma reflexão sobre os estudos da língua espanhola no Brasil, abrem uma perspectiva que nos permite fazer reflexões em direção oposta, ou seja, nos permite buscar e analisar formulações imaginárias ou representações sobre a língua portuguesa, produzidas por sujeitos hispano-falantes na produção de discursos em situação de interlocução com brasileiros, enquanto produtores de linguagem.

Outros estudos a que nos referimos são os de Serrani-Infante (1998, 2003), que abordam o processo de enunciar em língua estrangeira, focalizando os modos de acontecimento discursivo, deslocando a concepção de língua como instrumento de

¹ Expressões utilizadas por hispano-falantes ao se referirem ao modo de se comunicarem com os brasileiros.

comunicação. Para essa autora, o sujeito, para aprender uma língua, deve inscrever-se por processos identificatórios em formações discursivas da língua alvo que constituem o acontecimento de posições enunciativas. Essa posição teórica da pesquisadora, com a qual compartilhamos, perpassa muitos de seus trabalhos (SERRANI-INFANTE, 1997a, 1998, 2002, 2003).

Entre outros estudos a que nos reportamos estão os de Revuz (2002) que trazem para o estudo de línguas estrangeiras uma mobilização em direção a língua materna. Essa autora sustenta que “o encontro com a língua estrangeira faz vir à consciência alguma coisa do laço muito específico que mantemos com nossa língua” (ibid., p.215). Revuz também aponta que:

seria um grande desatino emitir interpretações sobre as dificuldades encontradas pelo aprendiz, mas poder-se-ia ajudá-lo a superá-las analisando seu funcionamento e remetendo-as, não a um estado de fato [...], mas, a um sentido, a uma história singular com língua (p.220)

O sujeito tem uma história própria² com a língua estrangeira, dentro de outra história da sociedade político-cultural à qual ele pertence. Parece-nos que o lastro que une o individual e o social são idéias, formulações imaginárias, próprias de representações mais ou menos globais que um grupo de indivíduos tem da forma de compreender a língua, a cultura, etc. de outro grupo social. Nessa direção, analisamos a relação do sujeito hispano-falante com o funcionamento da língua portuguesa na produção e atribuição de sentidos em que esse sujeito está inscrito ao enunciar, desvendando “uma história singular” dele com a língua portuguesa. Acreditamos que essa história vai possibilitar a relação do sujeito com a língua portuguesa, ou seja, essa história é fundamental a respeito dos movimentos de identificações a cuja mercê ele se encontra.

Nosso estudo se apóia em concepções de Revuz (2002) e de Serrani (2003), para a reflexão da relação sujeito/língua estrangeira: ao se inscrever em discursividades na língua estrangeira, são solicitadas as bases da estruturação subjetiva do sujeito e com ela a língua materna, que teceu o inconsciente e as memórias discursivas, memórias estas que estão “inscritas no sujeito juntamente com/nas palavras da língua materna” (ibid., p.285). Isso quer dizer que, ao enunciar na língua portuguesa, o sujeito hispano-falante estaria ancorado, em grande parte, na sua língua materna.

² É necessário considerar, portanto, que existe uma história dos falantes de espanhol por trás de seus dizeres. Neste estudo, não iremos nos reportar a essa história que sustenta as idéias e seus dizeres, sobre a língua portuguesa e a espanhola.

No viés dessas reflexões, neste trabalho, abordamos a língua portuguesa como língua estrangeira para os sujeitos falantes nativos de espanhol. Este estudo traz à análise seqüências discursivas produzidas por sujeitos falantes nativos de espanhol, as quais são tomadas como sintomas de suas projeções imaginárias e memórias discursivas em jogo, em relação às suas concepções, alusões, em relação à língua portuguesa e à língua espanhola, em situação de interlocução, imersos na língua e na cultura do brasileiro. Os dados foram obtidos por meio de 40 questionários.

Interessam-nos mais especificamente nestas investigações: a) a recuperação e a análise de representações sobre a língua portuguesa que os sujeitos hispânicos possuíam antes de vir para o Brasil; b) a busca de esclarecimentos sobre os modos de acontecimentos do processo de enunciação, entendidos como tomada de posição, efeitos de “identificação” (ou não-identificação), “contra-identificação” e “desidentificação”³(PÊCHEUX, 1988), em que o sujeito hispano-falante está inscrito ao enunciar; c) a reflexão sobre as representações produzidas pelos sujeitos hispano-falantes e os seus efeitos que atuam na produção discursiva e na atribuição de sentidos desses sujeitos no contato com o português-brasileiro.

Também tentamos responder às seguintes perguntas: a) o que a língua portuguesa tem a oferecer ao sujeito falante de espanhol, ou seja, que saberes essa língua lhe promete ou é capaz de sustentar?; b) O que o portunhol representa para o sujeito hispano-falante?; c) O sujeito hispano-falante deixará se identificar com o português-brasileiro, ao invés de fazer uma encenação, imitação (micagem) ou zombaria?

Esta pesquisa pretende ser uma contribuição para a compreensão do processo de aquisição/aprendizagem de língua estrangeira, especialmente em contextos de línguas da mesma família, como o caso do português-brasileiro e do espanhol, pela condição de proximidade filogenética.

Para compreendermos este estudo é necessário entender o processo de inscrição do sujeito hispano-falante na língua do brasileiro no processo de imersão como “um processo subjetivo” (SERRANI, 1997b), que solicitará a subjetividade do sujeito hispano-falante e o submeterá a circular por diferentes posições enunciativas, e o deixará exposto a “deslizes, a deslocamentos e a movimentos transferenciais” (CELADA, 2004). Dessa forma, entendemos que parte dessas posições enunciativas estarão ligadas ao âmbito da língua materna do sujeito hispano-falante, a posições próprias de sua língua materna, e muitas delas são trazidas à tona no encontro com a língua estrangeira, levando o sujeito a situações de

³ Estamos nos apropriando desses termos “identificação”, “ contra-identificação” e “desidentificação” para o campo da lingüística aplicada, conforme as concepções de Pêcheux (1988).

confronto entre as formas de recortar o real dessas duas línguas. São estas situações que constituem o objeto de estudo, neste trabalho, com foco no processo de produção e atribuição de sentidos por parte de sujeitos hispânicos ao enunciarem na língua portuguesa.

Dito de outra forma, durante o processo de produção e compreensão em língua estrangeira, o sujeito hispano-falante, ao enunciar, representa em seu discurso imagens que têm sobre a língua do outro e também se representa. Como essas construções de imagens estão muitas vezes correlacionadas com as redes de memória relativas à sua língua materna ou às “filiações sócio-históricas de identificação do sujeito” (SERRANI-INFANTE, 1998), no âmbito dessa língua, essa dimensão imaginária afeta o sujeito hispano-falante no modo como acontece a sua enunciação.

A perspectiva teórica desta pesquisa é da Análise do Discurso, a qual permite uma concepção subjetiva que é constituída por “condicionamentos inconscientes”, que escapam ao controle do sujeito e “ideológicos” (SERRANI-INFANTE, 1998), que constituem o sentido de todo discurso no processo de aquisição de uma língua estrangeira.

Organização da pesquisa

No primeiro tópico que designamos “Memória na língua: relação de familiaridade entre o espanhol e o português”, apresentamos as primeiras representações da língua portuguesa em relação à língua espanhola, as quais consideramos fundadoras. Nesse sentido, dá-se a conhecer como o brasileiro historicamente vem se relacionando com a língua espanhola. Tais situações nos fornecem pistas sobre a forma como os sujeitos hispânicos vêm se relacionando com a língua portuguesa. Nessa parte também abordamos conceitos de pré-construído, interdiscurso e memória, na perspectiva da Análise do Discurso, que indicarão possíveis caminhos de reflexão, assim como outros conceitos. Também pontuamos com maior ênfase os objetivos desta pesquisa.

Em relação ao segundo tópico “Procedimentos metodológicos”, nossa pesquisa se caracteriza como interpretativista, numa abordagem discursiva que considera o sujeito inserido numa situação sócio-histórica. Quanto aos meios de investigação, o material coletado para análise foi obtido por meio de 40 questionários constituídos de várias seqüências discursivas, respondidos por falantes nativos de espanhol, de diferentes nacionalidades.

O terceiro tópico “Análise dos dados: um emaranhado de vozes” está dividido em duas partes. Primeiramente apresentaremos uma série de enunciados que foram

formulados sobre o português-brasileiro e analisaremos as imagens que fazem parte desse vínculo que os sujeitos hispânicos estabeleceram com essa língua. Este estudo parte da posição do sujeito comum, participante desta pesquisa, respondendo a questionários que objetivaram a obtenção de dados para que pudéssemos refletir sobre a forma de compreender a língua portuguesa por eles, em um primeiro momento, noções já constituídas antes mesmo de se depararem realmente com essa língua.

Num segundo momento, acompanharemos uma mudança de relação dos sujeitos hispânicos com a língua portuguesa, estabelecendo outras imagens, representações, no encontro com o real, no processo de inscrição em discursividades na língua alvo, em situação de imersão.

Finalmente chegamos à sessão de “Apêndices” que traz os modelos de questionários utilizados neste estudo e as figuras correspondentes aos dados que compõem o perfil dos participantes.

1. MEMÓRIA NA LÍNGUA: RELAÇÃO DE FAMILIARIDADE ENTRE O ESPANHOL E O PORTUGUÊS

1.1 Relação histórica entre falantes de espanhol e de português

Entre falantes de espanhol e de português parece estar presente a sensação de familiaridade, de proximidade, entre suas línguas em situações de interlocução. Esta percepção primeira remonta há séculos. Essa hipótese é tomada pelo senso comum (saberes comuns de pessoas de uma sociedade) e algumas vezes também se encontra presente na área acadêmica como uma concepção inquestionável de ambas as línguas.

Em “Gramática de la lengua vulgar de Espana”, de um autor anônimo, publicada em Lovaina em 1559, faz-se uma reflexão sobre a origem e as variedades de línguas faladas na Espanha e a proximidade da “língua vulgar” (espanhol ou castelhano) com a língua portuguesa (de Portugal):

Quatro son, i mui diferentes entre si, los lenguajes, enque hoi dia se habla en toda España. Al primer lenguaje llaman Vazquense, que es la lengua de Viscaia ... Siguese tras esta, la Araviga ... La tercera, es la lengua Catalana ... El quarto lenguaje, es aquel, que io nuevamente llamo, Lengua Vulgar de España, porque se habla, i entiende en toda ella generalmente, i en particular tiene su asiento en los reinos de Aragón, Murcia, Andaluzia, Castilla la nueva, i vieia, Leon, i Portugal; aunque la lengua Portuguesa tiene tantas, i tales variedades en algunas palabras, i pronunciaciones, que bien se puede llamar lengua de por si: toda via no es apartada realmente de aquella, que io llamo vulgar, antes son vna mesma cosa, manaron de vna mesma fuente, tienen en todo, i por todo vna mesma descendencia, salvo que la Portuguesa se parece algo mas a la madre de entrambas, la lengua Latina. Pero esto no embargnte, licito es acadauno apartarlas la vna de la otra, i de quatro que io hize, hazer cinco lenguas diferentes. (García, 2000, p.12, grifo nosso).

Ao fazer a descrição das línguas faladas na Espanha, o autor considera a língua portuguesa como uma quinta língua, devido às suas muitas particularidades «*tiene tantas*» como as variedades de algumas palavras e diferenças na pronúncia «*variedades en algunas palabras, i pronunciaciones*», e por isso a considera uma língua por si mesma. Mas afirma que não se pode separar a língua portuguesa da língua vulgar, porque primeiramente são iguais, uma vez que têm a mesma descendência do latim «*antes son vna mesma cosa, manaron de vna mesma fuente, tienen en todo, i por todo vna mesma descendencia*», apesar de o português ser mais parecido com o latim «*salvo que la Portuguesa se parece algo mas a*

la madre de entrambas, la lengua Latina», ou seja, as línguas são filhas da mesma mãe; são “línguas irmãs”, podendo o português ser incluído na língua vulgar, já que «no es apartada realmente de aquella».

A reflexão sobre as diferenças entre as línguas evidencia a ilusão da possibilidade da delimitação de fronteiras rígidas. Mas por ser considerada estreita, a relação singular entre elas não é menos paradoxal. O autor identifica o português e o espanhol como pertencentes a um grupo de línguas que se supõe possuírem características comuns, uma unidade filogenética. Podemos dizer que na diversidade das línguas acima descritas, saberes se constituíram a respeito da língua portuguesa.

Da descrição das línguas, podemos extrair proposições e imagens sobre a língua portuguesa em relação ao espanhol, como a de que essas duas línguas são “irmãs” [“*la madre (...) la lengua Latina*”] e “iguais” [“*vna mesma cosa*”]. Esse modo de pensar a proximidade da língua portuguesa e da espanhola apresenta traços que podem ser interpretados como uma identificação imaginária do sujeito (do gramático) com a familiaridade existente entre essas duas línguas. Ao dizer que elas são filhas da mesma mãe e, portanto, “línguas irmãs”, podemos, então, parafraseando as colocações de Mannoni (1987, p.176), nos perguntar: “uma irmã toma uma ‘parte’ da outra irmã, ou está identificada numa ‘parte’ dela mesma?”⁴. Esse mesmo autor também nos aconselha a não procurarmos uma resposta. Mas talvez no decorrer deste estudo possamos ter alguma pista.

O distanciamento percebido entre as línguas começa concedendo singularidades a cada uma: *la lengua Portuguesa tiene tantas, i tales variedades en algunas palabras, i pronunciaciones, que bien se puede llamar lengua de por si* (García, 2000, p.12). Isso nos permite colocar a questão de que a singularidade entre o português-brasileiro e o espanhol se forma no campo da contradição.

Na *Gramática de la lengua vulgar de Espana* encontramos “formulações-origem” (COURTINE, 1981) sobre a relação entre o português e o espanhol, o que constitui uma reformulação possível entre elas. Dessa relação estabelecida podemos construir a seguinte metonímia⁵:

⁴ Em seus estudos sobre a identificação e a desidentificação, Mannoni (1987) ao falar da possibilidade de identificação em um só traço de uma jovem com o modo de tossir da sua mãe, reflete sobre isso: “não se sabe onde está a divisão”. Em seguida faz a seguinte pergunta: “A filha toma uma ‘parte’ de sua mãe, ou está identificada numa ‘parte’ dela mesma?” (ibid., p.176). Achamos que tal questão também poderia ser colocada no nosso caso.

⁵ As metonímias deste trabalho foram inspiradas nas apresentadas nos estudos de Celada (2002).

Português & espanhol > são iguais, a mesma coisa, mesma descendência, filhas da mesma mãe = “línguas irmãs”

Segundo Courtine (1981):

o domínio das formulações-origem não atribui nunca um início ao processo discursivo, mas constitui o lugar onde se pode recuperar, no desenvolvimento do processo discursivo, os enunciados que figuram como elementos de saber específicos de uma formação discursiva (p.60).

O domínio de saber de uma formação discursiva determina “o que pode e deve ser dito e o que não pode e não deve ser dito” (ibid., p.105). Estes elementos de saber (formulações-origem) podem retornar na atualidade como efeito de uma memória (ibid., p.60).

A seqüência metonímica mencionada anteriormente, enquanto memória discursiva, continua sendo dita, está na origem de falas que a representam, que falam dela, que a transformam, em outras palavras, os discursos “são ditos, permanecem ditos e estão ainda por dizer” (ibid, p.56). Estamos falando da “existência histórica de um enunciado” no seio de praticas discursivas reguladas por um efeito ideológico, de literalidade, da ilusão de evidência de sentido. Essa seqüência metonímica se inscreve na “instância de acontecimento” que lhe confere o efeito de uma retomada em um “domínio de atualidade”, resultante de efeitos de memória no seio de um processo discursivo (ibid.). Como veremos a seguir, tal seqüência metonímica continua se propagando sob a forma de diferentes paráfrases em épocas posteriores.

Celada (2002) aborda em seus estudos sobre a língua portuguesa e a espanhola a idéia de “línguas parecidas”, que não exigiriam, supostamente, “a necessidade de um estudo mais profundo”⁶ para os falantes de ambas as línguas. Essa idéia de semelhança foi reforçada e reproduzida por trabalhos, mais especificamente por instrumentos lingüísticos⁷, tais como a Gramática de Nascentes e o Manual de Becker (1999)⁸. Esses foram os primeiros materiais produzidos no Brasil e utilizados na área de ensino/aprendizagem de espanhol para os brasileiros. O manual de Becker “como expressão de saber e de um desenvolvimento

⁶ Estamos fazendo uma paráfrase, conforme os estudos de Celada (2002).

⁷ Estamos considerando como instrumentos lingüísticos materiais específicos para o ensino/aprendizagem de língua (manuais, gramáticas, livros didáticos, etc.).

⁸ O manual de Becker toma como base os estudos da Gramática de Nascentes, ou seja, partilha do pressuposto de línguas parecidas e, conseqüentemente, dos demais pressupostos que este acarreta: língua fácil, familiar, ilusão de competência espontânea, etc.

tecnológico, mais que descrever a língua, realiza uma verdadeira instrumentação” que sustentou a relação dos brasileiros com a língua espanhola, como aponta Celada (2002, p.58) com base em Auroux.

Segundo os estudos de Celada (2002), a introdução da gramática de Nascentes (1934) deixa claro que a semelhança entre o português e o espanhol é o ponto chave na aprendizagem do espanhol por parte dos brasileiros, que diante desse fato tem uma vantagem sobre a língua espanhola “porque se aprende com facilidade”, pois:

o espanhol é parecidíssimo com o português como toda a gente o sabe. Quem conhece o português, com facilidade lê e compreende o espanhol, sentirá, é verdade, algumas deficiências. Além disso, é uma língua familiar a nós por causa da imigração espanhola em nosso país, das companhias dramáticas, de operetas e zarzuelas que anualmente nos visitam, das relações com as republicas vizinhas (p.4, grifo nosso).

Continuando com as reflexões de Celada (2002), na frase “como toda a gente o sabe”, parece ficar claro que não há uma teoria científica por trás desses pressupostos: português e espanhol: língua parecidíssima, fácil, familiar. Essa constatação está baseada em “filosofia espontânea”⁹, ou seja, as pessoas - toda a gente - acreditam nesses dizeres. Essa forma de interpretar a proximidade entre o português e o espanhol acabou se tornando, no funcionamento das línguas, um obstáculo epistemológico. Também percebemos, no fragmento acima, uma generalização, enunciada a partir da posição de um estudioso da linguagem, mas também na posição de um sujeito comum, de que “quem conhece o português”, ou seja, “todo brasileiro”, “sabe espanhol”. Nesse sentido, essa concepção de língua possui sentidos que já estão estabilizados, ou seja, apenas são retomados para reafirmar o óbvio.

Celada & González (2000) e Celada (2002) e ¹⁰, em seus estudos sobre a memória histórica do espanhol no Brasil, sobre os caminhos pelos quais passaram os estudos do espanhol, oferecem-nos uma reflexão sobre os imaginários que essa língua representou (e/ou ainda representa) para os brasileiros e a possibilidade de como lidar com a “ilusão de competência espontânea de comunicação” que esse mito das “línguas parecidas” suscita (ibid., 2002).

⁹ Por essa expressão se entende “o conjunto de idéias que os sábios têm (...) na cabeça (conscientes ou não) relativas à prática científica e à ciência” (ALTHUSSER, 1974, p.99-100, apud PÊCHEUX, 1988, p.82).

¹⁰ O trabalho de Celada e González está centrado fundamentalmente no processo de ensino/aprendizagem de espanhol por brasileiros, mas consideramos válidas e aplicáveis a esta pesquisa muitas reflexões e caminhos de análises apontados pelas autoras como, por exemplo, o encontro com o pressuposto de “línguas parecidas”, o português e o espanhol.

Nessa perspectiva, prosseguindo com os estudos dessas autoras, observamos que a questão da compreensão e aprendizagem tanto do português como do espanhol geralmente se centraliza no campo lexical, ou seja, ter o “domínio do vocabulário”¹¹ é suficiente para dominar a língua. Isso ocorre devido às semelhanças entre o português e o espanhol, o que faz parecer que acarreta poucas dificuldades. Essa forma de lidar com essas línguas, especificamente o português e o espanhol, é encontrada nos instrumentos lingüísticos já citados (a gramática de Nascentes e o manual de Becker), os quais se utilizam do Método Gramática e Tradução¹², trabalhando sob uma abordagem contrastiva.

Sob essa abordagem foram claramente identificadas as diferenças entre a língua portuguesa e a espanhola, como aponta Celada (2002), com base em Quintans Sebold. No Manual de Becker (1999)¹³ na lição oitava (p.45), na categoria “Divergências Léxicas”, Becker afirma que essas divergências¹⁴ são as maiores dificuldades que um aprendiz brasileiro poderia encontrar para dominar o espanhol. A categoria dos “heterosemânticos” (dentro da categoria de maior “divergência léxica”) é considerada por Becker a mais difícil de ser dominada pelo aprendiz. Esta última categoria é a que pode gerar erros de tradução e interpretação, dificultando, assim, o saber simultâneo de ambas as línguas.

A análise contrastiva está relacionada ao ensino de línguas estrangeiras desde a década de 40 nos Estados Unidos. No quadro de ensino/aprendizagem de língua estrangeira, o modelo da análise contrastiva se fundamenta nos trabalhos de Fries e Lado, conforme aponta Yokota (2005).

Essa dicotomia semelhança/diferença sugere muitas vezes que o significado seja fixo e que se resolve, sabendo-se as diferenças entre os termos de uma língua e de outra (tal termo se diz assim em português e assim em espanhol). Dessa forma, o aprendizado se

¹¹ Essa expressão é utilizada por Mannoni (apud. CELADA & GONZÁLEZ, 2000, p.9).

¹² O Método Gramática e Tradução tem sido a metodologia com mais tempo de uso na história do ensino/aprendizagem de línguas. Esse método, desenvolvido no século XIX para o ensino de inglês e francês como línguas estrangeiras, partiu do ensino do latim e de outras línguas clássicas. Mais tarde se estendeu a outras línguas como o espanhol. Seu enfoque se dá na aplicação de regras gramaticais para a tradução de uma língua a outra e na aprendizagem de palavras como elementos soltos. O ensino de idiomas foi dominado por esse método, de 1840 até meados do século XX. Sua influência sobre a aprendizagem perdurou até os anos 70, mas se encontra presente mesmo nos dias atuais em vários materiais didáticos e em muitas aulas, na maioria das vezes com adaptações e finalidades específicas (ABADIA, 2000). Um exemplo claro disso é a possibilidade da compra do Manual de Becker. Pode-se encontrá-lo em diversas livrarias, apesar da sua primeira publicação datar de 1945. A edição consultada para este trabalho é a octogésima (80ª ed.).

¹³ Somente a partir da década de 80 é que foram publicados outros livros didáticos. (CELADA, 2002).

¹⁴ “Llamamos divergencias léxicas las diferencias – grandes o pequeñas, y a veces sutiles – que existen entre ciertos vocablos parecidos de ambos idiomas (español y portugués). Son voces semejantes, morfológicamente, que divergen, sea en la ortografía, sea en la prosodia, en el género. O en la significación. Éstas son, sin duda, las mayores dificultades para que un brasileño o un portugués dominen, con precisión el castellano – o, para que un individuo de habla española conozca a fondo el idioma portugués” (BECKER, p.46, grifo nosso).

restringe ao estudo de listas de vocabulário. Nessa perspectiva, foram realizados no passado (podendo ainda ser encontrados atualmente) estudos contrastivos entre o português e o espanhol.

1.2 Mudanças na relação entre a língua espanhola e a portuguesa: sob o efeito de um acontecimento

Nos últimos anos, houve mudanças de foco nos estudos lingüísticos. No que se refere especificamente à análise contrastiva, enfocando as influências da língua materna no processo de aprendizagem de outras línguas, também houve alterações, apoiadas por uma ampliação da compreensão sobre língua/linguagem, tidas anteriormente somente como instrumento de comunicação e que passaram a ser tomadas como objeto de reflexões sobre sua complexidade na constituição do sujeito.

No campo sociopolítico, especificamente em relação à língua espanhola, temos também uma significativa mudança gerada por um acontecimento político-econômico representativo nas relações políticas entre o Brasil e alguns países hispânicos, conhecido como "Tratado do Mercosul".

A constituição desse Tratado criou a expectativa de uma nova etapa de relações entre os países da América do Sul. Dessa expectativa decorre o interesse pelo aprendizado de português e de espanhol, uma vez que nesse novo cenário político, econômico e social, saber a língua do outro é essencial para se estabelecer uma comunicação (especialmente as comerciais) sem equívocos e mal-entendidos, provocados muitas vezes pela proximidade lingüística.

No entanto, até a década de 90, muitas pesquisas e projetos editoriais continuavam dando ênfase à abordagem contrastiva, que permanecia com a comparação "termo a termo" entre o português e o espanhol, como se as duas línguas se reduzissem a nomenclaturas (CELADA, 2002). Por isso, estamos fazendo referência à gramática de Nascentes e ao manual de Becker sobre o imaginário de "línguas parecidas", portanto, "fáceis", implicando uma comunicação praticamente espontânea e imediata, representações que tais instrumentos trazem de forma explícita, e que acreditamos ainda fazer parte dos estudos atuais.

Tais representações, antecipações imaginárias, são também detectadas nos enunciados de sujeitos hispano-falantes que são objeto de análise nesta pesquisa. Essas representações no que diz respeito à proximidade entre o português e o espanhol correspondem a formulações de uma determinada memória social, fruto de “um efeito imaginário de uma continuidade entre as épocas, ou, em outras palavras, a manutenção de uma narrativa coerente [línguas parecidas] para uma formação social em função da reprodução/projeção dos sentidos ‘hegemônicos’” (MARIANI, apud PAYER, 2005, p.07), ou, como afirmam Celada & González (2000, p.03):

El español es una lengua que en Brasil tradicionalmente fue objeto de una “falta de atribución de un supuesto saber” por el cual valiese el esfuerzo de ser estudiada (...), teniendo en cuenta lo que podríamos clasificar, como mínimo, la contrapartida (el portugués es, con mucha frecuencia, un absoluto desconocido, por no decir una ausencia, en la reflexión de los lingüistas hispánicos), hemos vivido desde siempre una historia de desconocimiento mutuo, apoyados, sin embargo —y esto es quizás lo más problemático— en una presuposición de conocimiento. (...) esto se explica por la propia historia de encuentros y desencuentros de nuestros pueblos. Periferia de la periferia, durante mucho tiempo estuvimos pendientes de la llegada tardía de la información de los centros que han mediado históricamente nuestras relaciones. Quizás por eso hemos reproducido durante tanto tiempo lo mismo. (grifo nosso).

Considerando, de forma generalizada, que não encontramos com muita frequência estudos especializados sobre as relações entre as línguas portuguesa e espanhola ou reflexões sobre a língua portuguesa como objeto de interesse de estudos por lingüistas hispânicos, utilizaremos também como referência trabalhos atuais sobre as relações entre o português e o espanhol no Brasil em situações de ensino/aprendizagem formal, mesmo que nossa pesquisa se insira no estudo da relação das duas línguas em situação de aquisição, ou melhor dizendo, é um processo anterior à situação de aquisição propriamente dita. Portanto, o fenômeno de aquisição de línguas é pensado neste trabalho, nos termos de Serrani-Infante (1997a), como a “inscrição do sujeito da enunciação em discursividades da língua alvo”, ou seja, “o processo de produzir e compreender em línguas não maternas”. No caso em foco, seria a inscrição do sujeito hispano-falante em discursividades brasileiras ao enunciar no português-brasileiro. Nesse sentido, estudaremos “os acontecimentos do processo de enunciação” (SERRANI-INFANTE, 1998, 2002, 2003), entendidos como efeitos de “identificação imaginária e/ou simbólica” (ou não-identificação), de “contra-identificação” ou de “desidentificação” (PÊCHEUX, 1988). Há deslizamentos, mal-entendidos,

“movimentos de transferência” (CELADA, 2004), nos confrontos entre sujeitos¹⁵, na interlocução entre o hispano-falante e o brasileiro, o que *caracteriza a produção de sentidos na e pela linguagem*¹⁶.

Recorrendo às formulações de Serrani-Infante e retornando às questões sobre o processo de “enunciar em outras línguas”, a relação do sujeito com a materialidade da língua e com a processualidade do discurso não acarreta uma relação de domínio da língua estrangeira (conhecimentos de regras lingüísticas, gradações de complexidade gramatical ou seqüencialização de situações de comunicação), pois a língua é muito mais que um instrumento de comunicação. Dessa forma, a língua não é considerada independente (exterior) ao sujeito que a adquire; o processo de aquisição não é apenas o armazenamento de palavras e de regras de combinação. O ser humano não vem ao mundo dotado de saberes sobre a linguagem, “ele recebe do exterior o significante, que é, a um só tempo, matéria-prima e ‘instrumento’ da constituição do inconsciente” (ibid., 1998, p.148).

Quando o sujeito está disposto a tomar a palavra em uma outra língua, de forma significativa, ele se inscreve por processos identificatórios em discursos, especificamente em formações discursivas, nessa outra língua. Dito de outra maneira, quando se toma a palavra, se toma também uma posição enunciativa que estará relacionada a processos identificatórios decorrentes de filiações sócio-históricas e memórias, às quais são constitutivas do sujeito. Dessa forma, o sujeito, ao enunciar em outra língua, estará sujeito a identificações imaginárias ou simbólicas. Na “identificação imaginária”, o sujeito se identifica com as imagens do mundo, inscritas no inconsciente em que o seu eu se reconhece. E na “identificação simbólica” opera uma relação entre o(s) significante(s) e o sujeito do inconsciente, do interdiscurso. A identificação simbólica designa a produção do sujeito do inconsciente, ou seja, de discursos, os diferentes modos de dizer (SERRANI-INFANTE, 1998, 2002, 2003).

Segundo Netto, tanto em Freud quanto em Lacan, a identificação “supõe a referência ao outro que funciona como testemunha do discurso ao qual se dirige a mensagem” (2002, p.50). A relação de identificação é uma relação determinada que se institui numa formulação entre o sujeito enunciadador e o sujeito de saber de uma dada formação discursiva, ou seja, é uma “posição de sujeito” (COURTINE, 1981). Isso quer dizer que o que o sujeito enuncia, está relacionado a uma determinada formação discursiva a que ele está vinculado. Ao

¹⁵ Estamos considerando “o postulado de que sujeito e língua estão fortemente imbricados” (SERRANI-INFANTE, 1998, p.148).

¹⁶ Expressão utilizada por Serrani-Infante (1997, p.16) que se adequa a este estudo.

tomar uma “posição de sujeito”, o sujeito se identifica com os elementos de saber enunciados, dos quais se apropria como elementos de saber de seu discurso (ibid.).

Assim, entendemos que ao tomar a palavra no português-brasileiro, o sujeito hispano-falante inscreve-se em processos discursivos, o que significa entrar no jogo identificatório, ou seja, de diferentes “posições de sujeito” a serem assumidas num processo de produção discursiva sobre a língua portuguesa e em língua portuguesa. Nesse jogo identificatório, estaremos considerando também as modalidades da “identificação” (ou não-identificação), da “contra-identificação” (como recusa à identificação) e da “desidentificação”, como constituintes de um trabalho de transformação-deslocamento da forma-sujeito (PÊCHEUX, 1988).

Segundo Mannoni (apud SERRANI 2003, p.287), “uma identificação é uma captura. Aquele que se identifica talvez creia que está capturando o outro, mas é ele quem é capturado”. Continuando com as observações de Mannoni: “para não ser capturado, há uma coisa que se pode fazer: em vez de identificar-se, pode-se fazer uma imitação, ou uma macaquice”¹⁷(ibid, p.287).

Tomando essas reflexões para a nossa pesquisa, capturando o pré-construído¹⁸ de “línguas irmãs”, o português-brasileiro e o espanhol, chegamos a esta questão: o sujeito hispano-falante ao se inscrever em discursividades brasileiras no contato direto com a língua, sob o efeito da transparência da linguagem, se identifica com o português-brasileiro em vez de fazer uma encenação, imitação (micagem) ou zombaria ao enunciar?

Pretendemos responder a tal questionamento no decorrer desta pesquisa, considerando a sua complexidade, por se tratar de encontros em processos discursivos entre línguas próximas, ou seja, o sujeito, na maioria das vezes, não vai ao encontro da língua estrangeira, o português-brasileiro, como uma experiência mobilizadora em direção ao novo.

O sujeito hispano-falante inscrito no processo de enunciação em discursividades no português brasileiro mobilizará os alicerces da “estruturação psíquica e com ela aquilo que é, a um mesmo tempo, o instrumento e a matéria dessa estruturação: a linguagem, a língua chamada materna” (REVUZ, 2002, p.217). Para tanto, considerando que o sujeito hispano-falante tem uma longa história com a sua própria língua, o espanhol, ou seja, com seus saberes sociais, políticos, econômicos, culturais e históricos, essa história pode

¹⁷ De acordo com Mannoni, essa identificação como “zombaria [macaquice], merecia ser estudada mais que tem sido”. Em seguida, comenta que não conhece a etimologia da palavra “zombaria” [moquirie]. Continuando, aponta que fazer macaquices [singeries] pode ser traduzido em espanhol por: “*macaquear*” (1987, p.186). Propomos, em português, a expressão “fazer micagem” para essa compreensão.

¹⁸ Pré-construído remete a saberes já ditos, pré-existentes, o que qualquer um sabe (COURTINE, 1981).

interferir sempre na sua maneira de enunciar no português-brasileiro e também na sua maneira de abordar a língua e de discorrer sobre ela. Por meio dessas reflexões, podemos dizer que quando falamos uma língua, o nosso modo de dizer, ou seja, a língua, a linguagem, o discurso que temos como nosso, está carregado de memórias. Nesse sentido, concordamos com Payer em que:

a(s) memória(s) discursiva(s) com que se identificam os grupos sociais, em nosso meio, reside então não no sentido corriqueiro que remete ao resgate, recuperação e conservação do passado, mas na possibilidade de se compreenderem como se dão os deslocamentos de sentidos, as mudanças, as relações com as diferenças, para que se possam socialmente, institucionalmente, operacionalizá-los onde e quando convém (2005, p.11).

Estamos considerando que o sujeito hispano-falante, participante desta pesquisa, ao enunciar, ao assumir a palavra, assume um lugar social de locutor que o autoriza a falar (GUIMARÃES, 2002), ou seja, seu dizer se insere na posição de um sujeito hispano-falante em relação às suas percepções, impressões, sobre o português-brasileiro. Então, as suas memórias discursivas estão relacionadas com a do grupo social ao qual pertencem, podendo ser retomadas, esquecidas, sofrer deslocamentos e transformações, no processo de enunciar.

As projeções imaginárias da língua portuguesa e da espanhola como sendo “línguas irmãs” ou “línguas parecidas” sugerindo, portanto, uma “comunicação espontânea”, podem silenciar-se, passando por uma “desnaturalização do fenômeno” (LEMOS, 1998). Como aponta Lemos (1998), esse fenômeno emerge no momento em que algo natural, familiar, se torna, pelo menos, estranho. É justamente esse estranhamento que emerge das relações entre o português e o espanhol, como veremos posteriormente, pois os sujeitos hispânicos estão sob o efeito da “evidência da língua”, vistas como transparentes, e da “evidência do sentido”, ou seja, o que uma palavra diz, é o que ela queria dizer (PÊCHEUX, 1988).

Continuando com as reflexões de Payer (1999)¹⁹, é na memória discursiva, enquanto formação discursiva - lugar onde se encontra incluída a língua praticada pelos sujeitos provenientes da imigração - que precisamos pesquisar (nessa memória) elementos de discursos que se encontram inscritos no imaginário social. A partir dos trabalhos de Achard e Pêcheux (1984), a autora compreende que a memória discursiva se apresenta no domínio das identificações/filiações discursivas como “uma base que regulariza a possibilidade de

¹⁹ Em nossas reflexões sobre a memória, apoiamos-nos nos estudos de Payer (1999, 2005).

qualquer dizer” (PAYER, 1999, p.22). Nesse sentido, a memória discursiva é constitutiva dos discursos do sujeito hispano-falante, discurso que está inscrito numa rede de memórias e de práticas sociais, existindo sempre a possibilidade de “desestruturação e/ou reestruturação” (PÊCHEUX, 2002, p.56) desses percursos.

Como buscamos “os sentidos” na língua, na materialidade do discurso, trabalhamos com uma concepção de língua que não tem uma passagem direta entre o “ver e compreender”, e sim que tem espessura semântica e densidade histórico-social (FERREIRA, 2000, p. 23), que resiste às evidências da transparência. Dessa forma, temos que “desconfiar das evidências” (FERREIRA, 2000), não nos submetendo aos enquadramentos formais da língua com aparência lógica. Nesse sentido, a questão do real da língua é crucial, pois na dimensão desse real é que a língua comporta em seu interior um espaço para falhas, fissuras (brechas). E o real é visto como o impossível próprio da língua – “dichos pero no dichos” – (MILNER, 1987, p.35), pois o “todo” (da língua) não se diz. Esse é o “lugar do impossível, (nem tão impossível)”, de jogo da língua, em que os equívocos, as diferenças entre línguas, vêm à tona, ganhando significação (FERREIRA, 2000).

Apoderando-nos dessas reflexões, podemos dizer que no rastro da evidência do sentido, devido à proximidade entre o português e o espanhol, expostos à transparência da linguagem, é que o sujeito hispânico, na ilusão de saber o que diz - afetado por uma “presuposición de conocimiento”²⁰ - encara a língua portuguesa como uma língua conhecida, não diferente da sua, “idêntica”²¹, ou seja, ocorre o “reconhecimento do mesmo”. Assim, nosso questionamento²² é: o que acontece com os sujeitos hispano-falantes convencidos de falar a mesma língua?

Caminhando nessa direção, investigamos, a partir da idéia de que o português-brasileiro e o espanhol são línguas consideradas semelhantes, quais os imaginários produzidos por sujeitos hispano-falantes na produção de discursos em situação de interlocução com brasileiros e seus saberes (informais ou não), enquanto produtores de linguagem, em relação à língua portuguesa.

Dessa forma, é preciso como estudiosos atravessar o imaginário²³ de “línguas parecidas” e entender o processo de imersão como um “processo subjetivo” (SERRANI, 1997), que solicitará a subjetividade do sujeito hispano-falante e o submeterá a circular por

²⁰ Expressão já citada, de Celada & González (2000).

²¹ Usamos essa expressão considerando as colocações de Becker (1999) sobre o português e o espanhol.

²² Este questionamento toma como base as reflexões de Milner (1987).

²³ Essa expressão que julgamos adequada para este estudo consta nos estudos de Orlandi (2002a).

diferentes posições enunciativas, como já afirmado neste estudo. Nesses termos, o encontro do sujeito hispano-falante com o sujeito brasileiro em situações de interlocução poderá levar o sujeito hispano-falante a cometer deslocamentos, transgressões e estar sujeito a certos “movimentos transferenciais” (CELADA, 2004), na produção de sentidos na/e pela linguagem, por meio de suas produções discursivas. Dessa forma, buscamos interpretar as identificações do sujeito hispano-falante no Brasil no processo de produção e atribuição de sentidos em que ele está inscrito ao enunciar, estando imerso no contexto de uso da língua portuguesa. Para tanto, nos apoiaremos em noções cruciais como a de pré-construído, interdiscurso e memória para a reflexão da relação sujeito hispano-falante/língua portuguesa na produção de sentidos.

1.3 Pré-construído

Em relação ao “sentido das palavras”, Pêcheux traz a questão das evidências do sujeito, fazendo referências aos textos de Althusser publicados sob o título de “Ideologia e os Aparelhos de Estado”:

Como todas as evidências, inclusive as que fazem com que uma palavra ‘designa uma coisa’ ou ‘possua um significado’ (portanto inclusive as evidências da transparência da linguagem), a evidência de que vocês e eu somos sujeitos – e até aí não há problema – é um efeito ideológico, o efeito ideológico elementar (Althusser apud Pêcheux, 1988, p.31).

Podemos observar, então, que por meio da evidência do sujeito, foi permitido pensar a forma-sujeito e também a evidência do sentido. A forma-sujeito representa a forma pela qual o sujeito do discurso se identifica com a formação discursiva que o constitui como sujeito. Ao dizer que os sujeitos são interpelados em sujeitos de seu discurso, por meio da formulação discursiva que determina o sentido do que eles dizem, pode-se dizer que “sujeito e sentido se constituem ao mesmo tempo” (PAYER, 1999, p.14-15). Isso pode ocorrer por meio dos discursos-ideológicos da “identificação”, da “contra-identificação” e da “desidentificação” (PÊCHEUX, 1988), sendo que essa última corresponde à passagem do sujeito do discurso a uma outra formação discursiva, ou seja, ocorre uma transformação-deslocamento da forma-sujeito. A desidentificação exhibe o real enquanto “necessidade-pensada”. As duas primeiras modalidades são tomadas de posição subjetivas que determinam

a identificação ou a contra-identificação (rejeição) do sujeito com uma formação discursiva, na qual a evidência do sentido lhe é fornecida, de forma que ele se liga a ela ou a rejeita (ibid., p. 1988).

Ao se perguntar o que a evidência (identificação do sujeito consigo mesmo ao dizer *eu*, “fulano de tal”), simultânea à identificação da coisa (objeto do pensamento do sujeito que a vê, fala dela ou pensa nela) estaria ocultando, Pêcheux chega ao “pré-construído”, termo introduzido por Henry para designar “o que remete a uma construção anterior, exterior, mas sempre independente, em oposição ao que é construído pelo enunciado” (PÊCHEUX, 1988, p.99). Sob o efeito do pré-construído “um elemento irrompe no enunciado como se tivesse sido pensado ‘antes, em outro lugar, independentemente’. (...) o indivíduo é interpelado em sujeito... ao mesmo tempo em que é ‘sempre-já-sujeito’ (...)” (ibid., p.156).

A partir de outro lugar, da exterioridade, o sujeito encontra, ao articular um enunciado, com o “impensado de seu pensamento” (ibid., p.102), “aquilo que se sabe a partir de outro lugar” (ibid., p.111), ou seja, faz um retorno de seus saberes pré-existentes e toma uma posição enquanto sujeito, encontrando um lugar de dizer. O pré-construído remete às evidências, fornecidas pela ideologia, pelas quais “todo mundo sabe”, sob o efeito da “transparência da linguagem”. Equivale a dizer, então, que o pré-construído “corresponde ao ‘sempre-já-ai’ da interpelação ideológica que fornece-impõe a ‘realidade’ e seu ‘sentido’ sob a forma da universalidade [o mundo das coisas] (...)” (ibid, p.164). O pré-construído se articula também na forma do “discurso transversal”, o que era classicamente designado por “metonímia” (ibid, p.166). O funcionamento do discurso transversal possibilita pensarmos em identificações ou não-identificação do sujeito com a língua.

Há uma identificação do sujeito enunciativo com o sujeito universal da formação discursiva, “aquilo que numa formulação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina “o que pode e deve ser dito” (...) (ibid, p.160), o que significa dizer que “as palavras, expressões e preposições” não têm sentido “em si mesmo” (uma relação transparente com a literalidade); elas recebem seu sentido da formulação discursiva na qual são produzidas (ibid.). Em outras palavras, “a formação discursiva é o lugar da constituição do sentido”, o que leva Pêcheux a dizer que “toda formulação discursiva dissimula, pela transparência do sentido que nela se constitui, sua dependência com respeito ao ‘todo complexo com dominante’ das formações discursivas (...)” (PÊCHEUX, 1988, p.162). Diremos, então, que os sentidos no interior das formações discursivas estão sob a dependência do interdiscurso, o “todo complexo com

dominante”. O interdiscurso intrincado nesse complexo fornece “‘a cada sujeito’ sua ‘realidade’, enquanto sistema de evidências e de significações percebidas – aceitas – experimentadas” (ibid., p.162).

1.4 Interdiscurso

O interdiscurso é um espaço de construção do pré-construído, dos saberes já-ditos, o que faz o sujeito identificar-se com a formação discursiva que constitui o seu discurso. Dito de outro modo, o interdiscurso é o “domínio de saber” de uma formação discursiva (COURTINE, 1981). De acordo com esse autor, o interdiscurso é o lugar em que se constituem elementos que um sujeito enunciador se apropria de outros discursos para fazer deles elementos de seu discurso, assim como as articulações entre esses elementos, por meio das quais esse sujeito enunciador dará coerência, de acordo com seu propósito no interior do “intra-discurso” (PÊCHEUX, 1988), “da seqüência discursiva que ele enuncia” (COURTINE, 1981, p.37). Conforme Pêcheux:

O intradiscurso é o funcionamento do discurso em relação a si mesmo [o que eu digo agora, com relação ao que eu disse antes e ao que direi depois; portanto, o conjunto dos fenômenos de co-referência que garantem (...) o fio do discurso, enquanto discurso de um sujeito] (1988, p.166).

Numa seqüência discursiva, o intradiscurso aparece como o lugar em que acontece “a seqüencialização dos elementos de saber” (COURTINE, 1981, p.53), em que o desnivelamento do interdiscursivo se torna linear, numa seqüência única e elementos articulados. O intradiscurso enquanto fio de discurso do sujeito é efeito do interdiscurso (ibid.).

É no espaço interdiscursivo, que se poderia denominar, “domínio da memória (nos termos de Foucault), que constitui a exterioridade do enunciável para o sujeito enunciador na formação dos enunciados ‘pré-construídos’, de que sua enunciação apropria-se” (COURTINE, 1999a, p.18).

1.5 Memória

A produção discursiva põe em movimento, “faz circular, formulações anteriores”, já enunciadas como o efeito de uma “memória na atualidade de um acontecimento [discursivo]” (COURTINE, 1981, p.55). Nesse sentido a memória aparece como retomada e circulação de discursos e pode produzir efeitos de memória específicos. Pêcheux (apud. SCHERER & TASCETTO, 2005), no texto “Role de la memoire”, trata do acontecimento inscrito na memória, de duas formas: quando ele escapa à inscrição e quando é absorvido pela memória, como se não tivesse acontecido. Assim, para construir o acontecimento, “a memória é espaço móvel de disjunção, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização, um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contradiscursos” (ACHARD, apud SCHERER & TASCETTO, 2005, p.121). A memória é, ainda, “tudo que pode deixar marcas dos tempos desjuntados que nós vivemos e que nos permite a todo momento fazer surgir e reunir as temporalidades passadas, presentes e que estão por vir” (SCHERER & TASCETTO, 2005, p.122).

Em “Leitura e memória: projeto de pesquisa”, Pêcheux (1990a) propõe abordar a questão do estatuto social da memória como condição de seu funcionamento discursivo na produção e interpretação dos textos. A memória é considerada como *corpo/corpus* sócio-histórico de traços (representações e crenças) inscritos num espaço discursivo. Essa noção de memória remete à noção de memória coletiva, que permite, no interior de uma formação discursiva, a retomada de elementos de saber, mas também o esquecimento (ibid.). O esquecimento²⁴ diz respeito à compreensão de que o que dizemos já foi dito. Em razão disso, cria a ilusão da originalidade do dizer. Segundo Pêcheux (1988, p.163), isso é necessário para a constituição do sujeito.

Ao referir-se à memória coletiva, Pêcheux está tratando da sua forma científica: a História. Segundo Le Goff (2003), o tempo da história não é o mesmo tempo do psicólogo nem do lingüista, “todavia o exame da temporalidade nessas duas ciências reforça o fato de que a oposição presente/passado não é natural, mas uma construção” (p.13). Podemos pensar que as relações entre o passado e o presente estão imbricadas ao longo da história, uma vez que “por mais afastados no tempo que pareçam os acontecimentos de que trata, na

²⁴ O esquecimento de que falamos é “o esquecimento número Um”, conforme postula Pêcheux (1988, p.173).

realidade, a história liga-se às necessidades e às situações presentes nas quais esses acontecimentos têm ressonância” (CROCE, apud LE GOFF, 2003, p. 24).

As leituras do passado são feitas com perdas, com falhas, mas também novos elementos podem ressurgir. Podemos dizer que os acontecimentos podem ser revistos, ou seja, ocorrem atualizações.

Na obra “O papel da memória”, Pêcheux afirma que a memória não deve ser entendida no sentido psicologista da “memória individual”, mas “nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social, inscrita em práticas, e da memória construída pelo historiador” (1999, p.120). Parece importante ressaltar que a memória discursiva é constitutiva de qualquer memória. Por isso, não vamos nos ater às demais.

Como modo de remissão de um enunciado a outro, de um discurso a outro, de um sentido a outro, a memória discursiva estará investida de “repetições” (PAYER, 1999, COURTINE, 1981). Nessa perspectiva, a memória pode ser compreendida como um meio de repetição sonora na língua, o que a vincula à possibilidade do “reconhecimento do mesmo”, isto é, a memória se inscreve enquanto “matéria re-conhecida, imagem significada, na língua” (PAYER, 1999, p.30).

Nessas circunstâncias, a memória se encontra “‘na’ língua, isto é, sobre o modo como os sentidos produzidos e sustentados socialmente, pela repetição” (ibid, p.31). Continuando, Payer nos diz que “nesta perspectiva, podemos compreender que o modo como uma sociedade, um povo, produz sentidos historicamente encontra-se marcado pela linguagem, no modo como ele fala a ‘sua’ língua, ou melhor, a língua que lhe é dado falar por sua história” (ibid., p.31).

Ao falarmos sobre a língua enquanto produção humana sócio-histórica, estamos falando também de memória discursiva, na qual funciona a repetição (ibid.). Mas a memória não é recuperada de forma íntegra, mas em cacos, em fragmentos e no espaço do novo, pois os enunciados retomados não são simplesmente repetições, eles são afetados pela historicidade. Essa forma de representar a memória na língua está presente nas seqüências discursivas dos hispano-falantes de nossa pesquisa. Quando os sujeitos hispano-falantes tomam a palavra na língua estrangeira, no português-brasileiro, um conjunto de memórias faz parte das circunstâncias enunciativas, no sentido que produzem suas representações imaginárias em relação a essa língua. A língua portuguesa é vista pelo sujeito hispânico como “matéria re-conhecida”, e funciona, em muitos momentos, como “o reconhecimento do mesmo”, talvez consequência de uma história singular que o falante de espanhol mantém com o falante de português: a ilusão de um “suposto saber”. Assim, entendemos que o espaço da

interpretação do sujeito hispânico deriva da sua relação com a memória, com o seu saber discursivo (pré-construídos), com a “formação discursiva” que o determina, que funciona como “memória discursiva” e “filiações identificadoras” (COURTINE, 1981, PÊCHEUX, 2002), inscritas na produção da linguagem.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

2.1 Sobre a coleta de dados

No projeto inicial desta pesquisa, o objetivo era estudar relatos de imigrantes hispânicos, em relação às suas experiências, aos equívocos, aos mal-entendidos a que ficaram expostos pelo encontro com a língua estrangeira, o português-brasileiro, e que os levaram a situações de conflitos ou confrontos no processo de produção e atribuição de sentidos ao enunciar na língua e no país estrangeiro. Entretanto, esse projeto sofreu modificações. A coleta de dados não se limitou aos imigrantes hispânicos, pois percebemos que, incluir a esse grupo, estudantes de intercâmbios, enriqueceria os estudos, sendo possível obtermos dados provavelmente diferentes a respeito da visão do hispânico em relação ao português-brasileiro; uma vez que essas pessoas estão no Brasil há pouco tempo, enquanto os imigrantes estão no país, há muito mais tempo²⁵. Outro fator, entretanto, foi a dificuldade de encontrar imigrantes dispostos a responder a um questionário extenso, como o requerido (e elaborado) para viabilizar a obtenção de dados que se faziam necessários em função da complexidade das questões de pesquisa.

Quando de posse do *corpus*, as respostas dos questionários, produzidas por locutores hispânicos, indicaram outro caminho de estudos. As respostas consideradas mais importantes para a pesquisa (das perguntas número 7 ao número 11) não corresponderam às expectativas iniciais, ou seja, não conseguiam responder aos objetivos iniciais; por outro lado, surgiram outras questões igualmente relevantes: as representações, as formulações imaginárias dos sujeitos hispânicos (falantes de espanhol) em relação ao português-brasileiro. Diante disso, houve mudanças quanto aos objetivos e às perguntas de pesquisa. Essa situação confirma a concepção de que o objeto de pesquisa auxilia na condução dos caminhos da investigação.

²⁵ Nos apêndices é possível visualizar o tempo de permanência das pessoas que participaram desta pesquisa, assim como outros dados.

2.2 O *Corpus* da pesquisa

Neste trabalho, a constituição do *corpus* discursivo foi, com efeito, uma operação que consistiu em delinear, por um dispositivo material estruturado segundo um certo plano e segundo os objetivos da pesquisa, um dado material de análise, considerando, entretanto, as relações de heterogeneidade presentes no material, bem como o fato do *corpus* de análise manter-se em processo de constituição.

Assumindo essa postura teórica, a coleta de dados começou com a estruturação de um plano de perguntas, configurado em dois questionários²⁶; o primeiro contendo 20 perguntas (incluindo subitens) e outro contendo 12 (incluindo subitens), menos extenso, para aqueles que não se encontravam dispostos a responder o mais extenso. Também ficou a critério dos locutores a possibilidade de ser feita uma entrevista, se fosse de preferência dos mesmos, caso houvesse algum inconveniente para responder o questionário.

De acordo com Guilhaumou²⁷ (2005), uma relação se instaura entre quem está perguntando e quem está respondendo a entrevista²⁸ ou o questionário; há uma troca discursiva, uma responsabilidade compartilhada, num espaço comunicativo intersubjetivo. O entrevistador é, “ao mesmo tempo, co-autor e co-ator dos argumentos da narração que ele registra” (ibid., p.8). Assim, Guilhaumou (2005) vai dizer que uma entrevista é um fenômeno de “co-construção discursiva” em que se insere, ao mesmo tempo, a relação entre entrevistador e entrevistado.

Empiricamente, tomamos como *corpus* de análise, dados obtidos de 40 participantes que responderam aos questionários, os quais são relatos de falantes nativos de língua espanhola de várias nacionalidades, residentes no Estado de São Paulo (capital e interior), e no Paraná, na cidade de Curitiba. Estes últimos fazem parte de um grupo que se reúne mensalmente para atividades de confraternização e de ajuda mútua, por estarem no Brasil na condição de estrangeiros e pertencerem a uma comunidade de hispano-falantes. Eles já estão no Brasil há bastante tempo, no mínimo três anos, atuando no mercado profissional brasileiro em diferentes áreas: advocacia, educacional, industrial, etc.; outros são alunos de

²⁶ A respeito da forma do *corpus*, trata-se de “*corpora* experimental”, uma vez que são produzidas seqüências discursivas por locutores em situações experimentais definidas (por meio de um questionário), como respostas a certas perguntas (COURTINE, 1981).

²⁷ Essas observações de Guilhaumou se referem às narrações de “histórias de vida”.

²⁸ Guilhaumou (2005) se refere somente à entrevista, mas também achamos pertinente considerar o questionário. Uma entrevista é um conjunto de perguntas estruturadas, assim como é um questionário.

graduação e de pós-graduação. Também participaram da pesquisa pessoas ligadas a programas de pós-graduação de universidades públicas do estado de São Paulo. Participaram, especificamente, estudantes hispânicos, participantes de programas de intercâmbios de pós-graduação, de mestrado e doutorado de diferentes áreas acadêmicas (matemática, engenharias, etc.). Estes últimos estavam no Brasil há um ano, no mínimo. Por último, participaram algumas pessoas residentes na Baixada Santista, litoral de São Paulo, inseridas no mercado de trabalho. Com o objetivo de fornecer melhor visualização do perfil dos participantes desta pesquisa, foram elaborados gráficos que se encontram em apêndices.

Os dados não existem por si só; eles são resultados de uma construção de arquivo, de um “gesto teórico”. Os materiais discursivos são organizados em vista de um tratamento da Análise do Discurso de linha francesa. Assim, os discursos, as seqüências discursivas, extraídos dessas perguntas delimitam o que Courtine (1981) chama de um “campo discursivo de referência”, nesse caso, as seqüências discursivas formuladas pelos sujeitos hispânicos. O locutor empírico assume o lugar discursivo produzido a partir da imagem de “si” e do “outro” (PÊCHEUX, 1990, p.82), imagem que os sujeitos hispânicos fazem do seu próprio lugar, do lugar dos brasileiros, da língua, lugares determinados na estrutura de uma formação social. De acordo com Courtine (1981), as relações entre esses lugares objetivamente definíveis encontram-se representadas no discurso por uma série de “formações imaginárias”. Em outras palavras, as seqüências discursivas são representações de sujeitos hispano-falantes, sintomas de suas memórias discursivas. Dessa perspectiva, a memória é sócio-histórica e não um simples resgate de situações de confronto (deslizes, deslocamentos, transgressões, mal-entendidos, etc.) vivenciadas e retomadas na íntegra pelos sujeitos envolvidos, mas um lugar de produção e de atribuição de sentidos na relação com a língua estrangeira.

3. ANÁLISE DOS DADOS: UM EMARANHAMENTO DE VOZES

3.1. Primeiro momento: primeiras projeções e teatralização

Começaremos por um pré-construído que muitas vezes atravessa a relação interlocutiva entre sujeitos falantes de espanhol e do português-brasileiro: a idéia de *línguas irmãs* e, conseqüentemente, a ilusão de um “suposto saber”,²⁹ um em relação à língua do outro, no espaço de entendimento do senso comum. Isso quer dizer que estamos partindo das representações sobre o português e o espanhol expostas nos trabalhos de Celada (2002) e Celada & Gonzáles (2000) e das representações contidas na “Gramática de la lengua vulgar de Espana”³⁰.

A interpretação para Pêcheux (1988), do termo pré-construído como “estranha familiaridade” (MALDIDIER, 2003), parece, no nosso caso, articular efeitos de identificação simbólica e imaginária de sujeitos hispano-falantes em relação ao português-brasileiro e ao espanhol, sob o funcionamento da contradição. Esse pré-construído “línguas irmãs” fornece a matéria-prima na qual o sujeito hispânico constrói imagens sobre a própria língua e a língua portuguesa, compondo um universo de representações, impressões, alusões, favoráveis à sua inscrição como falante natural do português no Brasil, em discursividades brasileiras. O sujeito hispano-falante parte de um “discurso fantasmagórico”³¹, “português e espanhol = línguas irmãs” circunscrito em uma ordem histórica, política e social; entrelaçado em memórias várias - mítica, histórica e coletiva – constitutiva dos discursos e dos sujeitos – inscritos em processos sócio-históricos, em deslocamento, em contínuo movimento.

²⁹ Termo utilizado por Celada (2002).

³⁰ Mesmo que as comparações nessa gramática estejam relacionadas ao português de Portugal, as consideramos como formulações-origem (COURTINE, 1981) sobre a língua portuguesa e a espanhola.

³¹ Termo utilizado por Authier-Revuz (2004).

5.1.1 O simulacro da integração

O sujeito hispano-falante, antes de vir para o Brasil, apesar de não saber quase nada ou muitas vezes nada sobre a língua, o país, os brasileiros ou sua cultura, não teve a preocupação com a mudança de língua, e, conseqüentemente, nem de país, devido a uma série de formulações imaginárias antecipadas, sócio-historicamente construídas que fazia da língua portuguesa. Na maioria das vezes, o saber sobre a língua que ele acreditava possuir seria suficiente para que ele se adaptasse bem ao novo país. Ao serem interrogados sobre: a) “O que você já tinha ouvido falar ou já havia estudado sobre o Brasil, sua gente e sua língua, antes de vir para cá?”; b) “Você pensou que sair do seu país e vir para o Brasil seria muito fácil?” Houve mudanças difíceis na sua vida ou não? Por quê?”, os participantes produziram seqüências discursivas como³²:

(1) a) A simpatia e alegria de viver dos brasileiros, a musicalidade, a boa receptividade com os imigrantes, o futebol e o café de exportação.

(enunciadora: espanhola, Advogada, idade: 30- 35, há três anos no Brasil, veio por motivo de trabalho)

(2) a) A sociedade brasileira ajuda muito ao inmigrante para que este se sinta como no seu país.

(enunciadora peruana, cinco anos no Brasil, veio por melhores condições de trabalho, idade: 30 a 40, área de trabalho: secretária, formação - Letras)

(3) b) Sim. Porque são línguas bastante parecidas, com poucas palavras diferentes. Mas fácil de falar e compreender.

(enunciadora uruguaia, professora de espanhol, há 12 anos no Brasil, veio por melhores condições na área de saúde, idade: 40 a 50)

(4) a) Que era uma língua não muito difícil para falar, que era agradável ao ouvido e uma língua gostosa.

³² Todas as seqüências discursivas apresentadas neste trabalho são descritas de acordo com a escrita original feita pelo sujeito hispano-falante, participante desta pesquisa.

(enunciadora chilena, professora, há três anos no Brasil, idade: mais de 50, veio por melhores condições de estudo – pós-graduação)

(5) b) *Sim. São línguas semelhantes. Qualquer um pode se virar com o Espanhol [no Brasil].*

(enunciadora de El Salvador, idade: 40 a 50 anos, há 21 anos no Brasil, veio por motivos familiares)

(6) a) *Nunca senti o português uma língua muito diferente a minha. De fato senão não teria vindo sem saber falar nada da língua.*

(enunciadora argentina, assistente social, há um ano no Brasil por motivos de estudos)

(7) a) *Em geral eu me considerei bem acolhido, e considero que o Brasileiro é muito amigável com os estrangeiros.*

(enunciador colombiano, engenheiro, idade: 30 a 35 anos, há três anos no Brasil, veio por melhores condições de educação - pós-graduação - e por melhores condições de trabalho)

As formulações acima tratam quase sempre de “suposições prévias” sobre a língua portuguesa e os brasileiros, configurando percepções do sujeito hispano-falante, que ao serem representadas apontam para outras representações. Nessas formulações imaginárias percebemos certa generalidade, isto é, que esse discurso, essa posição do sujeito, se insere em um “domínio comum” (ORLANDI, 1987) constituindo um universo positivo, sob dois aspectos: por um lado: os brasileiros *solidários, alegres; receptivos, amigáveis*; por outro, a língua *fácil, agradável, gostosa*. Essa visão marca um caráter familiar de uma língua estrangeira. Essa familiaridade produz um efeito de transparência entre essas línguas, garantindo a imagem de compreensão entre os hispanos-falantes e os brasileiros, de forma espontânea, sem, obviamente, a necessidade de um estudo (formal) mais profundo, como evidencia a formulação: *Nunca senti o português uma língua muito diferente a minha. De fato senão não teria vindo sem saber falar nada da língua*. Nesse sentido, é possível dizer que a inscrição do sujeito hispano-falante em discursividades brasileiras, em situações de imersão, poderá ocorrer num primeiro momento por meio do próprio espanhol. Como apontado na formulação (5): *São línguas semelhantes. Qualquer um pode se virar com o Espanhol [no*

Brasil] (grifo nosso). Com respeito aos falantes de português-brasileiro e de espanhol, Candido, vai nos dizer o seguinte: “se for, por exemplo à Bolívia, um brasileiro se esforçará por falar portunhol, enquanto um boliviano no Brasil falará tranqüilamente o seu bom castelhano” (1993, p.130).

Nesse sentido, o sujeito hispano-falante se apóia em sua produção discursiva em língua materna para falar a língua portuguesa. Além disso, parece não haver uma desconfiança em relação ao funcionamento de aspectos culturais do brasileiro; estes parecem funcionar de modo transparente para o sujeito hispano-falante, assim como a língua.

3.1.2 Formulações imaginárias sobre as línguas

Em resposta às perguntas “Quando veio para o Brasil, você tinha algum conhecimento da língua portuguesa?” e aos seus subitens: a) “O que você sabia sobre a língua falada no Brasil em relação a sua?”; b) “Essas línguas, o português e o espanhol eram comparadas em seu país?”, as expressões freqüentemente enunciadas foram as seguintes:

(1) a) que eram muito similares.

(enunciador boliviano, idade de 25 a 30 anos, engenheiro químico, há um ano e meio no Brasil, veio por melhores condições de educação – pós-graduação)

(2) a) sabia muito pouco, só que eram bem parecidas.

(enunciador colombiano, engenheiro, idade: 30 a 35 anos, há um ano no Brasil, veio por melhores condições de educação - pós-graduação - e por melhores condições de trabalho)

(3) a) Alguns falavam que [o português] era tipo um espanhol mal falado.

(enunciadora peruana, há três anos e meio no Brasil; idade de 20 a 25 anos; arquiteta)

(4) a) Falam que são muito parecidos e que as duas tem a mesma origem.

(enunciadora espanhola, advogada, idade: 30- 35, há três anos e meio no Brasil, veio por motivos de trabalho).

(5) a) Língua muito fácil de aprender e de compreender.

(enunciadora colombiana, química, idade de 20 a 25 anos, há um ano no Brasil, veio por melhores condições de educação – pós-graduação)

(6) a) Falando devagar pode-se entender.

(enunciador venezuelano, engenheiro físico, idade de 20 a 25 anos, há dois anos no Brasil, veio por melhores condições de educação – pós-graduação)

(7) a) Falam que são línguas compatíveis, ou seja, que não é difícil se comunicar, em uma ou em outra.

(enunciadora argentina, idade: de 35 a 40, formada em ciências sociais, há quatro anos no Brasil, veio por melhores oportunidades de emprego)

(8) a) Português falado não é uma língua muito diferenciado do espanhol.

(enunciadora paraguaia: há 29 anos no Brasil, idade: mais de 50, dona de casa, veio por melhores oportunidades de trabalho para os filhos)

(9) a) São línguas irmãs. Latim!

(enunciador venezuelano, há dois anos no Brasil, idade: 20 a 25 anos, engenheiro físico – pós-graduando, veio por motivos políticos)

(10) b) Antes se hablaba poco. Ahora se las compara y se dice que son parecidas, que nos entendemos hablando pero que es difícil aprenderlas bien.

(enunciadora argentina, professora universitária, idade: mais de 50 anos, há 18 anos no Brasil, veio por melhores condições de trabalho)

(11) a) Sabia que era muito mal [falada, o português], é que não tinham muita correção.

(enunciadora chilena, engenheira, professora, há três anos no Brasil, idade: mais de 50, veio por melhores condições de estudo – pós-graduação)

(12) b) *Espanhol fala pela garganta, português mais pelo nariz.*

(enunciadora argentina, formação em ciências sociais, há cinco anos no Brasil, idade: 30 a 35 anos, veio por melhores condições de trabalho)

(13) a) *Na época pensava o que todos pensam que são línguas próximas, portanto não haveria dificuldade com o idioma.*

(enunciadora colombiana, professora, idade de 40 a 50 anos, há nove anos no Brasil, veio por motivos familiares)

(14) a) *Sabia que era muito familiar.*

(enunciador mexicano, há três anos no Brasil, formação em turismo, idade: 30 a 35, veio por melhores condições de trabalho)

(15) a) *Que eram parecidas com algumas pequenas diferenças não importantes.*

(enunciador uruguaio, técnico em segurança do trabalho, escolaridade: nível superior, idade: 40 a 50 anos, há 24 anos no Brasil, veio por melhores condições de trabalho)

(16) a) *Ainda que espanhol e português parecem similares na escrita é necessário ter cuidado com falsos cognatos.*

(enunciador colombiano, engenheiro, idade: 30 a 35 anos, há dez anos no Brasil, veio por melhores condições de educação - pós-graduação - e por melhores condições de trabalho)

(17) a) *Eu sinto que posso escrever e falar muitas palavras sem necessidade de haverlas aprendido, só preciso escrever o espanhol ou falar mal o espanhol que a gente me compreende.*

(enunciadora peruana, idade: 30 a 35 anos, profissão: área de computação, há um ano no Brasil, veio por melhores oportunidades de trabalho)

Essas seqüências discursivas representam posições de saberes do sujeito hispano-falante diante do funcionamento transparente do português. O sujeito hispânico está sob o efeito de identificação com a língua portuguesa, o que lhe permite, ilusoriamente,

acreditar que possui o “domínio da enunciação” e o “domínio da língua”³³ (AUROUX, 1992). Muitas dessas formulações nos fornecem pistas de que elas são retomadas de algum lugar, quer dizer, produzidas em outros discursos, anteriormente e independentes em relação a essa instância discursiva. Esses imaginários de sujeitos hispânicos sobre o português-brasileiro funcionam como um conjunto de memórias discursivas, constitutivas da prática de linguagem desses sujeitos, que organizam sentidos sobre a língua portuguesa.

Essas seqüências discursivas (1 a 17) são retomadas e discutidas ao longo desta pesquisa.

3.1.3 Antecipações imaginárias: discursividades que circulam

Nas seqüências discursivas anteriormente descritas, percebemos formas de “heterogeneidade mostrada”³⁴ (AUTHIER-REVUZ, 1990, 2004): *Alguns falavam que; Falavam que, o que todos pensam,* etc. (grifo nosso). Segundo Authier-Revuz, as formas de heterogeneidade mostrada no discurso “são elementos da representação – fantasmagórica – que o locutor(se) dá de sua enunciação” (2004, p.70). Essas formas lingüísticas inscrevem o outro na seqüência do discurso por meio do discurso indireto, trazendo concepções (alusão, impressões, estereótipos, etc.) do sujeito hispânico e da sua relação com a língua portuguesa, ou seja, representações. No discurso indireto, “o locutor se comporta como tradutor: fazendo uso de suas próprias palavras, ele remete a um outro como fonte de “sentido” dos propósitos que ele relata” (ibid., p.12). Percebemos que tais descrições sobre a língua são feitas sob uma forma natural de reprodução, o que permite a representação no discurso do “discurso do outro”, dos “falares sociais”³⁵. As formas lingüísticas produzidas no “meio do já-dito de outros discursos”, de acordo com o “dialogismo de Bakhtin” (AUTHIER-REVUZ, 1990,

³³ Acreditamos que o “domínio de enunciação” e o “domínio de língua” sejam efeitos que surgem da identificação do sujeito no que diz respeito à língua portuguesa.

³⁴ A heterogeneidade mostrada é definida como “um conjunto de formas explícitas que inscrevem o outro na seqüência do discurso – discurso direto, aspas, formas de retoque ou de glosa, discurso indireto livre, ironia [...]”; formas pelas quais o locutor, no seu discurso, remete a outro discurso já dito (AUTHIER-REVUZ, 1990, p.25). Authier-Revuz descreve a heterogeneidade mostrada como “formas lingüísticas de representação de diferentes posições de negociação do sujeito falante com a heterogeneidade constitutiva [heterogeneidade não marcada por um mecanismo enunciativo, no entanto pode ser definida pela relação que um discurso mantém com outros] do seu discurso” (ibid., p.26).

³⁵ Termos utilizados por Authier-Revuz (1990).

2004) remetem ao campo do interdiscurso, assinalando uma “interdiscursividade representada”.

Nas seqüências discursivas citadas anteriormente, o sujeito ocupa um lugar, uma posição, em que ele adere a discursos do cotidiano, incluindo-se no campo do saber do senso comum.

3.1.4 Relação de proximidade entre as línguas

As enunciações transcritas a seguir talvez pertençam a uma memória mítica, social, o fenômeno da semelhança entre as línguas, o português-brasileiro e o espanhol, o que pode ser representado pela seqüência metonímica³⁶: Português e espanhol → *similares, parecidas, próximas, mesma origem* = línguas irmãs.

(1) *que eram muito similares.*

(enunciador boliviano)

(2) *Sabia muito pouco, só que eram bem parecidas.*

(enunciadora peruana)

(4) *Falam que são muito parecidos e que as duas tem a mesma origem.*

(enunciadora espanhola)

(9) *São línguas irmãs. Latim!*

(enunciador venezuelano)

(13) *Na época pensava o que todos pensam que são línguas próximas, portanto não haveria dificuldade com o idioma.*

(enunciadora colombiana)

³⁶ Em uma metonímia se tem uma proliferação dos harmônicos de uma palavra: “a palavra por palavra” (LACAN, apud AUTHIER-REVUZ, 2004, p.57). Em uma nota essa autora esclarece em relação à metonímia (de acordo com formulações de Freud) que: “a intensidade de uma representação é susceptível de se destacar dela para passar a outras representações originalmente pouco intensas, ligadas à primeira por uma cadeia associativa” (LAPLANCHE e PONTALIS, apud AUTHIER-REVUZ, 2004, p.57).

O termo “línguas irmãs” no funcionamento do “discurso transverso”, designado pela metonímia já mencionada, atravessa e põe em conexão entre si os outros elementos discursivos do interdiscurso do sujeito hispano-falante na forma de pré-construídos, que ele articula (explica) por “co-referência”³⁷, garantindo o fio do discurso, enquanto discursos de sujeitos hispano-falantes, se posicionando em relação à língua portuguesa, a partir de posições ideológicas dadas³⁸ (PÊCHEUX, 1988)

A semelhança entre as línguas é quase sempre intensificada, por um advérbio: “muito”, “bem”; ou por meio da negação: “não é difícil [de se comunicar no português]”. O operador *não* inverte o valor lógico da preposição, o que pressupõe, então, a afirmação: “é fácil”. O sujeito é afetado por pré-construídos: “línguas parecidas”, “línguas irmãs”, “línguas próximas”, “línguas similares”.

Em relação a essa proximidade, podemos observar a inscrição de enunciados como “línguas parecidas”, “línguas irmãs”, “línguas próximas”, “línguas similares”, “línguas semelhantes” como vários “nós” extraídos de uma rede de formulações de seqüências discursivas do *corpus* de pesquisa, cujas condições de produção são “homogêneas e heterogêneas em relação à seqüência discursiva de referência”³⁹ (COURTINE, 1981, p.47): “São línguas irmãs. Latim!”, ou seja, a “formulação discursiva dominante” é determinada pelo interdiscurso (PÊCHEUX, 1988, p.164). O discurso de línguas parecidas, irmãs, etc. se desenvolve e se sustenta – como pudemos ver – por sintagmatização de elementos substituíveis (fenômenos de paráfrase, reformulação), constitutivos de uma dada formulação discursiva em que os sujeitos, provavelmente dominados por ela, se reconhecem entre si como espelhos uns dos outros, um movimento que entre os sujeitos hispânicos se estabelece, talvez por conveniência ou cumplicidade, uma vez que os pouparia de um estudo sistemático da língua portuguesa.

As diversas formulações anteriormente mencionadas resultam de processos discursivos anteriores que deixaram de funcionar, mas que permitiram a “tomada de posição” que assegura o processo discursivo em foco. A percepção do sujeito sobre as línguas, o

³⁷ Em uma nota, Pêcheux (1988) explica que “co-referência” designa o efeito de conjunto pelo qual a identidade estável dos “referentes”- daquilo que está em questão – se encontra garantida no fio do discurso (ibid, p.183).

³⁸ Posições ideológicas se referem à “relação do sujeito com o Sujeito (universal) da Ideologia, que é evocada, assim, no pensamento do sujeito (‘todo mundo sabe que...’, ‘é claro que ...’)” (PÊCHEUX, 1988, p.166).

³⁹ Ela é determinada pela escolha de “uma seqüência discursiva como ponto de referência” a partir do qual o conjunto dos elementos do *corpus* receberá sua organização (COURTINE, 1981, p. 47).

português e o espanhol, é sempre atravessada pelo “ ‘já ouvido’ e o ‘já dito’, através dos quais se constitui a substância das formações imaginárias enunciadas” (PÊCHEUX, 1990, p.85).

De acordo com Courtine (1981), “função vazia”, expressada por Foucault como conceito de posição sujeito⁴⁰ é apenas aparente, sendo preenchida pelo sujeito de saber, próprio de uma dada formação discursiva. Essa função “existe na identificação de elementos de saber pelos enunciadores, que se apropriam dos mesmos como objetos de seus discursos, assim como as articulações entre esses elementos, às quais asseguram uma “coerência intradiscursiva⁴¹ a seu propósito” (ibid., p.45.).

Nesse sentido, Courtine aponta, com base em Foucault (2007), que o sujeito está em “‘descontinuidade com ele mesmo’: em toda formulação. O sujeito enunciator reencontra o sujeito de saber, em sua ignorância, por meio de pré-construído e de articulação de enunciados” (COURTINE, 1981, p.46). A articulação “constitui o sujeito em relação com o sentido e representa, no interdiscurso, aquilo que determina a dominação da forma-sujeito”⁴² (PÊCHEUX, 1988, p.164). Nessas condições, “se pode caracterizar a forma-sujeito como realizando a incorporação-simulação dos elementos do interdiscurso: a unidade (imaginária) do sujeito” (ibid., p.167).

No domínio da forma-sujeito, ou, mais especificamente, do “desdobramento da forma-sujeito”, termo que foi introduzido por Henry (1977), Courtine (1981) aponta, citando Henry, que seria necessário conceber um processo de desdobramento do sujeito da enunciação: um dos sujeitos se identifica com o locutor (como também os conteúdos propostos por ele); enquanto o outro, o duplo do primeiro, não identificável ao locutor, assume o estatuto de “sujeito universal”. Assim, poderia ser entendido, então, que os elementos de saber (pré-construídos) relacionados ao “sujeito universal”, sujeito da ciência, parecem investidos de evidência (ibid.).

Segundo Henry, o sujeito universal “é um efeito reduzido a ser o suporte de um saber sobre a língua”. Esse sujeito “só pode existir no registro do imaginário ou da ideologia, [pois o discurso desse sujeito] só pode ser um discurso fora da história, cuja verdade é sempre já estabelecida e universal” (1992, p.197-198).

⁴⁰ Posição sujeito é entendida como uma relação de identificação estabelecida numa formulação entre um sujeito enunciator e o sujeito de saber de uma formação discursiva dada. A partir das várias modalidades de identificação, surgem diferentes posições de sujeito (COURTINE, 1981).

⁴¹ Essa expressão designa “o funcionamento do discurso com relação a si mesmo (o que eu digo agora, com relação ao que eu disse antes e ao que eu direi depois; portanto, o conjunto dos fenômenos de co-referência que garantem aquilo que se pode chamar o ‘fio do discurso’, enquanto discurso de um sujeito” (PÊCHEUX, 1988, p. 167).

⁴² A forma-sujeito representa a forma pela qual o sujeito se identifica com a formação discursiva que o constitui como sujeito (PÊCHEUX, 1988).

Vejamos, por exemplo, a seqüência *São línguas irmãs. Latim!* que parece gritar para um efeito de evidência de um saber - marcada também pela entonação exclamativa - no dizer desse hispânico. Um saber prévio, não-contestado. Remete simultaneamente “àquilo que todo mundo sabe, isto é, aos conteúdos de pensamento universal, suporte da identificação e àquilo que todo mundo em uma ‘situação’ dada, pode ser e entender, sob a forma das evidências” (PÊCHEUX, 1988, p.171). O sujeito afetado pelo pré-construído “línguas irmãs”, faz uma alusão à língua-mãe do português e do espanhol. Esse lugar da mãe (do latim), até certo ponto, é o da identificação imaginária.

3.1.5 A língua de um é pura encenação da língua do outro

A partir das seqüências que enfatizam a proximidade entres essas línguas parecem surgir outras no fio do discurso como sendo sua conseqüência, sua seqüência natural, sua réplica ou sua reformulação, como essas já mencionadas anteriormente:

(5) Língua muito fácil de aprender e de compreender.

(enunciadora colombiana)

(6) Falando devagar pode-se entender.

(enunciador venezuelano)

(7) português falado não é uma língua muito diferenciado do espanhol.

(enunciadora paraguaia)

(11) Na época pensava o que todos pensam que são línguas próximas, portanto não haveria dificuldade com o idioma.

(enunciadora colombiana)

(14) Que eram parecidas com algumas pequenas diferenças não importantes.

(enunciador uruguaio)

(16) *Ainda que espanhol e português parecem similares na escrita é necessário ter cuidado com falsos cognatos.*

(enunciador colombiano)

Essas seqüências levam a ilusão da “competência espontânea de comunicação”: é possível *entender, compreender, aprender, não haveria dificuldade* em relação à língua portuguesa, o que pode nos levar a expressão: Português = língua fácil.

Mesmo a *necessidade de tomar cuidado com os falsos cognatos*, não é acrescida de *prejuízos* que essa língua poderia dar; mais parece um alerta ao sujeito hispânico desavisado, na projeção imaginária. A seqüência número 14: há *algumas pequenas diferenças*, provavelmente se refere aos “falsos cognatos ou falsos amigos”, causadores de problemas no campo lexical, temidos pela crença de que são os causadores de dificuldades manifestadas como mal-entendidos (VITA, 2005)⁴³. Considerando ainda os estudos dessa autora e também os de Celada (2002), a imagem dos “falsos amigos” é reforçada pela mídia e pelos próprios professores de espanhol e por alguns trabalhos científicos de nosso país, o que contribui para a manutenção dessa idéia. Outra visão, pertencente ao “senso comum”, é a de que, com exceção dos chamados “falsos amigos”⁴⁴, as outras palavras consideradas muito semelhantes à língua materna não causariam problemas à comunicação (VITA, 2005).

Segundo Celada (2002), estudos lingüísticos afirmam que 90% das palavras do espanhol e do português têm equivalentes idênticos ou muito parecidos em cada uma dessas línguas. Assim, o problema estaria nos 10% restantes, pois nesse espaço estariam “escondidos” os conhecidos “falsos amigos”. Partindo de reflexões de Mannoni, Celada (ibid.) conclui que “ter acesso às palavras” é ter acesso ao vocabulário de uma língua, imaginário que reduz a língua e a linguagem a uma nomenclatura. (MANNONI apud. CELADA, 2002).

Tal interpretação segue o modelo teórico da Análise Contrastiva, orientada para o ensino, em sua “versão forte”⁴⁵ (WARDHAUGH apud. YOKOTA, 2005), no qual é realizada uma comparação sistemática de duas línguas. A partir da análise contrastiva poderia se chegar à determinação das diferenças e semelhanças entre as duas línguas e,

⁴³ Os estudos de Vita (2005) sobre os “falsos amigos” se inserem no ensino/aprendizagem formal do espanhol por aprendizes brasileiros, mas os consideramos relevantes para esta pesquisa.

⁴⁴ Geralmente encontrados sob a forma de um listado de palavras da língua espanhola, ao lado de palavras correspondentes (homófonas, homógrafas, etc.) à língua portuguesa.

⁴⁵ Wardhaugh (apud YOKOTA, 2005, p.15), categoriza a análise contrastiva em duas vertentes: “hipótese forte e hipótese fraca”. A “versão forte” estaria ligada ao primeiro movimento da Análise contrastiva; por outro lado, a “versão fraca” objetiva diagnosticar e explicar os desvios descobertos na aprendizagem de línguas estrangeiras.

conseqüentemente, fazer previsões dos problemas de transferências de estruturas, de expressões, da língua materna para a língua estrangeira no processo de aprendizagem.

Em conseqüência dessa forma de ver as duas línguas, no contexto de inscrição na língua em situação de imersão, o sujeito hispano-falante oferece resistência à aquisição da língua portuguesa. No registro do imaginário é propiciada a idéia de “competência espontânea” que, obviamente, leva o sujeito hispânico à imagem da falta de necessidade de passar por um estudo formal do português. Nesse sentido, podemos dizer que há uma não-identificação do sujeito hispano-falante com a língua portuguesa. No entanto, também podemos dizer que existem fortes sinais de uma “contra-identificação” (PÊCHEUX, 1988) – rejeição – do hispano-falante em relação à língua portuguesa.

3.1.6 Falar pela garganta ou falar pelo nariz

Nas enunciações (6) *Falando devagar pode-se entender* e (12) *Espanhol fala pela garganta , português mais pelo nariz*, podemos relacionar os falantes e as línguas e os espaços de enunciação como funcionamento de línguas, tal como conceitua Guimarães: “os falantes são estas pessoas enquanto determinadas pelas línguas que falam (...). São sujeitos da língua enquanto constituídos por este espaço de línguas”. Continuando, Guimarães define “os espaços ‘habitados’ por falantes, [sendo espaços habitados] por sujeitos divididos por seus direitos ao dizer e aos modos de dizer” (2002, p.18). Assim, as estratégias de comunicação utilizadas pelos sujeitos hispânicos invadem os “espaços habitados” pelos falantes de português; os sujeitos hispânicos não são constituídos pelo espaço da língua portuguesa; portanto, eles não são sujeitos dessa língua.

O advérbio de intensidade *mais* marca a distinção entre as línguas: *espanhol fala pela garganta, português [fala] pelo nariz*. Desse modo, pressupõe-se que os sujeitos falantes e as línguas estão divididos por diferentes modos de dizer. Trata-se da capacidade do sujeito hispano-falante de jogar de modo diferente com os sons, entonações e acentuações de uma forma simples (da garganta para o nariz). Isso parece levá-lo a pensar que essa adesão à musicalidade da língua do brasileiro significa a incorporação dessa língua em todas as suas dimensões. Revuz, ao designar a língua como um objeto complexo, menciona que:

Objeto de conhecimento intelectual, a língua é também objeto de prática. Essa prática é, ela própria, complexa. Prática de expressão, mais ou menos criativa, ela solicitará o sujeito, seu modo de relacionar-se com os outros e com o mundo; prática corporal, ela põe em jogo todo o aparelho fonador. [...] o exercício requerido pela aprendizagem de uma língua estrangeira se revela delicado porque solicita [...] nossa relação com o saber, nossa relação com o corpo e nossa relação com nós mesmos [...] (2002, p.216-217).

O sujeito falante não articula a língua de um mesmo lugar. Ele não se dá conta de que mudar de lugar com a mudança de língua não é apenas *falar pela garganta* ou *falar pelo nariz*. A produção de sentidos não está associada a uma mudança da posição de sujeito na língua materna (*falar pela garganta*) para uma posição de sujeito na língua portuguesa (*falar pelo nariz*). Os enunciados podem ter a forma da língua portuguesa, mas os sentidos são da língua materna. Assim, a relação do sujeito hispano-falante com a estrutura da língua portuguesa é uma relação termo-a-termo, numa tentativa que possibilita vivenciar a literalidade de significados entre as línguas.

A garganta e o nariz não são órgãos que dão sentido às palavras. Ao falar uma língua estrangeira, o sujeito falante se movimenta por “diferentes lugares porque sua subjetividade não é a mesma” (MELMAN, 1992, p.47). Em outras palavras, a língua solicitará ao sujeito: sua relação com o seu saber, com ele mesmo, com o seu corpo, com os outros e com o mundo, como nos diz a citação acima, na produção de novos sons e significados da língua estrangeira.

O sujeito falante parece estabelecer critérios de relevância na medida em que interpreta as condições de produção de seu discurso. Ele, provavelmente, faz pressuposições tais como: “como vai ser: quem vai falar?” e “como essa língua deve ser falada?”. No caso de sujeito falante de espanhol, ele fala pela garganta; um brasileiro fala pelo nariz. Podemos vincular essa imagem, sob cujo efeito estão os hispano-falantes, ao teatro, a uma forma de encenação (de representação). Essa parece ser a forma de relação que o sujeito hispano-falante estabelece com a língua e, conseqüentemente, com o próprio processo de aquisição.

Ao falar da situação da língua alemã em Praga, Deleuze & Guattari (1977) se questionam sobre a quantidade de pessoas que vivem em uma língua que não é a delas; ou nem mesmo conhecem mais a língua delas ou ainda não a conheceram, e conhecem mal a língua do outro, da qual são obrigados a se servir. Como resposta a essas questões concluem que essa é a situação dos imigrados, das minorias, da literatura menor⁴⁶, mas também de todos

⁴⁶ O que é uma literatura menor? Literatura menor não quer dizer que seja de uma língua menor, mas é “a que uma minoria faz em uma língua maior”. Uma das características da literatura menor é a desterritorialização da

nós. Deleuse & Guattari afirmam que “uma linguagem qualquer implica sempre uma desterritorialização da boca, da língua e dos dentes”. (ibid., p.30). Continuando, esses autores assinalam que:

a língua compensa sua desterritorialização no sentido. Deixando de ser órgão de sentido, torna-se instrumento do sentido. E é o sentido, como sentido próprio, que preside à atribuição de designação de sons (a coisa ou o estado de coisas que a palavra designa), e, como sentido figurado, à atribuição de imagens e de metáforas (as outras coisas a que a palavra se aplica sob certos aspectos ou certas condições) (1977, p. 31).

Vejamos a situação presente no imaginário do sujeito falante hispânico que para se fazer entendido por falantes de português basta articular um som desterritorializado da boca, da língua e dos dentes, ou seja, *falar pelo nariz*⁴⁷, mas que reterritorializa no sentido, ou melhor, dá esse efeito. Dito de outra maneira, para ser compreendido, o sujeito hispânico imita a sonoridade utilizada pelos brasileiros, *falar enrolado, falar devagar, falar baixo*⁴⁸. Mas, na realidade, esse som ou a palavra que atravessa nova desterritorialização (do espanhol para o português) não são linguagem com sentido, embora dêem um certo efeito disso. Como apontam Deleuse & Guattari, do sentido apenas retemos “um esqueleto ou uma silhueta de papel” (1977, p.32).

Isso também pode ocorrer devido ao efeito de ressonância discursiva. “Existe ressonância discursiva quando determinadas marcas lingüístico-discursivas se repetem, contribuindo a construir a representação de um sentido predominante” (SERRANI-INFANTE, 2001, p.7). Essas marcas podem ser a repetição de itens lexicais (ou de diferentes raízes léxicas) de uma língua em outra que se apresentam ao sujeito hispano-falante como semanticamente equivalentes ou construções que funcionam parafrásticamente (SERRANI-INFANTE, 2001). Esse fenômeno talvez explique enunciações como: *português falado não é uma língua muito diferenciado do espanhol* e, conseqüentemente, *Língua muito fácil de aprender e de compreender*. O sujeito hispano-falante imerso num universo de palavras que lhe soam semelhantes ou idênticas se sente no direito de reproduzir ou produzir outras a partir delas. Pode-se perceber esse efeito nas próprias seqüências enunciativas que estamos

língua, própria a estranhos usos menores. Parafraseando Deleuse & Guattari (1977), a palavra “menor” não qualifica as literaturas, mas as condições revolucionárias de toda literatura dentro daquela já estabelecida.

⁴⁷ O nariz também faz parte do aparelho fonador (SILVA, 2005).

⁴⁸ Expressões utilizadas pelos sujeitos hispânicos em relação à estratégia utilizada para serem entendidos em interlocuções com brasileiros. Tais expressões fazem parte do *corpus* desta pesquisa.

analisando como em: *não é uma língua muito diferenciado do espanhol* (grifo nosso). Um outro exemplo é de sujeitos hispânicos que, ao responderem sobre estratégias utilizadas para serem entendidos quando vieram para o Brasil⁴⁹, indicaram: *procurar palavras parecidas*. Parece que o encontro com a língua portuguesa faz com que o sujeito hispânico abra uma “caixa de ressonâncias”⁵⁰ de sua língua materna.

Essas estratégias de comunicação dos sujeitos hispano-falantes - *falar devagar, falar devagarinho, falar enrolado, procurar palavras parecidas, utilizar mímica, gestos*, parecem estar no campo da teatralidade: os hispânicos falam assim e os brasileiros de outro modo⁵¹, ou seja, a língua de um é pura encenação da língua do outro. Considerando que essa forma de comunicação é, muitas vezes, consciente, podemos pensar que ela pode funcionar em um primeiro momento como uma imitação, ou uma identificação imaginária que pode parecer uma zombaria. O termo “zombaria” (MANNONI, 1987) está sendo colocado aqui como uma recusa, como um meio de resistência à identificação com o real da língua portuguesa.

3.1.7 Não é difícil se comunicar em uma ou em outra

Retomemos a seguinte seqüência discursiva:

(8) *falam que são línguas compatíveis, ou seja, que não é difícil se comunicar, em um ou em outra.*

(enunciadora argentina)

Percebemos que o adjetivo *compatíveis* confere a essas línguas um valor muito forte de aproximação. A partir das relações de sentido de sinonímia da palavra *compatíveis* – coexistir/conciliar-se/harmonizável/simultânea/compatibilidade sanguínea – podemos dizer que essas línguas são capazes de funcionar conjuntamente, podendo ser possuídas, apropriadas, ou exercidas simultaneamente por um mesmo sujeito. Sob o efeito dessa imagem, o sujeito hispânico, capturado por certa posição de saber, da língua materna, acredita

⁴⁹ Pergunta de pesquisa: Se você veio para o Brasil sem saber a língua portuguesa, quais foram as estratégias que você usou para ser entendido?

⁵⁰ Termo utilizado por Authier-Revuz (2004).

⁵¹ Como na seqüência: *Espanhol fala pela garganta, português mais pelo nariz.*

que pode se comunicar no português naturalmente, espontaneamente, como foi dito no enunciado (7) *que não é difícil se comunicar, em uma ou em outra*. A conjunção *ou* liga elementos de igual estatuto sintático e se constitui como articulador de valor semântico-discursivo. Na ocorrência da conjunção *ou*, os dois segmentos se alteram (NEVES, 2006), isto é, qualquer uma das duas proposições pode conectar-se como alternativas mútuas (disjunção), produzindo uma nova proposição. Então, nesse enunciado *que não é difícil se comunicar*, evidencia-se que tanto faz falar a língua portuguesa ou o espanhol: *em uma* ou *em outra*; haveria, portanto, uma relação de equivalência entre ambas, um valor básico comum. Em síntese, essas línguas podem se unir e funcionar em conjunto, por assim dizer, os falantes seriam bilíngües por deterem um saber espontâneo, um da língua do outro.

O funcionamento de ambas as línguas, ilusoriamente, poderia ser entendido como se uma completasse o sentido da outra. Também poderíamos pensar, considerando essas línguas equivalentes, que a produção e atribuição de efeito de sentido de palavras de uma língua na outra acontece como relação de possibilidades de substituição entre elementos (palavras, expressões, pressuposições), de forma assimétrica, de maneira que dois elementos substituíveis A (do espanhol) e B (do português) possuíssem o mesmo sentido, vinculado a sua literalidade, como se pertencessem à mesma formação discursiva, na qual são produzidos (PÊCHEUX, 1988). Pensar dessa forma, no entanto, é descartar as posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras, as expressões ou preposições, são produzidas ou reproduzidas, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições ideológicas representadas pelas formações discursivas. Dito de outro modo, a formação discursiva representa a condição para que cada palavra, expressão ou proposição seja dotada de sentido (PÊCHEUX, 1988).

Ao considerar, no registro do sujeito hispano-falante sobre o português e o espanhol, a imagem de “línguas compatíveis”, podemos ter a seguinte seqüência metonímica:

português ↔ espanhol → parentes → irmãs → parecidas → compatíveis.

Esses saberes lingüísticos são construídos sobre as línguas na relação do sujeito com a linguagem. Colocar em contato o português e o espanhol, parece abrir uma entrada para as buscas de equivalências entre essas línguas, por reflexão metalingüística.

3.1.8 Saber metalingüístico, saber epilingüístico

Auroux (1992) afirma que “todo conhecimento é uma realidade histórica, (...) a temporalidade ramificada da constituição cotidiana do saber” e que “seja a linguagem humana, tal como ela se realizou na diversidade das línguas; saberes se constituíram a seu respeito” (p.11-13). Continuando com Auroux, chegamos à afirmação de que o sujeito hispânico possui um “saber lingüístico” (“saber múltiplo do homem falante”) e que esse saber é “epilingüístico”, ou seja, um saber “representado, construído e manipulado”, enquanto tal, “com a ajuda de uma metalinguagem” (ibid, p.16). Em nota, Auroux (1992:33) explica que Culioli

utiliza o termo [epilingüísmo] para designar o saber inconsciente que todo locutor possui de sua língua e da natureza da linguagem (“a linguagem é uma atividade que supõe ela própria uma perpétua atividade epilingüística (definida como ‘atividade metalingüística não consciente’”). Assumimos que inconsciente significa não-representado: em outras palavras, se esse saber é inconsciente como saber (não sabemos o que sabemos) é porque não dispomos de meio (metalinguagem ou sistema de notação) para falar da linguagem. Ainda que não-representado enquanto tal, esse saber pode (e deve) se “manipular” sob forma de relações conscientes com seu objeto (no sentimento da correção, jogos de linguagem, etc.): esta manifestação é o que chamamos de “consciência epilingüística”.

Isso nos permite dizer que todo sujeito hispânico ao enunciar sobre a língua estrangeira, o português-brasileiro, está sob efeito da manifestação de sua consciência epilingüística.

O saber metalingüístico pode ser de “natureza especulativa, situado puramente no elemento da representação abstrata, ou de natureza prática, isto é, finalizado pela necessidade de adquirir um domínio⁵² (AUROUX, 1992, p. 17). Podemos dizer que as seqüências enunciativas produzidas pelo sujeito hispano-falante até o momento tratam de um saber epilingüístico e metalingüístico⁵³, de “natureza especulativa”, uma representação abstrata do sujeito hispânico sobre as duas línguas. Segundo Auroux (1992), a forma especulativa não é suficientemente dominante para que se possa pensar rigorosamente sua relação com a prática, isto é, sob o modo de aplicação. Se essa forma especulativa vai

⁵² Auroux comenta três tipos de domínio: o domínio da enunciação o domínio das línguas e o domínio da escrita (1992, p.17).

⁵³ A relação entre os dois termos é como um *continuum*: “o primeiro não pára com o aparecimento do segundo; este último não traz automaticamente um conteúdo novo sem entrar no metalingüístico” (AUROUX, 1992, p.33).

permanecer quando o sujeito hispano-falante se inscrever em discursividades brasileiras, veremos no decorrer deste trabalho. Parece também surgir junto às identificações imaginárias desse sujeito-falante hispânico um efeito ilusório de “domínio da enunciação”:

entendido como a capacidade de um locutor tornar sua fala adequada a uma finalidade dada, convencer, representar o real, etc.; e do “domínio da língua”: falar e/ou compreender uma língua, quer se trate da língua materna ou de outras (AUROUX, 1992, p.17).

Estes efeitos estão explícitos nas formulações imaginárias do sujeito hispano-falante, das quais se pode concluir no dizer do sujeito hispânico que *não haveria dificuldade* em relação à língua portuguesa. Uma interpretação plausível seria que não se encontra dificuldade quando se tem “domínio” da língua.

A metalinguagem permite falar da linguagem e da descrição de seu funcionamento. O saber lingüístico do falante se constrói na atividade lingüística e nela se desenvolve (FRANCHI, 2006, p.31). Segundo Authier-Revuz (1998), a metalingüística comum ou epilingüística (em oposição à metalingüística científica) “dá acesso às representações de sujeitos ao sujeito da linguagem (da língua, do sentido, da comunicação...)” (p.15).

As formas de representação reflexiva do dizer dão lugar às representações nos processos discursivos. Considerando que todo discurso produzido toma lugar em um processo discursivo que o determina, as seqüências enunciativas dos sujeitos hispano-falantes que estamos expondo e analisando são sintomas de imagens e memórias enunciativas (discursivas) colocadas em jogo. Como aponta Pêcheux (1990, p.82):

o que funciona nos processos discursivos é uma série de formulações imaginárias que designam o lugar que A e B [destinador e destinatário] se atribuem cada um a “si” e ao “outro”, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro. Se assim ocorre, existem nos mecanismos de qualquer formação social regras de projeção, que estabelecem as relações entre situações (objetivamente definíveis) e as posições (representações dessas situações).

Pêcheux parte do esquema informacional de Jakobson, que trata da mensagem como transmissão de informação, para se referir ao “discurso” não como uma transmissão de informação entre A e B, mas como “efeito de sentido entre eles. A e B designam lugares determinados na estrutura de uma formação social”. A hipótese é que esses lugares se encontram representados, presentes, mas transformados nos processos discursivos em que são colocados em jogo (ibid., p.81-82).

O quadro abaixo (PÊCHEUX, 1990) representa o esboço das posições dos protagonistas A e B que se referem às condições de produção do discurso. Assim, temos as representações da imagem de A em relação a si mesmo e em relação a B e a imagem de B em relação a ele mesmo e em relação a A, como podemos visualizar:

Expressão que designa as formações imaginárias	Significação da expressão	Questão implícita cuja “resposta” subentende a formação imaginária correspondente	
A	$I_A(A)$	Imagem do lugar de A para o sujeito colocado em A	“Quem sou eu para lhe falar assim?”
	$I_A(B)$	Imagem do lugar de B para o sujeito colocado em A	“Quem é ele para que eu lhe fale assim?”
B	$I_B(B)$	Imagem do lugar de B para o sujeito colocado em B	“Quem sou eu para que ele me fale assim?”
	$I_B(A)$	Imagem do lugar de A para o sujeito colocado em B	“Quem é ele para que me fale assim?”
A	$I_A(R)$	“Ponto de vista” de A sobre R	“De que lhe falo assim?”
B	$I_B(R)$	“Ponto de vista” de B sobre R	“De que ele me fala assim?”

Figura 1. Formulações imaginárias no processo discursivo. No gráfico A e B são os protagonistas, e a letra “R” é o “referente”, ou seja, as condições de produção. O esquema trata de um objeto imaginário do “ponto de vista do sujeito” e não da realidade física (PÊCHEUX, 1990, p.83-84).

Essas formulações imaginárias em que A representa para si as representações que tem de B, estão no campo do domínio de antecipação (PÊCHEUX, 1990). Esse domínio lida com a distância presumida entre os interlocutores ao enunciarem e o lugar que eles ocupam no discurso, o que implica a constituição de seu dizer. Desse processo resultam representações identitárias e imaginárias desse sujeito falante hispânico com a formação

discursiva e social na qual ele se inscreve. Através da imagem de si e do outro, o sujeito hispânico pode ser capturado por alguma identificação ilusória (inconsciente).

Se pensarmos que no processo de enunciar em outra língua haverá sempre projeções imaginárias em jogo, capturadas nas seqüências discursivas produzidas pelos sujeitos hispano-falantes, poderíamos pensar que a constituição do *corpus* da pesquisa funciona como uma apreensão de processos de identificação, de contra-identificação e de desidentificação (PÊCHEUX, 1988). Nessa perspectiva, o sujeito hispânico como um “efeito de linguagem seria o sujeito essencialmente representação, de acordo com as ‘formas de linguagem’ que ele enuncia e que na verdade o enuncia, ele não é nada senão a ordem da linguagem na qual ele foi aculturado” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p.65).

3.1.9 Representações imaginárias: o português mal-falado

As representações, a partir das seqüências discursivas já descritas, do português como sendo uma língua *similar, semelhante, parecida, irmã*, e de outras seqüências posteriores que apontam para a possibilidade de *se entender, compreender, aprender, não haveria dificuldade com o idioma*, levam, conseqüentemente, a ilusão da falta de necessidade de se estudar o idioma, como expressa a seqüência: *Que não era difícil de entender nem de falar* (fala de um dos sujeitos hispânicos). Essas idéias trazem ao sujeito hispano-falante a possibilidade da comunicação por meio do espanhol “mal falado”, do espanhol agramatical, lugar e meio da realização do português no seu imaginário.

Essa possibilidade também foi confirmada nos trabalhos de Celada (2002), em uma direção contrária, em que o espanhol se apresenta para os aprendizes brasileiros dessa língua, muitas vezes, não somente uma língua que podemos tomar como ‘quase’ estrangeira, mas também uma versão “mal falada” ora “mais formal” do português-brasileiro. Outros estudos confirmam essa possível ocorrência, como a própria Celada (ibid.) aponta ao indicar que Fanjul (apud. CELADA, 2002), ao analisar a atitude de muitos argentinos, encontra evidências de que eles “tendem a ver o português como um espanhol modificado”, podendo, portanto, ser aprendido espontaneamente e associa tal atitude ao que denomina “versão filogenética” da representação da língua do outro (CELADA, 2002, p. 32).

Nessa perspectiva, o sujeito hispano-falante está sob o efeito dessa projeção imaginária. Ao serem interrogados sobre suas impressões em relação à língua portuguesa, expressaram-se por meio de seqüências discursivas como:

(3) *Alguns falavam que [o português] era tipo um espanhol mal falado.*
(enunciadora peruana)

(17) *Eu sinto que posso escrever e falar muitas palavras sin necessidade de haverlas aprendido, só preciso escrever o espanhol o falar mal o espanhol que a gente me compreende.*
(enunciadora peruana)

Esses enunciados indicariam, portanto, que a utilização do espanhol mal falado poderia resolver a situação de comunicação do hispano-falante no Brasil. No entanto, este, muitas vezes, não se dá conta facilmente de que falar a sua língua na dimensão do erro, não é o mesmo que falar o português, pois, em suas projeções imaginárias, o português é uma língua que permite a incorreção e se encontra na dimensão do “idêntico”⁵⁴, do “compatível”, em relação a sua língua, o que pode ser constatado na seqüência⁵⁵ discursiva:

(12) *Sabia que era muito mal [falada, o português], é que não tinham muita correção.*
(enunciadora chilena)

Podemos entender que recorrer ao português mal-falado se apresenta ao sujeito hispano-falante como uma proteção contra uma língua que lhe parece, ao mesmo tempo, regressiva e transgressiva em relação à dele.

A possibilidade de se posicionar, a partir de sua própria língua, possibilita o imaginário de que se possa realizar um ato “menor” - no português - de uma língua “maior” - o espanhol – definindo-se, então, o português como uma língua que está às margens do espanhol. Provavelmente, o uso dessas duas línguas, sob um efeito metafórico, poderia denunciar uma língua de mestre em oposição à outra, uma língua ordinária (“mal falada”). Em síntese, a projeção feita pelos hispano-falantes é que o português pertence à dimensão de sua

⁵⁴ Entendido como “muito parecido”, “semelhante”, “análogo” (Dicionário Houaiss da língua portuguesa, 2001).

⁵⁵ A seqüência sintetiza enunciados recorrentes de que o português é uma língua mal falada, incorreta.

língua de origem, como uma extensão da língua materna, num movimento de deslize, numa versão “mal falada”, incorreta.

O hispano-falante acredita poder falar a fala do outro significada por ele, ou seja, o sujeito é significado pela sua língua materna e isto o coloca numa posição simbólica nessa língua. Nesse sentido, ele está sob efeito dos elementos do interdiscurso específico da sua língua materna, enquanto “pré-construídos e processos de sustentação” que estão inscritos ou re-inscritos no seu enunciado (PÊCHEUX, 1988).

O sujeito hispano-falante, em seu imaginário, constrói o sentido da seqüência⁵⁶, entre a língua portuguesa e a língua espanhola, acompanhado de conotações de significados de aparência lógica (PÊCHEUX, 1988):

- (a) Português → língua parecida → ilusão de competência espontânea → língua fácil = espanhol mal falado
- (b) Português → língua similar → línguas compatíveis = espanhol mal falado
- (c) Português → língua semelhante → língua mal falada = espanhol mal falado

Nesse sentido, poderíamos considerar essa língua falada espontaneamente pelo sujeito hispânico, o “espanhol mal falado”, como um “português imaginário”⁵⁷. O sujeito hispânico ilusoriamente consegue falar o português, permanecendo no espanhol.

Podemos dizer, ainda, que essa seqüência *Sabia que era muito mal [falada, o português]*, é que não tinham muita correção pode derivar do imaginário de que o “brasileiro fala mal”, o que também pode ser vinculado à relação que o brasileiro estabelece entre a oralidade e a escrita de sua língua. Isso significa que no encontro com o real da língua portuguesa, o hispano-falante estará sujeito aos efeitos de “disjunção”⁵⁸ entre oralidade e escrita, decorrente da história a respeito da relação do brasileiro com a sua língua. Abordaremos essa questão da oralidade e escrita em trecho posterior deste trabalho.

⁵⁶ A construção dessas seqüências foi inspirada por meio de metonímias apresentadas no trabalho de Celada (2002).

⁵⁷ Nos estudos desenvolvidos por Celada (2002), em certo momento, o portunhol é considerado um “espanhol imaginário” pelos aprendizes brasileiros de espanhol, em situação de ensino/aprendizagem formal.

⁵⁸ Termo utilizado por Orlandi (2002) ao falar da história da língua portuguesa, do funcionamento do português-brasileiro.

3.1.10 A ancoragem na língua materna: ponto teórico de apoio

A língua materna é entendida comumente como a primeira língua, aquela da primeira infância⁵⁹ (REVUZ, 2002). Segundo essa autora, a língua materna pode se familiarizar à língua estrangeira, mas “elas não serão jamais da mesma ordem”, a não ser que o sujeito falante seja bilíngüe (Ibid., p.215). Estamos falando de universos discursivos diferentes. No entanto, o encontro com a língua estrangeira faz vir à tona “alguma coisa do laço muito específico que mantemos com nossa língua” (Ibid, p.215). Essa noção parece se confirmar em nosso estudo: no encontro com a nova língua (o português-brasileiro), o sujeito hispano-falante estará ancorado, em grande parte, na sua língua materna.

O encontro do sujeito hispano-falante com a língua portuguesa, na maioria das vezes, como podemos perceber, não é efetivamente uma experiência nova, pois o português é familiar a ele. Mesmo antes de poder falar nessa língua, se inscrever concretamente em discursividades brasileiras, compreendemos que o sujeito hispano-falante manifesta uma relação amplamente inconsciente com a própria língua e com o saber que ela permite construir sobre a língua portuguesa. Essa relação se esclarece um pouco, se pensarmos que o sujeito tem “uma longa história com sua língua” que interferirá sempre em sua maneira de abordar a outra língua, (REVUZ, 2002, p.217), o que pode ser confirmado pelas formulações discursivas transcritas a seguir, em resposta à pergunta: “Quando você fala na língua portuguesa, você sente que o espanhol está presente na sua fala também? Por que você acha que isso acontece?”:

(1) *As vezes quando encontro dificuldade. Acho que é uma forma de procurar recursos no campo mais conhecido que é nossa língua materna, existe um maior domínio e também gera mais confiança.*

(enunciadora colombiana, professora, idade de 40 a 50 anos, há nove anos no Brasil, veio por motivos familiares).

(2) *Tengo y siento mucha interferência del español. Se debe aprender el portugués, separarlo del español aunque nos dé mucho trabajo. Pues el*

⁵⁹ Outras colocações sobre língua materna em relação a alguns problemas inferidos a partir do adjetivo qualitativo “materna” podem ser vistos no artigo: “O que é ‘língua materna?’” (LEITE, 1995).

portugués me exige un gran esfuerzo de concentración para hablarlo correctamente.

(enunciadora argentina, professora universitária de espanhol, idade: mais de 50 anos, há 18 anos no Brasil, veio por melhores condições de trabalho).

Continuando com a reflexão sobre a relação sujeito/língua estrangeira, a idéia proposta por Melman se reafirma em nos nossos estudos. Segundo esse autor:

Quando falamos uma língua estrangeira, estrangeira ao que seja esta língua materna cuja sabedoria teceu nosso inconsciente, o retorno do recalcado na língua estrangeira não poderá mais ser escutado como a expressão de um desejo, mas apenas como a expressão de erros gramaticais, sintáticos, lexicais, etc. (1992,p.45).

Muitos dos sons da língua portuguesa parecem ecoar, retornar ao sujeito hispano-falante muitas vezes como “erros” em relação à sua língua (materna). Essa situação provocada pela distância entre essas línguas traz conseqüências para o sujeito; um sentimento de angústia, como podemos perceber na seqüência discursiva transcrita a seguir. Em resposta à pergunta “Quando você veio para o Brasil, considerava a língua portuguesa uma língua estrangeira ou uma língua muito familiar? Comente a respeito disso”, obtivemos respostas como a que segue⁶⁰:

(1) *Familiar. É difícil quando existem palavras iguais ao espanhol, não consigo diferenciar se está bem o se está errado.*

(enunciadora colombiana, estudante de pós-graduação, há um ano no Brasil, veio por melhores condições de estudo).

Essa formulação confirma uma relação forte que o sujeito hispânico tem com sua língua materna quando fala o português, sem saber ao certo o que está “certo” e o que está “errado”, ou seja, esse sujeito está limitado às fronteiras da língua materna. Ele está fechado a toda definição de uma palavra de sua língua por outras da língua estrangeira. Para falar ele deve fazer frases e, contrariamente, ao que ocorre em língua materna, o sujeito hispano-falante “não tem a cabeça repleta de frases feitas ... por outros” (REVUZ, 2002, p.227), o que o leva “a um verdadeiro trabalho de expressão, a um questionamento permanente sobre a adequação daquilo que diz àquilo que quer dizer” (ibid.). A distância entre a língua materna e

⁶⁰ Nesse exemplo, estamos antecipando o encontro do sujeito hispano-falante com o real da língua portuguesa.

a nova língua provoca no sujeito hispano-falante “‘a angústia legítima por não saber’ se vai conseguir falar ‘x’; angústia que, por sua vez, vai alimentar ‘a necessidade de controle do aprendiz sobre a língua-alvo’”. (FRANZONI, apud CELADA, 2002, p.40). Portanto, o encontro da língua materna com a estrangeira desarranja a estrutura instaurada pela primeira língua, provocando reações diversas.

3.1.11 A língua portuguesa tem algo a oferecer ao sujeito hispano-falante?

Retornando à análise das seqüências enunciativas, focalizaremos o enunciado (10) *Antes se hablaba poco. Ahora se las compara y se dice que son parecidas, que nos entendemos hablando pero que es difícil aprenderlas bien*, produzido em resposta à pergunta: “Essas línguas, o português e o espanhol eram comparadas em seu país?”. A formulação produto da resposta traz no intradiscurso uma ruptura em relação ao saber da língua portuguesa por falantes de espanhol.

Deparamos-nos com quatro níveis nessa seqüência discursiva. Em um primeiro momento *Antes se hablaba poco* evidencia-se que o passado reflete um quase desconhecimento dos hispânicos sobre o português. Em um segundo momento, temos um acontecimento atual: *ahora se las compara*, o que reforça a idéia de que atualmente existe um interesse maior pela língua portuguesa. No terceiro, temos a projeção imaginária que faz parte do presente, a comparação entre ambas as línguas, as quais são “parecidas” (*se dice que son parecidas*), nos leva a hipótese de que o português é uma língua transparente e fácil.

Por último temos uma consequência do que foi dito anteriormente, e também uma contradição entre os dizeres. Os sujeitos hispânicos podem se entender falando, mas quando é exposto que *pero es difícil aprenderlas bien* (grifo nosso), podemos pressupor que essa formulação também quer dizer que, ao enunciar (*nos entendemos hablando*), o sujeito hispano-falante não fala a língua portuguesa, porque as línguas não são consideradas tão semelhantes, o que pode levá-los a falar uma língua diferente da sua língua materna. Outra questão seria a necessidade de *aprendê-la bem*, ou seja, se quiser falar corretamente a língua portuguesa, o sujeito hispânico terá que se submeter ao estudo, à aprendizagem (possivelmente formal). Talvez ainda pudéssemos apresentar outra hipótese, a de que o

sujeito, ao comentar a dificuldade em *aprenderlas bien* (grifo nosso), estaria se posicionado sobre a dificuldade em falar “bem” (corretamente) as duas línguas.

Em outras palavras, esse sujeito parece se defrontar com a possibilidade de uma suposta interferência negativa, segundo a qual, a língua espanhola poderia sofrer no contato com o português (língua tão próxima), causando confusão ao hispano-falante, impossibilitando que este viesse a alcançar uma fluência semelhante à de um nativo.

Podemos entender o enunciado *Antes se hablaba poco. Ahora se las compara y se dice que son parecidas, que nos entendemos hablando pero que es difícil aprenderlas bien* como “uma passagem de uma formulação discursiva à outra marcada no intradiscurso por uma mudança na ocupação das posições de discurso”, pelo sujeito hispano-falante (COLLINOT & MAZIÈRE, 1994, p.196). Essa seqüência discursiva implica uma ruptura na tradição do que vinha sendo pensado a esse respeito, até então. Por conseguinte, essa formulação discursiva pode deslocar o efeito do funcionamento do pré-construído de “línguas parecidas”, evocando, por meio da experiência real do sujeito hispano-falante no confronto com a funcionalidade material da língua portuguesa, a necessidade da aprendizagem (formal) desse idioma. Dito de outra forma, percebemos que a distância percebida entre as línguas pelos sujeitos hispânicos pode provocar alterações durante o processo de produção discursiva na língua alvo. Interpretaremos a mudança de posicionamento em relação à língua portuguesa como um sintoma de que essa língua tem algo a oferecer ao sujeito hispânico.

Em perguntas feitas aos participantes que estão no Brasil há mais de 20 anos, em relação ao que eles sabiam a respeito da língua portuguesa antes de virem para o Brasil, as respostas quase sempre eram: *Nada, quase nada, não sabia nada sobre o idioma português*. Mas os hispânicos que vieram nos últimos dez anos já demonstram que possuíam conhecimento prévio (representações, imaginários) sobre a língua falada no Brasil e sobre os brasileiros, antes de virem ao país. Uma matéria da revista “Isto é” sobre o Mercosul: *Se enseña portugués. Argentinos lotam cursos para aprender o idioma e fazer negócios com o Brasil* aborda avanços do ensino/aprendizagem da língua portuguesa a partir da década de 90 na cidade de Buenos Aires. Com assinatura do Tratado do Mercosul, em 1991, o interesse pela língua portuguesa aumentou significativamente (50%, segundo a matéria dessa revista). De acordo com a reportagem: “o aumento está relacionado essencialmente ao mercado de trabalho”. Acrescenta-se no texto que:

Hoje o português é uma ferramenta básica tanto para o alto executivo quanto para o recém-formado", avalia a diretora da Funceb, Monica Hirst. As empresas também investem na preparação dos funcionários. Na hora de convencer um cliente, não vale nem o portunhol, nem o espanhês, a versão castelhana da enrolação lingüística exibida sem constrangimentos pelos brazucas (Revista Isto é, 1997).

Esses acontecimentos representam, provavelmente, o início do interesse pela língua portuguesa em países de fala hispânica. A Argentina provavelmente apresenta um nível mais alto de interesse por ser o maior parceiro do Brasil nas transações comerciais (entre os países que fazem parte do acordo do Mercosul).

Um exemplo do interesse pela língua portuguesa por parte de argentinos pode ser confirmado pelo enunciado de uma argentina que, em resposta à questão: "O que falavam ou falam sobre o espanhol e o português em seu país?", nos brindou com a seguinte resposta:

(1) Hoje, na Argentina, há o boom do português. A relação mudou muito. (enunciadora argentina, professora universitária, idade: mais de 50 anos, há 17 anos no Brasil, veio por melhores condições de estudos, e ficou por oportunidade de trabalho).

A tendência é que o Mercosul venha a crescer e, aos poucos, os demais países que ainda não pertencem a esse grupo possam se juntar aos participantes⁶¹. Além disso, o Brasil, através de outras formas de transações comerciais, não restritas ao âmbito do Tratado do Mercosul, mantém relações com outros países do mundo hispânico. Sua posição atual no mercado mundial está contribuindo para o interesse de hispânicos em virem para o Brasil (trabalhar, estudar, etc.), o que, conseqüentemente, os coloca numa posição de interessados (em algum momento) pela língua portuguesa. O Mercosul foi o começo e com ele chegaram discussões lingüísticas e acordos políticos sobre o aprendizado das línguas oficiais, o português e o espanhol, nos países pertencentes ao Tratado do Mercosul⁶².

⁶¹ Um exemplo seria o México. O presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em visita ao México para assinar acordos comerciais, convidou o presidente desse país para ser mais um parceiro do Brasil no Mercosul (Reportagem televisiva da Rede Globo, Jornal Nacional, no dia 06/07/07). A ida ao México fez parte de um roteiro de visitas do presidente Lula, no período de 6 a 10 de agosto de 2007, a vários países hispânicos, como Honduras e Nicarágua. O interesse da visita, segundo divulgado pelos meios de comunicação, é sempre nos avanços das relações comerciais e econômicas, entre esses países e o Brasil (Guedes & Pinheiro: Consultoria Internacional, acesso: guedespinheiro.com.br/port/noticias – 10/08/07).

⁶² Os ministros de Educação da Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai assinaram um "Protocolo de intenções", na cidade de Brasília, em 12/1991, em que consideravam imprescindível o desenvolvimento de programas na área de educação nesses países: *formación de la conciencia ciudadana favorable al proceso de integración;*

A implementação desse Tratado propiciou novos discursos de empresários brasileiros preocupados com a importância do saber lingüístico (correto) da língua espanhola por parte dos brasileiros, de forma a evitar possíveis equívocos ou “erros” lingüísticos no mundo dos negócios. Como exemplo, temos o seguinte enunciado⁶³:

Com o acordo comercial firmado pelo Brasil com a Argentina, o Uruguai e o Paraguai, foi-se o tempo em que bastava ao brasileiro atacar com o malfadado portunhol – a mistura improvisada de português com espanhol – para se dar bem nos encontros com cidadãos de outros países latino-americanos (grifo nosso).

Outro exemplo que podemos citar é o título de uma matéria da revista Mercosul⁶⁴: “Não basta o portunhol”. Sobre isso, continua a revista: a “necessidade de entender bem o idioma dos países integrantes do Mercosul, na hora de fechar um negócio, tem aumentado a procura por cursos de espanhol no Brasil” (CELADA, 2002, p.105) (grifo nosso). Continuando a argumentação, um empresário esclarece sobre a necessidade de se saber bem o espanhol, dizendo que “Não podemos cometer erros nos negócios” (ibid., p.105)

Nessa perspectiva, entendemos que essas considerações nas quais se focaliza a necessidade dos brasileiros aprenderem o espanhol, são também válidas em relação à necessidade dos hispânicos aprenderem o português, pois estamos nos referindo a um projeto de integração de alguns países nos âmbitos comercial, econômico, educacional e cultural. “A economia move o mundo”⁶⁵, assim, necessariamente, os contatos comerciais conduzem ao “conhecimento” de línguas (AUROUX, 1992). Como apresentado anteriormente, verifica-se um reconhecimento da “necessidade de entender bem o idioma dos países integrantes do Mercosul” (grifo nosso).

O interesse pelo português também se faz presente na fala dos sujeitos hispânicos. É o que podemos perceber em depoimentos de alguns participantes em resposta às perguntas: a) “*Você considerava importante saber o português antes de vir para o Brasil ou não? Por quê?*”; b) “*Se você estudou a língua portuguesa antes de vir para o Brasil, foi por quanto tempo?*” e c) “*Você achou que foi o suficiente?*”:

capacitación de los recursos humanos para contribuir al desarrollo y armonización de los sistemas educativos (Celada, 2002, p.93).

⁶³ Fragmento extraído do texto “Espanhol: o 3º Idioma do Mundo”, informe publicitário, da Folha de São Paulo, 02/08/1995, p.8. (apud Celada, 2002, p.100).

⁶⁴ Revista Mercosul. Revista de negócios. Mercado do Cone Sul. Ano II, n.17, artigo: p.66. (apud Celada, 2002, p.105).

⁶⁵ Expressão muito usada na mídia e que apresenta forte relação com o “conhecimento” de línguas, uma vez que vivemos numa época de economia globalizada.

(1) a) *Estude 5 meses, tempo muito curto. b) Necessário, sim. Porque ajuda a desenvolver mais pronto no trabalho.*

(enunciadora peruana, profissional em ciências da computação, há dois anos no Brasil, veio por melhores condições de trabalho).

(2) a) *Foram 2 meses, e não foi suficiente. b) Sim, é necessário para ter mais relações e abrir mais portas.*

(enunciadora boliviana, engenheira civil, há 1 ano no Brasil por motivos de estudos - doutorado).

(3) a) *Estudei por 2 anos, quando morava na Argentina e na Bolívia. b) Sim, eu preciso muito da língua para me desenvolver bem no meu trabalho no Brasil. E continuo estudar o português aqui.*

(enunciador argentino, engenheiro químico, há dois anos no Brasil, veio da Bolívia para o Brasil por melhores condições de trabalho).

Esse movimento de um sujeito em direção à língua do outro, aponta para um interesse sobre as funções da linguagem que pode manifestar-se na comunidade de fala do espanhol ou do português-brasileiro como línguas diferentes, e aponta também para a necessidade de um estudo sistemático do português. Nessas circunstâncias, já podemos pensar que há um caminho aberto para a língua portuguesa ocupar um espaço de “língua veicular”, na terminologia de Gobard (apud DELUZE & GUATARI, 1997), para os sujeitos hispânicos. Para uma melhor compreensão desse conceito, apresentaremos, em seguida, o modelo tetralingüístico, proposto por Gobard (ibid.)⁶⁶.

⁶⁶ O modelo tetralingüístico é utilizado para classificar as línguas tomando como referência a língua francesa, o que não nos impede de utilizá-lo, uma vez que a distribuição dessas línguas varia de acordo com as categorias espaço-temporais que elas ocupam de uma época para outra. Por exemplo: hoje o inglês é a língua veicular mundial, mas no passado o latim já foi uma língua veicular na Europa (DELUZE & GUATARI, 1977).

3.1.12 O modelo tetralingüístico proposto por Gobard

Segundo Deluze & Guatari (1977), as línguas são distribuídas de acordo com um sistema hierárquico, uma vez que as funções da linguagem comportam relações de força, dos centros de poder múltiplos, o que está ligado diretamente a fatores sociais. Tais centros de poder se referem ao que pode ser dito ou não pode, o que varia segundo cada língua e as relações entre elas:

- **língua vernácula**, materna ou territorial, de comunidade rural ou de origem rural; na categoria espaço-temporal ocupa a posição de “aqui”;
- **língua veicular**, urbana, estatal ou mesmo mundial, língua de sociedade, de troca comercial, de transmissão burocrática, língua de primeira desterritorialização; na categoria espaço-temporal ocupa a posição dêitica de “em toda parte”;
- **língua referencial**, língua do sentido e da cultura, operando uma reterritorialização cultural; na categoria espaço-temporal ocupa a posição de “lá”;
- **língua mítica**, no horizonte das culturas e de reterritorialização espiritual ou religiosa, na categoria espaço-temporal ocupa a posição de “além”.

O exame da temporalidade nos estudos desses autores não é natural, mas uma construção. As categorias espaço-temporais, por meio de características dêiticas, parecem concretizar os espaços de uso, de funcionalidade, dessas línguas em sociedades e épocas distintas, isto é, passado, presente e futuro. Por exemplo, o inglês é uma língua que se fala “em toda parte”, mas durante muito tempo a que ocupou esse lugar foi o latim (na Europa). Hoje o latim é uma língua mítica, ocupando uma posição “além”, ou seja, um lugar de uso que se encontra distante da sociedade atual.

Nessa perspectiva, não podemos desconsiderar o uso dessas línguas interativas e complementares nos contextos de práticas sociais e culturais, uma vez que “as línguas se fundam em usos” (MARCUSCHI, 2001)⁶⁷, ou seja, todas as suas manifestações são os usos que fazemos da língua. Marcuschi acrescenta que “pouco importa que a faculdade da linguagem seja um fenômeno inato, universal e igual para todos, à moda de um órgão como o coração, o fígado e as amígdalas, o que importa é o que nós fazemos com essa capacidade” (ibid., p.16). Daí, pensar que em seu funcionamento a língua possa existir de forma singular para um determinado sujeito.

De acordo com o modelo tetralingüístico que apresentamos, juntamente às reflexões envolvidas neste trabalho, incluímos entre nossas perguntas de pesquisa, as seguintes indagações: O que oferece a língua portuguesa aos falantes de espanhol? Que lugar a língua portuguesa ocupa na produção discursiva dos sujeitos falantes de espanhol?

Nossa hipótese é que, ocupando o lugar de língua veicular, “língua de sociedade, de troca comercial, de transmissão burocrática” e, possivelmente, também o de língua referencial, “língua do sentido e da cultura”; o português pode oferecer ao sujeito hispano-falante melhores oportunidades, sobretudo, de exercer um trabalho profissional nas transações comerciais e econômicas, com os brasileiros fora do (e no) Brasil; bem como melhores condições de realizar trabalhos científicos (na área de educação), os quais exigem de alguma forma o saber da norma culta da língua⁶⁸. Direta ou indiretamente todos os sujeitos envolvidos em nossa pesquisa estão no Brasil por tais motivos: melhores condições de trabalho e de oportunidades de estudos. Em síntese, a “língua veicular” e a “língua referencial” garantem um envolvimento, uma posição sujeito livre de “erros”, de equívocos e de mal-entendidos⁶⁹, nas instâncias diversas de relações comerciais, econômicas, políticas, sociais, educacionais e culturais, de hispânicos com brasileiros.

⁶⁷ Esse autor se refere ao estudo da língua como uma prática social. Sua concepção de língua pressupõe “um fenômeno heterogêneo (com múltiplas formas de manifestação), variável (dinâmico, susceptível a mudanças), histórico e social (fruto de práticas sociais e históricas), indeterminado sob o ponto de vista semântico e sintático (submetidos às condições de produção) e se manifesta em situações concretas como texto e discurso” (MARCUSCHI, 2001). Nessa perspectiva, consideramos suas colocações válidas para o nosso estudo.

⁶⁸ Por exemplo, os trabalhos finais exigidos pelos cursos de pós-graduação: dissertação ou tese.

⁶⁹ Posição que também pode ser considerada ilusória, pois os equívocos e mal-entendidos são considerados constitutivos da língua, como “efeitos do funcionamento da linguagem”. As “falhas”, os “furos” próprios à ordem da língua, representam o lugar da incompletude da linguagem (FERREIRA, 2000, 2005). O que queremos dizer com isso é que o português como língua veicular e referencial garantiria “o bom uso do português-brasileiro”, ou seja, o uso do português-brasileiro “língua padrão”, e não como uma língua informal.

O lugar que a língua ocupa, entretanto, não é estável, fixo. De acordo com as projeções imaginárias que o sujeito hispânico tem de ambas as línguas, há uma movimentação por diferentes lugares.

Primeiramente esse lugar foi de um quase desconhecimento⁷⁰, seguido por outra posição também histórica da relação entre o espanhol e o português: o fenômeno da proximidade entre essas duas línguas, o que permitiu a nossa primeira seqüência metonímica: português e espanhol → *similares, parecidas, irmãs, próximas*. Essa posição do sujeito hispano-falante implica competência espontânea de comunicação na língua portuguesa, sem, obviamente, a necessidade do ensino da língua, o que leva posteriormente à expressão: *Qualquer um pode se vira com o espanhol [no Brasil]*. Isso significa que o sujeito hispânico pode se comunicar com brasileiros produzindo discursos em espanhol de diversas formas: *falando enrolado, falando devagarinho, falando baixo, com mímica, com gestos*, por meio de *palavras parecidas*⁷¹. Outras vezes, temos essa língua portuguesa tomada pelos sujeitos hispano-falantes como uma versão “mal falada” do espanhol, ou seja, um “espanhol mal-falado”. Nessa perspectiva, essa língua funciona como uma “extensão do espanhol” para o sujeito hispânico, ocupando um lugar extensivo de sua língua materna, que ocupa a posição espaço-temporal “aqui”, ou seja, no mesmo espaço ilusório de funcionalidade na sociedade brasileira e na sociedade hispano-falante.

Esse efeito de proximidade, sob as evidências de que as palavras ou um enunciado queiram dizer “o mesmo” nas duas línguas, mascara, sob a transparência da linguagem, o caráter “material do sentido” (PÊCHEUX, 1988) das palavras e dos enunciados. Em conseqüência, as duas línguas permanecem no mesmo espaço de uso nos processos discursivos dos sujeitos hispânicos.

Segundo Celada (2002), em determinadas épocas o espanhol ocupou um papel especial no Brasil: o de “língua de leitura” em várias áreas do conhecimento, em que não havia tradução para o português. A colocação da autora é confirmada por Candido, ao afirmar que na sua geração, o espanhol era:

Língua de cultura, o espanhol se tornou neste século indispensável aos brasileiros, que conheceram boa parte da produção intelectual de que necessitavam através da mediação de editoras da Espanha, Argentina, México, Chile, que nos traziam os textos dos filósofos, economistas, sociólogos, escritores (1993, p.130).

⁷⁰ Segundo Celada & González (2000), esse desconhecimento é mútuo, e deriva de uma série de fatores como nossas sociedades (brasileira e de povos hispânicos) vivendo durante muito tempo em condições marginais e incomunicáveis; o acesso tardio aos modelos teóricos da lingüística, etc.

⁷¹ Essas são respostas (já mencionadas em trecho anterior) à pergunta feita para os participantes desta investigação: “Se você veio para o Brasil sem saber a língua portuguesa, quais foram as estratégias que você usou para ser entendido?”.

Assim, também pode ser dito que em uma determinada época (1940 a 1960) o espanhol funcionou como uma língua auxiliar (instrumental) para os brasileiros. Nos termos do modelo tetralingüístico, significa que ela funcionou como uma língua referencial (CELADA, 2002), enquanto o português pouco serve nesse sentido (CANDIDO, 1993). É fato que brasileiros e hispânicos continuam capturados pelo efeito de transparência dessas duas línguas, sem submetê-las a um estudo. Em entrevista concedida por Candido (apud CELADA, 2002), aos alunos do curso de Letras da Universidade de São Paulo em 1995, ele disse que “estudar espanhol era impensável, [acrescentando, imediatamente, que] essa é uma preocupação absolutamente nova, que corresponde a estes tempos” (ibid., p.34). Essa constatação de Candido também nos parece válida em relação ao interesse pelo estudo do português por sujeitos hispânicos, um interesse novo e que se intensifica.

Nesse processo contínuo de funcionamento de línguas, na terminologia de Gobard (apud DELUZE & GUATARI, 1997), em vários espaços temporais, vamos continuar a analisar e refletir sobre os lugares que a língua portuguesa possa vir a ocupar, para os sujeitos hispano-falantes inscritos em um processo discursivo, em discursividades brasileiras, em situação de imersão.

3.2 Segundo momento: projeções imaginárias outras

Anteriormente tratamos da língua como um saber metalingüístico, de natureza abstrata, do sujeito hispano-falante. A seguir, abordaremos o saber sobre a língua portuguesa, também como objeto de uma prática social, da experiência do contato com a língua alvo e com o outro (sujeitos) e das significações que nela se inscrevem.

3.2.1 É possível se comunicar falando portunhol

Quando o sujeito hispano-falante chega ao Brasil e se depara com situações reais de contato com a língua portuguesa, o discurso anterior (as seqüências discursivas da primeira projeção) sofre algumas transformações, alguns deslocamentos. Quando se pergunta a) “Você pensou que poderia ter problemas com o idioma (o português) no Brasil?”; ”Você

teve? Quais problemas? Por quê?"; b) "Poderia descrever e comentar sua experiência com o português-brasileiro (as suas relações com a língua)?" e c) "Você conseguiu deixar de falar o espanhol para falar o português?", foram desenvolvidas, pelos participantes, seqüências como:

(1) b) *É possível se comunicar falando "portuñol". O português escrita é diferente em muitas coisas e isso o dificulta* (grifo nosso).

(enunciador boliviano, engenheiro civil, há um ano no Brasil, veio por melhores condições educacionais – pós-graduação)

(2) a) *Sim. Português falado não é uma língua muito diferenciado do espanhol. mas só entendia e falava um portunhol* (grifo nosso).

(enunciador peruano, engenheiro civil, há um ano no Brasil, veio por melhores oportunidades de estudo – pós-graduação)

(3) b) *Cuando estoy en Espanha me dicen que no falo espanhol e cuando estoy no Brasil dicen que no falo português. No entendo. Existem palabras iguales que son muito diferentes És uma confusão. Dá para entender eu acho. Sufri muito aqui.*

(enunciadora espanhola, advogada, idade: 30- 35, há três anos no Brasil, veio por motivo de trabalho)

(4) a) *Sim. Quando dou aulas (...) têm muitas palavras diferentes e os alunos não me entendem* (grifo nosso).

(enunciador colombiano, engenheiro, idade: 30 a 35 anos, há um ano no Brasil, veio por melhores condições de educação - pós-graduação - e por melhores condições de trabalho)

(5) b) *Jogadores de futebol da Colômbia quando falavam português nas entrevistas eu entendia perfeitamente. Logo soube que eles falavam portunhol .*

(enunciador colombiano, engenheiro ambiental, estudante de pós-graduação, há um ano no Brasil, veio por melhores condições de estudo)

(6) c) *Não, falo portunhol.*

(enunciador venezuelano, há dois anos no Brasil, idade: 20 a 25 anos, engenheiro físico – pós-graduando, veio por motivos políticos)

(7) b) *Falar bom português é difícil.*

(enunciadora colombiana, engenheira há um ano no Brasil, idade: 20 a 25 anos, veio por melhores oportunidades de estudo)

(8) a) *Sim. O problema mais importante e que som muito parecidas y eso ayuda y dificulta a aprendizagem ao mesmo tempo.*

(enunciador mexicano, arquiteto, há um ano no Brasil, idade: 25 a 30 anos, veio por oportunidades de estudos)

(9) b) *Eu diria que são línguas similares, mas a fala do português es muito diferente a escritura.*

(enunciadora peruana, idade de 30 a 35 anos, está há cinco anos no Brasil por motivos de trabalho, formação: área de informática)

(10) a) *Creo y pienso que se parece mucho al español, mas para mi há sido de gran difucultad en hablar y hacerme entender.*

(enunciador boliviano, engenheiro, há um ano no Brasil, por melhores oportunidades de estudos – pós-graduação)

(11) b) *No início senti o português muito difícil (...). Adoro escutar o português e gostaria de fala-lo perfeitamente, mas eu já sei que nunca vai sair.*

(enunciadora espanhola, advogada, idade: 30 a 35 anos, há três anos no Brasil, veio por motivo de trabalho)

Nessa fase, poderíamos indagar: a que efeitos de sentido essa falta de identificação (ou não-identificação) com o português-brasileiro conduz o sujeito hispano-falante? Quando o sujeito hispano-falante é exposto ao funcionamento real do português-brasileiro, as seqüências (1), (2) e (5) evidenciam que essa entrada na língua se dá por meio do portunhol. Nessa fase, o sujeito hispano-falante parece ter consciência de que ele não consegue falar (fazer-se entender) nem entender a língua portuguesa, menos ainda escrever nesse idioma, apesar de persistir a imagem de semelhança entre as línguas, o que se depreende

de enunciados como: *Português falado não é uma língua muito diferenciado do espanhol, mas só entendia e falava um portunho e Creo y penso que se parece mucho al español, mas para mi há sido de gran dificultad en hablar y hacerme entender*. Os hispânicos se referem ao portunhol, como sendo a língua produzida e entendida por eles no Brasil. Provavelmente, trata-se de um espanhol aportuguesado ou abrasileirado.

Em outras seqüências, a modalidade escrita do português é considerada diferente, funcionando de forma desigual a do espanhol, dificultando, assim, o entendimento da língua portuguesa. Em outra situação, os sujeitos hispânicos podem se entender, como diz a enunciadora espanhola *Dá para entender*, mas esse “entendimento” do português parece seguido por dificuldades com o idioma ou por “sofrimento”, pois, segundo essa enunciadora *Existem palabras iguales que son muito diferentes*. Assim, podemos pensar que essa semelhança (*palabras iguales*) entre as línguas, traz confusão para o sujeito hispânico, o que o leva provavelmente a falar o “portunhol” (língua de mistura), uma vez que o sujeito não fala nem português nem espanhol, o que é constatado no dizer dessa enunciadora: *Cuando estoy en Espanha me dicen que no falo espanhol e cuando estoy no Brasil dicen que no falo português*. Nesse caso, observamos que o sujeito hispano-falante pode ser um errante entre as duas línguas, ou seja, ele se perde entre ambas.

Verifica-se que o sujeito também pode ser afetado radicalmente pelo real da língua, em um processo subjetivo, a ponto de dizer que nunca vai conseguir falar perfeitamente a língua, como se verifica no enunciado (11): *Adoro escutar o português e gostaria de fala-lo perfeitamente, mas eu já sei que nunca vai sair*. Esta seqüência discursiva mostra o uso correto do pronome em *fala-lo*, o que demonstra que há identificação do sujeito hispano-falante com a língua portuguesa. Esse sujeito se desloca da posição simbólica de “competência espontânea” para desterritorializar-se em direção à língua portuguesa, atingindo tal nível de produção escrita.

De acordo com as condições em que as seqüências enunciativas são produzidas, o sujeito hispano-falante pode continuar no espaço de enunciação em sua própria língua em uma posição de estrangeiro, ao falar o portunhol (uma forma de não ter que se sujeitar ao estudo da língua portuguesa, o que ‘seria’ uma vantagem); como também se livrar da possibilidade de se confundir, de se submeter ao esforço de diferenciar essas línguas no modo de acontecer a sua enunciação, ou seja, de sair da posição de “entremeio” (CELADA, 2002) que caracteriza o espaço de uso dessas línguas e caminhar na direção de *falar o “bom português”*.

Em resumo, podemos afirmar que o sujeito hispano-falante se serve do portunhol (como uma extensão da sua própria língua ou como um ser errante, na tentativa de fazer-se entender), assim como os brasileiros o fazem, na tentativa de fugir das diferenças lingüísticas impostas pela língua estrangeira (espanhol). O uso do portunhol seria, então, mais uma forma de resistência à língua portuguesa.

A relação entre o espanhol e o português é caracterizada pela contradição. O funcionamento desse processo de contradição, por um lado, permite ao sujeito a ilusão da permanência na posição de “competência espontânea”; por outro lado, lhe permite abandonar essa posição de “língua fácil”, sem necessidade de ser estudada. A primeira alternativa remete à seguinte metonímia:

Português ↔ espanhol → línguas irmãs → parecidas → fáceis → ilusão de competência espontânea = portunhol

No passado, as contradições apontadas pela “Gramática de la lengua vulgar de Espana”, foram suficientes para que o autor (anônimo) considerasse a língua portuguesa (de Portugal) “por si mesma”, singular, em relação ao espanhol⁷². Mas, por outro lado, o autor também deixa explícita a idéia de que essas línguas sejam uma só.

Em relação ao fenômeno da contradição entre o português e o espanhol apontado pelo Manual de Becker e pela gramática de Nascentes, podemos considerar que o mesmo não foi suficiente para que se justificasse o ensino profundo do espanhol para os brasileiros e vice-versa. O Manual também traz representações do português e do espanhol como sendo uma só língua, registro imaginário que ainda persiste, pois os sujeitos hispano-falantes também visualizam, de forma geral, em um determinado momento, essas línguas como uma só.

Esse processo, esse *devoir* histórico continua, com o uso do portunhol pelos hispânicos também. No entanto, ainda que únicas, essas línguas, metaforizadas no portunhol, parecem uma “massa, uma mistura esquizofrênica, ventilando o que pode ser dito e o que não pode ser dito: tirando proveito de uma contra a outra” (DELEUZE & GUATTARI, 1977). É nesse sentido que acreditamos que o sujeito hispânico possa fazer piada, ou seja, uma zombaria, encenando ao enunciar, deslizando sobre as palavras, provocando equívocos, mal-

⁷² As relações que o sujeito hispano-falante tem com o português-brasileiro são diferentes das que ele tem com o português de Portugal (GARCÍA, 2000), mas não vamos nos deter nessa questão neste trabalho.

entendidos de forma consciente. Refiro-me a algumas cenas⁷³ que, recorrentes entre sujeitos hispânicos, circulam entre eles e aparecem, relatadas por vários deles no corpus desta pesquisa:

(1) *Um amigo que para agradar outro pergunto apontando para o cachorro: - Esse cachorro é suyo, (ou seja de você) e o amigo respondeu: não, eu lavo ele toda semana.*

(enunciador argentino)

(2) *Eu precisava tomar um ônibus e perguntei para uma moça onde pegava a “buseta”. Pode imaginar a cara da quela menina. Eu fiquei muito tranqüilo. Pensei que ela era louca.*

(enunciador venezuelano)

Trata-se de situações que parecem ter sido vivenciadas de alguma forma, pois foram contadas de várias maneiras, colocando-nos em dúvida se seria uma piada⁷⁴, ou se, de fato, aconteceram (pelo menos, em parte). Fomos levados a concluir que, provavelmente, representariam uma forma de “zombar” de possíveis equívocos a que os sujeitos hispânicos estariam/estão expostos no contato com o português. As cenas constituem sintomas de uma contradição sofrida, apreendida e exibida. Nesse processo de transferência (termos, expressões) de uma língua para a outra, pode acontecer o fenômeno da comicidade (BERGSON, 2001), sendo que o que é cômico suscita a zombaria.

As identificações lúdicas podem significar um movimento em direção à desidentificação (MANNONI, 1987, PÊCHEUX, 1988) desde o começo do contato do sujeito hispânico com a língua portuguesa, provocando uma identificação rechaçada em relação ao português-brasileiro, conforme Mannoni (1987), ou uma contra-identificação, nos termos de Pêcheux (1988). Muitas situações podem conter certo grau de humor negro, causando um efeito negativo no sujeito, podendo fazer, em algum momento ou no decorrer do processo de sua inscrição na língua, com que ele se submeta ao estudo da língua portuguesa. De fato,

⁷³ Essas cenas descritas se referem às perguntas: “Você vivenciou momentos que geraram situações cômicas, devido a deslizes ou equívocos que você tenha cometido no uso da língua portuguesa? Por favor, descreva com detalhes, incluindo também sua percepção sobre a reação das demais pessoas envolvidas”.

⁷⁴ No sentido de um discurso imaginário, inventado.

vários enunciadores reconheceram⁷⁵ ficar: *irritado, com raiva; sentir-se enganado, limitado, tenso, confusos*, quando expostos aos equívocos, mal-entendidos, por *não dominarem a língua*⁷⁶, como pode ser verificado no exemplo da cena⁷⁷ a seguir, em que o sujeito hispânico disse ter ficado *irritado e confuso*:

(1) *No início o fato das pessoas dizerem: Va lá em casa um dia desses. A gente ia mas não era muito bem recebido. Depois nos foi dito que era só um modo de dizer, não um convite real. Na Argentina se dizemos uma frase dessas é porque realmente estamos convidando, sem contar que para ir na casa dos meus amigos nunca tive que telefonar antes, se estava perto eu ia e simplesmente batia a porta e entrava para beber chimarrão e jogar conversa fora. Não havia horário para isso nem regra.*

(enunciadora argentina, idade: 35 a 40 anos, professora, há 13 anos no Brasil, veio por oportunidades de estudo – pós-graduação)

Isso quer dizer que o contato com o real da língua causa estranhamentos que afetam o sujeito, sua subjetividade, e o fazem sofrer. O sujeito hispânico é afetado pelo discurso enquanto prática social, impregnado, obviamente, de elementos culturais, sociais e históricos, constitutivos das práticas discursivas brasileiras.

3.2.2 Portunhol: língua espontânea, inventada, imaginária

No trabalho desenvolvido por Celada (2002) sobre o ensino/aprendizagem do espanhol pelos brasileiros, ela trata da identificação simbólica do brasileiro com o portunhol,

⁷⁵ Essas expressões foram ditas em respostas à pergunta: “Você já vivenciou situações de conflito ou confronto, ao falar na língua portuguesa, que lhe causaram algum constrangimento, ou seja, em que você sentiu certo mal-estar?”.

⁷⁶ Expressão utilizada por hispânicos participantes desta pesquisa em relação a esse tipo de situação.

⁷⁷ Em resposta à pergunta: “Você já vivenciou situações em que percebeu ter havido problema de diferenças culturais (de seu país com o Brasil), ou seja, situações em que você disse algo que não deveria ter dito ou se comportou de modo diferente das demais pessoas? E nos conte também qual a reação das pessoas envolvidas?”.

uma língua espontânea, o que pode ser visualizado na metonímia: *espanhol - língua parecida - língua fácil - língua espontânea = portunhol*⁷⁸ (ibid., p.17).

Na projeção imaginária do brasileiro, essas duas línguas funcionam como mescla uma da outra, o que lhe permite “falar” o espanhol de forma espontânea, permanecendo no português. Essa relação que o brasileiro estabeleceu com o espanhol foi configurada historicamente como uma “promessa de gozo”, devido à “falta de atribuição de saber” numa versão de “língua de mistura” (CELADA, 2002), o portunhol.

No caso inverso, conforme perceptível nos dados de nosso trabalho, podemos considerar que o portunhol, provavelmente, deixa o sujeito hispano-falante à vontade ao enunciar, pois é uma língua que permite o erro, as interferências, como se fora sempre uma “língua de poeta”, o qual fala de um lugar “excessivamente instável e movediço” (PERLONGHER⁷⁹, apud CELADA, 2002, p.111). Nesse sentido, o portunhol - língua imaginária – pode, igualmente, representar para o sujeito hispano-falante uma promessa de gozo, ocupando a função de uma “língua mítica” (GOBARD, apud DELEUZE & GUATTARI, 1977), no horizonte de reterritorialização simbólica no espaço-temporal do “além”, entendido aqui como lugar fronteiro a outro. Dessa forma, o português representado como correto, falado sem interferência, estaria do outro lado da fronteira.

Segundo Celada (2002), a força imaginária do portunhol no Brasil chega a torná-lo “original”, por meio da sua produção e reprodução na mídia de várias formas, contribuindo para dar-lhe visibilidade e fama. Podemos citar como exemplo no meio televisivo o programa *Big Brother Brasil* exibido pela rede Globo. No ano de 2006, esse programa teve um participante brasileiro que foi enviado a um programa argentino similar e um argentino que veio participar do programa brasileiro.

Esses artifícios usados pela televisão de forma lúdica expõem esses personagens aos efeitos da proximidade que o português e o espanhol suscitam: que há um “suposto saber” da língua do outro e que as diferenças são mínimas, levando muitas vezes ao riso. Esse tipo de programa, assim como interpretações de sujeitos hispânicos em novelas brasileiras, apresenta e/ou mantêm imagens cristalizadas (ou cria novas imagens) dessas línguas, em que estes idiomas aparecem tratados como semelhantes, e, portanto, fáceis, sem a necessidade de estudo formal e/ou sistemático. Esses episódios tomam corpo e se instalam no imaginário, na memória coletiva, dos sujeitos hispano-falantes e de brasileiros.

⁷⁸ Metonímia equivalente a que o nosso estudo chegou, permitindo-nos concluir que os brasileiros e os hispânicos partilham certas representações imaginárias, mesmo que em condições de produção discursiva diferentes.

⁷⁹ Na concepção de Perlongher (apud CELADA, 2002), o espanhol é objeto de práticas poéticas.

Celada (2002) ainda afirma que o portunhol é um espanhol imaginário, “uma língua fantástica, projetada pela fantasia do brasileiro, língua que torna (ou tornava) possível a pergunta contida no enunciado (...): ‘Estudar espanhol?! Precisa mesmo?’”. Na inversão, propícia ao nosso estudo, teríamos: “Estudar português?! Precisa mesmo?” Uma possível resposta de hispânicos, em “jejum”⁸⁰, seria o grito pelo uso de uma “língua menor”⁸¹: o portunhol.

Apoiada nas reflexões de González, Celada (2002) chega à conclusão de que o portunhol é uma “língua de todos e de ninguém”, o que pode ser corroborado pelos dados da presente investigação, nos quais se evidencia a possibilidade dos hispânicos o utilizarem para fazer uso da própria língua, pois, se não é de “ninguém”, obviamente, não tem dono, e, portanto, é algo que escapa a uma lei, a uma organização. Sendo assim podemos considerar que ele representaria uma fuga de normas e, geralmente, fugir de normas rígidas quase sempre representa liberdade, o que pode ser tido como prazeroso.

Esse movimento de deslocamento discursivo em direção ao portunhol pode ser entendido se considerarmos que os sujeitos hispano-falantes estão imersos numa rede de significantes pertencentes a uma formação social, a uma formação discursiva que remete a pré-construídos: idéia de “competência espontânea” do português e idéia de “língua fácil” (o português). Essas formulações poderão ser evocadas quando o sujeito hispano-falante enunciar em língua portuguesa ou enunciar sobre a língua portuguesa. Segundo Authier-Revuz :

O próprio de toda formação discursiva é o de dissimular, na transparência do sentido que nela se forma, a objetividade material contraditória do interdiscurso determinante desta formação discursiva como tal, objetividade material que reside no fato de que “isso fala” (ça parle) sempre, “antes, alhures e independentemente”(1990, p.27).

Compreendemos, então, que as identificações simbólicas e imaginárias do sujeito com a língua são relativas, não são fixas, e dependem de “posições subjetivas novas propiciadas pela relação do sujeito com sua enunciação, para a qual, suas formações discursivas (...) serão convocadas” (SERRANI-INFANTE, 1998, p.164).

⁸⁰ Termo que tomamos de Deleuze & Guattari (1977), como proposta para caracterizar – neste trabalho – uma posição daqueles que não querem se sujeitar ao estudo sistemático da língua.

⁸¹ Termo utilizado por Deleuze & Guattari (1977).

3.2.3 O sujeito é efeito de linguagem

A tomada de posição do sujeito hispano-falante, segundo as seqüências discursivas mencionadas, fazem-nos pensar que o espanhol “mal-falado”, “falado enrolado”, “falado devagar”, ou o “famoso portunhol” não é mais imaginado como uma língua que possa substituir totalmente o português. Talvez isso ocorra devido à possibilidade do sujeito hispano-falante encontrar “o mesmo” em toda parte, o que pode fazê-lo esbarrar cada vez mais na diferença entre as línguas. Assim, o poder de “encequecimento”⁸², provocado pelo efeito do encobrimento das diferenças entre as línguas, pelo efeito da transparência entre as línguas, possa ser superado.

A questão da “dificuldade” exposta no contato direto com o português parece ser vista de forma negativa, evidenciando prejuízos para a aprendizagem, como exposto na seqüência: *som muito parecidas y eso ajuda y dificulta a aprendizagem ao mesmo tempo*. A conjunção *y* indica contradição, o que pressupõe que o fato das línguas serem *parecidas* isso *ajuda*, mas também *dificulta*, ou seja, “*ajuda mas atrapalha*”. Esta última foi dita em relação ao funcionamento do espanhol, por uma aluna brasileira, aprendiz de espanhol no Brasil, em situação formal de aprendizagem, citada no trabalho de Celada (2002): *O português ajuda mas atrapalha*. O que podemos observar é que tanto o uso da conjunção *mas* quanto o do *y*, nesses casos, caracterizam uma contradição.

As relações entre o Brasil e os países hispânicos no que se refere as suas línguas oficiais, podem ser assimétricas, como comenta Candido (1993), mas o processo de produzir e compreender, estando um sujeito na língua do outro, gera projeções imaginárias sobre o português e o espanhol muito semelhantes⁸³.

A questão da semelhança se confronta com a questão da diferença, da alteridade, evocando metonímias⁸⁴ como:

1- Português → língua fácil X língua difícil

2- Português falado ≠ português escrito

⁸² Termo utilizado por Revuz (2002) que julgamos adequado a nosso estudo.

⁸³ O trabalho de Celada (2002) caminha em direção oposta, como já dissemos: trata-se de situações de ensino/aprendizagem formal, de espanhol, por brasileiros (no Brasil). No entanto, a análise e as teorizações propostas pela autora, podem ser estendidas para o contexto de nosso trabalho, em que identificamos representações semelhantes em relação ao processo de produzir e de compreender a língua um do outro.

⁸⁴ A partir de seqüências discursivas anteriormente apresentadas (1-11), produzidas por participantes deste estudo.

- 3- Português ≠ espanhol
- 4- Bom português ≠ português mal-falado
- 5- Português falado → língua semelhante ao espanhol
- 6- Português escrito → língua difícil
- 7- Português → língua parecida → ajuda & dificulta
- 8- Português ≠ portunhol
- 9- Português → língua inatingível
- 10- Bom português → língua difícil

Tais metonímias ilustram a passagem dos sujeitos hispano-falantes por múltiplas temporalidades, vivenciando experiências de construção de sentidos, produzidas no processo de imersão na língua portuguesa, e representariam línguas que ora se complementam, ora se rivalizam.

Na caracterização desse funcionamento discursivo ocorre a *grande virada*⁸⁵, o que atualiza o processo de inscrição do sujeito hispânico na língua alvo. As metonímias acima, construída com base em enunciados dos participantes, (des)constróem o imaginário consolidado sobre a relação entre o espanhol e o português:

português ↔ espanhol → línguas irmãs → parecidas → fáceis → ilusão de competência espontânea de comunicação → sem necessidade de estudos.

A interpretação da diferença entre as línguas as submete a reavaliações. Por fim, temos um discurso-outro no campo dos discursos já-ditos, que faz irromper a seqüência:

português ↔ espanhol → semelhantes/diferentes → fáceis/difíceis → há necessidade de estudos → há necessidade de falar a língua portuguesa

Nessa seqüência metonímica, verifica-se a heterogeneidade na fala do sujeito hispano-falante (português: língua fácil, língua difícil), ou seja, a fala é fundamentalmente heterogênea e o sujeito é dividido, coincidindo com o que afirma Authier-Revuz (1990, p.28), ao apontar que “sempre sob as palavras, ‘outras palavras’ são ditas”. Por meio das seqüências mencionadas anteriormente sobre o português: *língua fácil; língua difícil; português falado*

⁸⁵ Termo utilizado por Marcuschi relacionando à entrada da escrita na humanidade (2001).

diferente do português escrito; português é diferente do espanhol; português é diferente doportunhol; bom português é diferente do português mal-falado; português falado é uma língua semelhante ao espanhol; português escrito é uma língua difícil; a idéia de línguas parecidas ajuda e dificulta ao mesmo tempo; português (perfeitamente correto) é uma língua inatingível; falar o bom português é difícil, podemos, então, confirmar o processo de produção de um discurso heterogêneo, contradição entre os dizeres, efeitos de sentido de enunciações de posições de um sujeito descentrado⁸⁶.

Nesse processo reside a descoberta de que o sujeito “não é mais senhor de sua morada”. Essa metáfora nos coloca diante da ilusão tida pelo sujeito hispano-falante de se apropriar da língua do outro, de saber o que diz, de ser dono de suas palavras. Isso designa o efeito de “senhor” ou de “mestre” (MELMAN, 1992) no espaço da língua materna que autorizou o seu dizer. O sujeito hispano-falante tem a ilusão da produção discursiva em sua língua materna ao falar o português. Entretanto, como indica o título de uma entrevista de Jaques Derrida: “a língua não nos pertence”⁸⁷, ou seja, os sujeitos falantes não são donos da língua.

A tomada de distância entre as línguas, antes pequena (muito próxima) era fonte de prazer para o sujeito hispano-falante, pois este considerava que o português pertencia à dimensão da sua língua materna; por outro lado, a distância torna-se fonte de obstáculos, na medida em que se torna maior no contato com a língua portuguesa, produzindo, então, outras significações.

Quando o sujeito hispano-falante se expõe ao funcionamento material lingüístico e, conseqüentemente, histórico da língua portuguesa, em processo de aquisição por imersão, ele é afetado pela disjunção entre oralidade e escrita, como já mencionamos, o que produz efeitos no processo de aquisição. De acordo à forma como ele lida com os desarranjos provocados por essa disjunção entre a fala e a escrita é que há a possibilidade de maior interesse por um estudo sistemático da língua portuguesa.

Nas seqüências discursivas anteriormente descritas,⁸⁸ aparece a questão da dificuldade em falar um *bom português* e também de se escrever corretamente: *Falar bom português é difícil; Eu diria que são línguas similares, mas a fala do português es muito diferente a escritura; O português escrita é diferente em muitas coisas e isso o dificulta*, as

⁸⁶ A prática do descentramento foi inaugurada por Freud e teorizada por Lacan (AUTHIER-REVUZ, 2004).

⁸⁷ Estamos nos referindo a entrevista de Derrida, J. “La langue n’appartient pás – Entretien avec Jacques Derrida”. In: Europa número 861/862, 2001.

⁸⁸ Refiro-me àquelas seqüências descritas na parte nomeada “É possível se comunicar falandoportunhol”.

quais podem ser tomadas como referência a um suposto “domínio das línguas”: para falar “bem” o português e ter domínio da escrita é necessário dominar a gramática (AUROUX, 1992). Nas tentativas anteriores de inscrição do sujeito hispânico na língua portuguesa, a língua considerada “como sistema instável e heterogêneo, [apresentava-se] como um sistema não-fechado, que escapa à gramaticalização” (ibid., p.65). No entanto, quando há uma consciência dos saberes sobre a linguagem, dentre eles uma “consciência normativa” (SERRANI-INFANTE, 2002), por parte do sujeito hispano-falante, abre-se a possibilidade e/ou necessidade do aprendizado (formal ou não) da língua portuguesa.

Essa perspectiva é reforçada pelas seguintes formulações discursivas⁸⁹:

(1) Língua portuguesa difícil para gente.

(enunciador colombiano, engenheiro, idade: 30 a 35 anos, há um ano no Brasil, veio por melhores condições de educação - pós-graduação - e por melhores condições de trabalho)

(2) Eu achei um pouco difícil.

(enunciador argentino, há quatro anos no Brasil, engenheiro, idade: 35 a 40, veio por oportunidade de emprego,)

(3) Um idioma que ainda estou aprendendo.

(enunciador boliviano, idade de 25 a 30 anos, engenheiro químico, há um no Brasil, veio por melhores condições de educação – pós-graduação)

(4) É muito difícil. Palavras que se escrevem igual mas significam outra coisa, não consigo diferenciar se está certo ou errado.

(enunciador uruguaio, técnico em segurança do trabalho, escolaridade: nível superior, idade: 40 a 50 anos, há 24 anos no Brasil, veio por melhores condições de trabalho)

⁸⁹ Em resposta as perguntas já citadas: “Você pensou que poderia ter problemas com o idioma (o português) no Brasil? a) Você teve? Quais problemas? Por quê?”; b) “Poderia descrever e comentar sua experiência com o português-brasileiro (as suas relações com a língua)?” e “c) Você conseguiu deixar de falar o espanhol para falar o português?”,

Nessas formulações, vemos reaparecer a questão da dificuldade diante da língua portuguesa, o que nos permite inferir que elas representam posições que corroboram a geração da possibilidade e/ou da necessidade de aprendizagem do idioma, que havia sido descartada, num primeiro momento.

A semelhança entre as línguas, vista anteriormente como fundamental para o entendimento entre as mesmas, aparece como um empecilho para o processo de aprendizagem do idioma: *É muito difícil. Palavras que se escrevem igual mas significam outra coisa, não consigo diferenciar se está certo ou errado.* Dessa forma, podemos dizer que o sujeito hispânico estabelece uma relação de impossibilidade no que se refere à aquisição da língua portuguesa. Esta deixa de ser vista como uma extensão (na dimensão do erro) da sua própria língua. O sujeito é afetado pela tensão entre a semelhança e a diferença nas práticas discursivas na língua portuguesa. Muitas vezes, o sujeito hispano-falante se perde entre as duas línguas sem saber diferenciá-las, sem saber se está falando espanhol (incluída a sua dimensão do erro) ou se conseguiu falar português, ou ainda, se está fazendo uma mescla das duas línguas, falando, dessa forma, o portunhol, o que pode colocá-lo numa posição de “entremeio”, numa zona em que as duas línguas se cruzam, se entrelaçam. Nesse processo de inscrição na língua e de nela enunciar, podemos compreender que vai se elaborando a construção material de um “hiato” (CELADA, 2002). Sobre esse efeito temos seqüências discursivas dos sujeitos hispânicos, respondendo à questão “Quando você fala na língua portuguesa, você sente que o espanhol está presente na sua fala também? Por que você acha que isso acontece?”:

(1) *Sim, está. Pelo “entremeio” que eu acho que caracteriza o contato entre essas línguas.*

(enunciadora argentina, professora universitária de espanhol, idade: mais de 50 anos, há 17 anos no Brasil, veio por melhores condições de educação e ficou no país por oportunidade de trabalho)

(2) *Sim. Misturo as duas línguas, porque elas são parecidas.*

(enunciador mexicano, arquiteto, há um ano no Brasil, idade: 25 a 30 anos, veio por oportunidades de estudos)

O sujeito pode estar determinado a ficar nessa posição de entremeio ou, como aponta Celada (2002, p.48), “errando pelo entremeio no qual elas [o português e o espanhol], para esse sujeito, se continuam e se separam”, como também pode abandonar essa posição e tentar se identificar com o *bom português*, submetendo-se, assim, às diferenças entre essas línguas.

3.2.4 Identificações simbólicas e imaginárias do sujeito hispano-falante com a língua portuguesa: primeira cena

No processo de inscrição do sujeito hispano-falante em discursividades brasileiras, quando não se consideram as línguas tão semelhantes, a imagem de transparência entre essas línguas e da facilidade do entendimento entre hispânicos e brasileiros sofre deslocamentos. As línguas, já não consideradas tão semelhantes, levam muitos sujeitos hispânicos a optarem por estudo do português ou por distanciarem-se da posição de entendimento do português na dimensão da sua língua materna. Nesse sentido, indagamos: o que acontece com o sujeito hispânico quando exposto ao real da língua portuguesa, que efeitos (desse simbólico) podem surgir?

Em resposta à pergunta “Quando você veio para o Brasil, considerava a língua portuguesa uma língua estrangeira para você? Comente a respeito disso”, uma das respostas foi:

Primeira cena:

Era uma língua quase inatingível. Meu marido ainda lembra que na primeira semana eu chorava e falava que nunca aprenderia a língua e que não conseguia entender. Minha cabeça doía muito. Um mês e meio depois estava assistindo Fera Ferida, fumando Free, bebendo antártica com salgadinhos e falando até pelos cotovelos. Dois anos depois passei na primeira fase do vestibular para letras na Unicamp. (enunciadora argentina, idade de 35 a 40 anos, professora de espanhol, doutoranda na área de letras, está há 13 anos

no Brasil, veio por possibilidades de estudos com bolsa e por possibilidades de trabalho).

Num primeiro momento a língua portuguesa lhe pareceu *inatingível*, quer dizer, o idioma se apresentou ao sujeito como impossível de ser falado, aprendido. Isso provavelmente, pelo motivo que mencionamos anteriormente, a saber, o sujeito ao se deparar com as muitas diferenças entre os dois idiomas, pode ser afetado pelo obstáculo da “distância entre as línguas” (por não ser tão pequena quanto ele imaginava), o que poderia impedir-lhe de chegar a falar com fluência, semelhantemente a um falante nativo. Entretanto, depois de algum tempo, imerso na língua e na cultura do Brasil, o sujeito hispano-falante, nesse exemplo, fala até *pelos cotovelos*, expressão que significa “falar demais” e cujo uso pela participante revela aquisição de aspecto recorrente da modalidade oral do idioma.

Falar demais também pode significar ter a ilusão de domínio de seu discurso, saber do que se diz, ou seja, ignorar a presença de qualquer forma do “outro” (outro sentido, outro discurso, etc.) em seu discurso. Esta possível realidade poderá dar lugar a excessos de linguagem *falar pelos cotovelos*, característica assumida pelo sujeito hispano-falante da oralidade do português, e, conseqüentemente, a identificação desse sujeito, em seu imaginário, com o cotidiano do brasileiro, no qual a língua coloquial (da expressão *falar pelos cotovelos*) está presente, pois, percebemos revelar-se, por seu discurso, um desejo intenso do mesmo de adaptar-se, de transformar em familiar, íntimo, esse ambiente estrangeiro, ou melhor, de se identificar com a língua e com “o lugar do outro”, lugar que, nesse caso, o brasileiro ocupa.

As expressões: *assistindo Fera Ferida* (uma novela brasileira), *fumando Free* (marca de cigarro), *bebendo antártica* (marca de bebida fabricada no Brasil) *com salgadinhos, passar na primeira fase do vestibular*⁹⁰ *para Letras* revelam essa questão, ou seja, a forma que o sujeito hispânico encontra para, pelo menos em parte, se dizer brasileiro. O sujeito hispânico poderia estar (talvez provocado pelo seu desejo de falar) falando (*até pelos cotovelos*) um “português imaginário”, uma imitação. Ele provavelmente poderia estar falando qualquer coisa, pois está sob o efeito do confronto com o real da língua. No entanto, esse sujeito, poderia também não estar “falando português”. Todavia, a cena que o sujeito hispânico cria, também pode representar, para ele, a sensação de estar “falando o português”,

⁹⁰ Na Argentina não se realiza o vestibular para o ingresso de estudantes na rede de ensino superior.

o que pode ser talvez esclarecido por outras declarações do mesmo, em relação às perguntas que se seguem:

a) “Quando você teve a oportunidade de vir para o Brasil, você tinha algum conhecimento da língua portuguesa?”

Não, nenhum.

b) “Você considerava importante saber o português antes de vir para o Brasil ou não? Por quê?”

Não pensei no assunto na época, mais do que a língua estava preocupada com meu futuro. Hoje acho que teria sido muito melhor se estudasse.

É preciso ver que por meio dessas respostas, esse sujeito hispano-falante não considerou importante anteriormente (há 13 anos – antes de vir para o Brasil) saber a língua portuguesa, pois nem *pensou no assunto*. Verifica-se, entretanto, que depois de se confrontar com a realidade brasileira, a opinião é outra. A palavra *hoje* dá a entender o quanto pode ser longo esse processo de enunciar em outra língua e suas implicações. As respostas às perguntas a seguir nos ajudam a entender melhor essa situação:

c) “Você pensou que pudesse ter problemas com o idioma (o português) no Brasil?”

Não.

d) “Você teve? Quais problemas? Por quê?”

Tive problemas lógicos, de não compreender o que falavam, ouvir um jogo de futebol no radio durante três horas sem saber quando acabara, ou pagar mais o preço da verdura na feira porque não dominava a língua].

O fato desse sujeito hispano-falante dizer *não compreender o que falavam*, demonstra decepção por não saber a língua portuguesa, fato constatado por ele ao interagir em situações de discursividades brasileiras. O pensamento lógico (PÊCHEUX, 2002) faz com que esse sujeito se coloque diante de outra realidade: se não sabe a língua, não pode compreendê-la, o que acarreta *problemas*. Esse sentido parece se instituir em outra formação

discursiva, na qual esse sujeito hispânico não esperava ter problemas (dificuldades) com a língua portuguesa. Podemos considerar que ocorre, então, a modalidade da desidentificação (PÊCHEUX, 1988), enquanto deslocamento de uma formulação discursiva à outra, na qual o sujeito se identifica, afetado pelas dificuldades lingüísticas impostas pela língua e pelo confronto com a forma de interpretar o real da língua portuguesa. Ele sente-se *perdido*, *traumatizado*, por achar que seu desejo de compreender espontaneamente a língua foi interrompido pela distância entre os idiomas. Ele *chora* e tem *dores de cabeça* ao reconhecer a realidade, revelando estar sob efeito de um estranhamento.

Consideraríamos, então, que o real da língua não permitiu que se concretizasse a ilusão de competência espontânea de comunicação. Somos levados a pensar que a língua portuguesa em seu real é identificada como estrangeira pelo sujeito hispânico. A seguir, outra declaração do mesmo sujeito, que nos permite continuar as reflexões:

e) “Você acha que o português que fala deve ser melhorado? Por quê?”

Sim, ainda tenho interferências não tanto a nível lexical como a nível fonético.

A minha sintaxe é um tanto idiossincrática: brasileiros dizem que é do espanhol, argentinos dizem que é do português.

Nessa resposta o sujeito hispano-falante afirma que, ao falar o português (mesmo estando no Brasil há 13 anos, tendo feito o curso de graduação em Letras e sendo doutoranda na área de Letras), ocorre interferência do espanhol, em seu dizer, tanto no nível lexical quanto no nível fonológico. No discurso já mencionado (primeira cena), observamos uma interferência lexical, no nível de adequação de vocabulário, que pode ser facilmente observada na cena enunciativa anterior, evidenciada pelo uso da palavra *cabaça* em lugar de *cabeça*. Os dois termos pertencem à língua portuguesa e possuem significados que se entrelaçam de alguma forma. O sujeito hispânico ao fazer a passagem desse significante *cabeça* para outro *cabaça*, é afetado por uma forma de transferência que provoca efeitos de inteligibilidade em sua fala, não permitindo o efeito de “coerência discursiva” (Orlandi, 1996) devido.

Segundo González (2005)⁹¹, o fenômeno da transferência, nos processos de aquisição/aprendizagem de línguas estrangeiras, se manifesta de formas muito variadas e não

⁹¹ O estudo de González (2005) sobre aquisição/aprendizagem de línguas estrangeiras pertence a outras correntes teóricas, mas sua reflexão sobre o fenômeno da transferência confirma o papel importante da língua materna na de aquisição de língua estrangeira.

simplesmente como transposição, com efeitos negativos ou positivos, de uma língua para outra. Para essa autora, a transferência não é um elemento cognitivo que conduz a uma interlíngua⁹² calcada na língua materna, mas que intermedeia o contato com a língua alvo e produz efeitos vários na produção da língua estrangeira; entretanto, esse elemento pode ser o de uma interlíngua calcada na língua materna.

Em nossa análise, verificamos que, a partir das diferenças e semelhanças entre as línguas, apontadas pelos sujeitos hispano-falantes nas seqüências mencionadas, podem ser produzidos efeitos vários na enunciação em língua estrangeira, mas acreditamos que tais efeitos sejam, em grande parte, consequência das antecipações imaginárias desses sujeitos em relação às duas línguas, português e espanhol. Adicionalmente, podemos acrescentar que pensar em tal relação torna impossível não pensar nas referências à língua materna. Essa afirmação pode ser apoiada pelas palavras de Revuz:

(...) a língua estrangeira é, por definição, uma segunda língua, aprendida depois e tendo como referência uma primeira língua, aquela da primeira infância. Pode-se aprender uma língua estrangeira somente porque já se teve acesso à linguagem através de uma outra língua (2002, p.215).

Outra questão que parece se confirmar é a de identificação simbólica e imaginária desse sujeito com a oralidade do português-brasileiro e, em parte, com o próprio brasileiro.

Segundo Netto (2002)⁹³, o conceito de identificação na psicologia e na sociologia inaugura uma nova fase, permitindo a afirmação de que “uma pessoa pode identificar-se com outra, imitá-la, assumir-lhe algumas características. A transforma-se em B, como fruto das relações intersubjetivas, no âmbito da consciência” (ibid., p.47).

Seguindo essa proposta de identificação, “em que o outro é condição para o surgimento do eu, A tornando-se igual a B, não simplesmente como uma imitação consciente intersubjetiva, mas como uma representação inconsciente e intrapsíquica” (ibid. p. 47); o sujeito hispano-falante pode identificar-se com o brasileiro e com sua língua, fonte de uma projeção imaginária. Assim, “o objeto com o qual o eu se identifica é a causa do eu” (ibid. p.47). Continuando, Lacan (apud NETTO, 2002, p.49) aponta que “o eu é uma construção imaginária”.

⁹² O termo interlíngua foi introduzido por Selinker (1972) “para explicar um estágio de aquisição intermediário entre a língua materna e a língua alvo” (PAIVA, 2005, p.35, observação feita em nota explicativa, no final do texto).

⁹³ Netto (2002) faz leituras de Lacan sobre “o eu e as identificações”.

Dessa forma, poderemos pensar que o sujeito hispano-falante pode identificar-se com a língua portuguesa (com as representações que ele tem dessa língua) e com a imagem que ele constrói do brasileiro em seu discurso, ou seja, ele se identifica com as representações que ele constrói do *ethos*⁹⁴ (a imagem de si) do brasileiro. O *ethos* é “construção de uma imagem de si no discurso” (MAINGUENEAU, apud AMOSSY, 2005, p.16). Este autor (2005) também afirma que “a noção de *ethos* permite, de fato, refletir sobre o processo mais geral da adesão de sujeitos a certa posição discursiva” (p.69). Esse dizer nos permite também confirmar a identificação⁹⁵ do sujeito hispano-falante com a posição enunciativa ocupada pelo brasileiro, a de brasileiro, o que pode ser evidenciado por outros enunciados do sujeito hispânico da cena anterior, obtidos por meio das perguntas:

f) “Como é a sua relação com o Brasil (o país) em relação a suas experiências anteriores?”

Melhor que a relação que tinha com Argentina, por isso estou aqui e não lá.

g) “Como é a sua relação com a sociedade brasileira (ou na comunidade em que vive) em relação a suas experiências anteriores?”

Acredito que é boa, consegui encontrar meu lugar.

h) “Você se sente excluído no Brasil? Por quê?”

Não, muito pelo contrário. Aqui eu fui incluída e por isso adoro esta terra.

Percebemos que o sujeito hispânico se projeta em um lugar social que ele ocupa quando enuncia: seu lugar é aqui, no Brasil. Daí a construção da imagem de si, o *ethos* do sujeito, que se manifesta como voz, reflexividade enunciativa entre corpo (“corpo enunciante”) e seu discurso (MAINGUENEAU, 2005). Exposto ao funcionamento da língua portuguesa, a subjetividade do sujeito hispânico é afetada no processo de sua inscrição na língua alvo, o que facilita a produção de filiações identificadoras (PÊCHEUX, 2002, SERRANI-INFANTI, 2002) brasileiras. Nesse sentido, poderíamos dizer que esse sujeito hispânico não é mais plenamente estrangeiro, ou seja, há identificações com a língua e com o brasileiro.

⁹⁴ A construção da imagem de si (*ethos*) está fortemente ligada à enunciação. A questão do *ethos* é uma herança da retórica, reivindicada por teorias contemporâneas. Um exemplo são as pesquisas nos trabalhos de pragmática e análise do discurso (AMOSSY, 2005). Apesar de não mencionar o nome *ethos*, sua noção “imagem de si no discurso” (MAINGUENEAU, apud AMOSSY, 2005) é trabalhada por Pêcheux (1990), quando ele estuda as imagens que designam o lugar dos interlocutores A e B (ibid., p.83-85).

⁹⁵ As identificações frequentemente são parciais e raramente são totais – “se for concebível uma identificação total”. (MANNONI, 1987, p.176)

3.2.5 Outras cenas enunciativas

O modo de acontecer a enunciação dos sujeitos hispano-falantes, muitas vezes gera um efeito cômico, oscilando entre o sentido possível e o sentido real (almejado), provocando momentos em que o sujeito hispânico trava uma nova relação com a língua portuguesa. À pergunta “Você já presenciou ou ficou sabendo de situações vivenciadas por outras pessoas (amigos, colegas, parentes, etc.), em que ocorreram conflitos, mal-entendidos, equívocos ou situações que provocaram risos? Por favor, descreva com detalhes, incluindo também sua percepção sobre a reação das demais pessoas envolvidas”, obtivemos respostas como:

Cena 1:

aconteceu uma coisa cômica quando uma pessoa falou que sua empregada “ficou presa” e que ela deveria ir para “liberar ela”. Eu pensei que a policia tinha levado ela para a prisão e que ela deveria ir para deixar ela livre! Nunca pensei que ela ficou sem a chave da porta!

(Enunciadora argentina, psicóloga - área industrial, idade 40 a 50 anos, há quatro anos no Brasil, veio por melhores condições de trabalho, estuda o português).

Nessa cena enunciativa⁹⁶ percebemos que o sujeito hispano-falante experiência, com gozo, um deslize gerado pelos sons da língua do brasileiro. O uso excessivo dos pronomes pessoais *ela* esburaca⁹⁷ a oralidade da língua portuguesa⁹⁸, pois, geralmente, o uso dos pronomes pessoais tônicos é abundante na língua portuguesa, especialmente na modalidade oral. Essa identificação simbólica do sujeito hispano-falante com a língua oral, ou seja, da facilidade com que se apropria da música (ou ruídos) da língua estrangeira em

⁹⁶ Termo utilizado por Guimarães. “Cenas são especificações locais nos espaços de enunciação, os quais são configurações específicas do agenciamento enunciativo para ‘aquele que fala’ e ‘aquele para quem se fala’ (2002, p.23).

⁹⁷ Termo utilizado pela Profa. Dra. Maria Teresa Celada, durante a qualificação deste trabalho.

⁹⁸ Parece até uma “zombaria”, uma ‘micagem’ da preferência dos falantes de português pelo uso dos pronomes pessoais tônicos.

excesso; nas dissonâncias causadas pelo pronome tônico *ela*, nos faz pensar que esse sujeito adere ao português com regozijo. Provavelmente a familiaridade entre essas línguas marca o encontro com a maneira pela qual esse sujeito mais se identifica com o português-brasileiro: através da oralidade é que essa língua produz significações.

A escrita da língua portuguesa é uma extensão da oralidade, numa versão “mal falada” para esse sujeito, mas, para muitos brasileiros, ouvir tal cena (a repetição exagerada dos pronomes) pode ser desagradável aos ouvidos. Por outro lado, por se tratar de fala de um estrangeiro: *as pessoas [os brasileiros] são compreensíveis; minha relação com o Brasil e sua língua é de uma profunda solidariedade* (fala de um dos enunciadore hispânicos do *corpus* dessa pesquisa). Ao ser questionado sobre “Quando você veio para o Brasil, considerava a língua portuguesa uma língua estrangeira para você? Comente a respeito disso”, a enunciadora da cena que estamos analisando respondeu: *estrangeira, porque não é minha língua nativa, mas agora eu a sinto própria*.

Essa resposta confirma a identificação simbólica e imaginária desse sujeito com a língua portuguesa. Podemos pressupor, por suas palavras, que ele “sente” o português como sua própria língua, quer dizer, ele tem a sensação de estar “falando a língua portuguesa”.

A partir da linha gerativista, nos estudos sobre aquisição do espanhol por brasileiros, González (1998, 2005)⁹⁹ observa que na interlíngua de brasileiros adultos, aprendizes de espanhol, aparece uma forma pronominal tônica, em um conjunto muito grande de construções que supõem emprego de determinada forma pronominal e em cujos casos deveria ou poderia aparecer um pronome átono (clítico). Essas ocorrências estão ligadas ao fenômeno da transferência, e foram designadas por González (2005) como “as caras da transferência”. No nosso estudo também detectamos “caras” desse fenômeno.

Segundo González (1998) é possível assumir a existência de uma diferença fundamental entre o português-brasileiro e o espanhol: “cada una de ellas presenta una distinta assimetria en lo que se refiere al empleo de formas pronominales plenas ou nulas para la expresión del sujeto y de los complementos del verbo” (p.247).

Essa autora aponta ainda que se pode dizer, a partir de vários outros estudiosos, que:

⁹⁹ Conforme apontamos (nota 91), os estudos de González (1998, 2005) pertencem a outras correntes teóricas, mas acreditamos que suas reflexões podem nos ajudar a pensar e compreender os fenômenos de transferência verificados em dados deste trabalho.

(...) mientras el portugués brasileño es una lengua de sujeto pronominal predominantemente pleno y que privilegia las categorías vacías o las formas tónicas para la expresión de los complementos, el español es claramente una lengua de sujetos pronominales predominantemente nulos y de complementos clíticos abundantes, a veces duplicando (o quizás duplicados por) una forma tónica (ibid, p.247).

Essa diferença fundamental – com todos os efeitos que dela derivam - afeta uma série de construções correlacionadas a cada uma dessas línguas (ibid.).

No nosso caso, na cena anterior, deveria ou poderia aparecer um pronome clítico, mas aparecem formas pronominais tônicas, o que significa que os fenômenos de transferência não propiciam somente interferência da gramática da língua materna, mas também da experiência de aquisição da língua estrangeira e de outros fatores (GONZÁLEZ, 1998, 2005). Na cena mencionada¹⁰⁰, o uso do pronome clítico é nulo, enquanto o emprego dos pronomes tônicos é abusivo. Além disso, observa-se preferência por formas tônicas introduzidas por “para” mais “verbo no infinitivo” mais “pronome pessoal”¹⁰¹ (*para liberar ela*) no lugar de usar verbo (infinitivo flexionado) mais pronome átono (liberá-la; deixá-la) e o domínio das relativas com *que*.

Em síntese, o que observamos é uma identificação com construções do português brasileiro, mesmo que de forma abusiva, em detrimento das construções, que poderiam ser esperadas (mais comuns), aquelas próximas da gramática do espanhol. Baseando-nos em reflexões de González (1998, 2005), poderíamos dizer que o emprego dos pronomes pessoais tônicos pelo sujeito hispano-falante pode ocorrer como um “efeito de compensação” em relação ao não emprego dos pronomes clíticos. Vejamos outras cenas:

Cena 2:

Eu estava ensinando para minha empregada domestica como arrumar a mesa e onde colocar os talheres: garfo a esquerda e faca a direita. Ela sempre os colocava virados. Então eu perguntei para ela: “Ou você é surda?” (...). Minha intenção era perguntar se ela era canhota, e NÃO se ela não escutava!! Quando ela virou e eu vi a reação de ela (surpresa por ter falado de essa forma), eu tive que fazer com mímica: ou você escreve com a mão esquerda? Ali ela notou que eu estava falando errado!

(enunciadora, cinco anos no Brasil, veio por melhores condições de trabalho, idade: 30 a 40, área de trabalho: secretária, formação: Letras)

¹⁰⁰ Cena 1: aconteceu uma coisa cômica quando uma pessoa falou que sua empregada “ficou presa” e que ela deveria ir para “liberar ela”. Eu pensei que a policia tinha levado ela para a prisão e que ela deveria ir para deixar ela livre! Nunca pensei que ela ficou sem a chave da porta!

¹⁰¹ Tais construções, também detectadas, pelos estudos de González (1998, 2005), não são aceitas pela gramática normativa da língua portuguesa (*ir para liberar ela; levado ela; etc.*)

Cena 3:

Minha mãe quando veio para aça [Curitiba], fomos buscar ela em São paulo para ela conhecer, e na volta vínhamos de caro e ela depois de 4 horas de viagem ela diz par o meu marido: ¿Julio, aqui o povo bebe muito? Me marido respondeu: acredito que não, ¿ mas porque a senhora diz isso? Ela respondeu: porque só vejo “borracharias, borracharias” (vem da palavra borracho) Aí me marido explicou o significado.

(enunciadora uruguaia, professora de espanhol, há 12 anos no Brasil, veio por melhores condições de saúde, idade: 40 a 50)

Estas últimas cenas (2 e 3) confirmam tendência de não utilização dos pronomes clíticos, apesar de observarmos construções próprias da gramática da língua espanhola, como a pontuação de frases interrogativas e o uso do pronome possessivo no início da frase¹⁰². No entanto, o uso do pronome tônico continua acentuado, chegando a provocar uma ressonância pronominal *ela em São Paulo (...) para ela conhecer (...) ela depois (...) ela diz (...)*¹⁰³ (grifo nosso) que poderia chegar a incomodar os ouvidos¹⁰⁴ do brasileiro. Apoiados nos estudos de González (1998), nossa hipótese é de que esse fenômeno do uso do pronome tônico abundante esteja relacionado ao fato de que o sujeito hispano-falante projeta sua aproximação com o português por meio da sonoridade, do fenômeno fônico da língua, o que poderia ser confirmado pelas projeções imaginárias, nas representações do sujeito, tomadas em rede de memórias, reconstruídas na enunciação sobre a língua portuguesa, como operações que regulam a retomada e a circulação dos discursos (SCHERER & TASCETTO, 2005), conforme apresentado na seguinte seqüência metonímica:

Português → competência espontânea → língua fácil → sem correção = língua mal-falada

O sujeito é afetado pelo que enuncia. Isso quer dizer que “as representações estão ligadas ao sujeito” (PÊCHEUX, 1988, p.56). Em outras palavras, ele é suporte de seu enunciado e dos efeitos subjetivos produzidos pela relação dele com suas representações. Nesse sentido, o sujeito hispano-falante, ao assumir uma posição enunciativa, relacionada a

¹⁰² O uso do pronome possessivo no início da frase é comum na modalidade oral do português, mas é inadequado, segundo a gramática normativa da língua portuguesa.

¹⁰³ Fragmentos da cena três.

¹⁰⁴ Geralmente, ouvimos a expressão “doem os ouvidos” quando muitos brasileiros se deparam com estruturas como essa.

processos identificatórios decorrentes de filiações sócio-históricas e memórias (SERRANI-INFANTE, 1998, 2002), se submete a transferências, deslizes, deslocamentos que provocam uma identificação simbólica desse sujeito com a língua portuguesa em uma versão “mal-falada”, que aparece de forma mais acentuada na cena 1, ou “bem informal”, como nas cenas 2 e 3.

Outra possibilidade seria pensarmos que, pelo fato desse sujeito estar inscrito em discursividades brasileiras há algum tempo, a preferência pelo registro oral (relacionada a certo estilo) parece levar em conta a dinâmica da interlocução¹⁰⁵ dos sujeitos hispano-falantes com os brasileiros. Encrevé (apud. ORLANDI, 1987), interpretando os trabalhos de Labov, em uma enquete realizada por meio de entrevista, discorre sobre a noção de registro relacionada com a de estilo, afirmando:

Sua língua [do locutor] varia segundo o estatuto social do interlocutor e no sentido da variedade da língua associada a este estatuto. Dito de outra forma, a variação estilística – pois é tipicamente uma – também é socialmente determinada, ela é a resposta do locutor (ou antes do grupo de locutores) à coerção simbólica exercida pelo interlocutor na relação (presumida) que este último tem com a “norma legítima” (p.122).

Nessa perspectiva poderíamos nos perguntar: que relação o brasileiro normalmente estabelece com a “norma legítima”, culta, da língua portuguesa? E qual a sua relação com a oralidade? Seja qual for a resposta, deve-se partir do pressuposto de que fala e escrita são práticas sociais situadas no uso real da língua (MARCUSCHI, 2001).

Primeiramente, poderíamos considerar que a fala do sujeito hispano-falante foi adquirida (em parte) naturalmente em contextos (informais, ou mais formais) do dia-a-dia e nas relações sociais e dialógicas que se instauraram desde o momento em que ele chegou ao Brasil.¹⁰⁶ De fato, temos representações de sujeitos hispano-falantes que reconhecem que *é difícil falar o bom português, a escrita é muito difícil, a escrita é muito diferente da fala*, que pode ser impossível *falar o português perfeitamente*, ou seja, falar o português “mal falado” é fácil, mas falar o “bom português” e escrever corretamente é difícil. Essas percepções dos

¹⁰⁵ Essa é uma perspectiva sociointeracionista, sob a qual a língua é percebida como um fenômeno interativo e dinâmico. Essa visão interacionista orienta-se por uma linha discursiva e interpretativa, preocupando-se com os processos de produção de sentidos, tomando-os sempre como situados em contextos sócio-históricos (MARCUSCHI, 2001).

¹⁰⁶ Por outro lado, a modalidade oral mais formal (ou culta) e a escrita, normalmente, são adquiridas em contextos mais formais, geralmente ligados a alguma instituição educacional (MARCUSCHI, 2001).

sujeitos hispânicos decorrentes da sua experiência no processo de inscrição em discursividades brasileiras podem levá-los a falar ou escrever um português “mal-falado” ou “bem informal”.

O sujeito hispano-falante percebe a grande diferença que existe entre a fala do brasileiro e a escrita, nos usos cotidianos da língua. Segundo Marcuschi (2001), a língua falada é moldada e desenvolvida pela sociedade; por sua vez, a escrita é pautada pelo padrão. “Parece que a fala, por atestar a variação e em geral pautar-se por algum desvio da norma, tem caráter identificador” (ibid., p.36). Talvez, o sujeito hispano-falante perceba que o brasileiro se identifica (como brasileiro) pela forma de falar, caracterizada pelo desvio da norma culta, ao contrário do que ele esperava, pois quando diz que a fala é muito diferente da escrita (*difícil*), o sujeito hispano-falante parece evidenciar que esperava (ilusoriamente, em nossa compreensão) que a escrita fosse uma representação da fala.

Uma observação de Marcuschi (2001) em relação à fala e à escrita é que esta se mostra “um fenômeno se não homogêneo, pelo menos bastante estável e com pouca variação”. Ao contrário, se desenvolveu uma “consciência espontânea” a respeito da fala. “Esta se apresenta como variada e, curiosamente, não nos vem à mente em primeira mão a fala padrão” (ibid., p.37). Abaixo podemos ver o gráfico dos domínios lingüísticos das modalidades da fala e da escrita, em que se encontram os gêneros textuais (G). Esse gráfico apresenta uma noção esquemática proposta por Marcuschi, em que “as diferenças entre a fala e escrita se dão dentro de um continuum tipológico das práticas sociais de produção textual e não na relação dicotômica de dois pólos opostos” (2001, p.37).

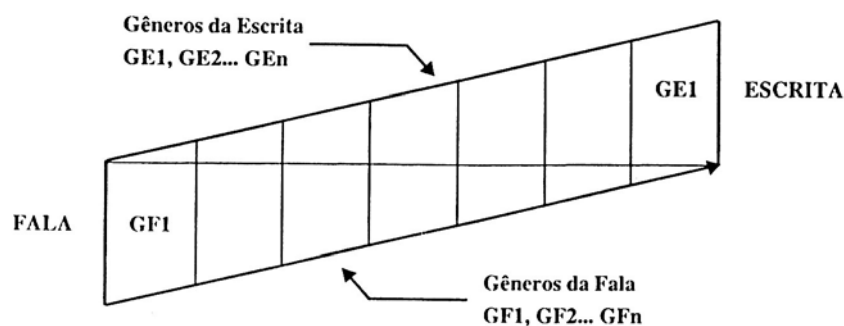


Figura 2. Representação da fala e da escrita no contínuo dos gêneros textuais (MARCUSCHI, 2001, p.38).

Essa possível percepção do sujeito hispano-falante de que o brasileiro se identifica com uma fala do uso cotidiano, uma fala geralmente informal, caracterizada pelo desvio da norma, faz com que ele se identifique com essa língua “mal-falada” ou “muito informal”. Dessa projeção sobre a fala do brasileiro, surgem representações como esta¹⁰⁷:

Eu sinto muito prazer em me inscrever na oralidade do brasileiro, nas formas gostosas de dizer dessa língua. Sempre digo que para mim falar brasileiro implica ser clivado pela divisão (pela disjunção) que atravessa o funcionamento dessa língua como língua de colonização portuguesa na nação brasileira.

(enunciadora argentina, professora de espanhol, nível superior, idade mais de 50 anos, há 18 anos no Brasil)

Nessa seqüência percebemos que o participante se identifica com a oralidade da língua do brasileiro, *nas formas gostosas de dizer*. Isso nos permite entender que esse sujeito se identifica com uma língua sem compromissos com a norma padrão, uma “língua fluida”, “solta”, que permite “incorreções”, que dá “prazer”. Essa identificação simbólica e imaginária do sujeito hispânico parece espelhar-se no que afirma Melman:

pode se falar uma língua estrangeira de forma muito mais solta e fluida do que nossa língua materna (...), movimentar-se em uma língua onde podem ter o sentido de que tudo ali pode ser dito, de estar ao mesmo tempo infinitamente mais soltos dos constrangimentos do que estes infelizes nacionais que estão ali grudados em toda sua prudência, em seus interditos (1992, p.47).

A seqüência discursiva mencionada anteriormente se refere à modalidade oral brasileira, à qual está relacionada ao processo de colonização. Em outras palavras, as relações que o brasileiro tem com sua língua, a respeito da escrita-oralidade passam por uma história de colonização. O sujeito hispano-falante reconhece ser afetado pela *disjunção que atravessa o funcionamento da língua*, ou seja, a forma como o brasileiro se relaciona com a fala e com a escrita. Orlandi (2002), de acordo com reflexões de Gallo (1991), faz menção à relação da escrita-oralidade no Brasil, assinalando que “a relação do português de Portugal com a escrita (o latim, inicialmente, e depois o romance português) é determinada historicamente de forma totalmente diversa da do português do Brasil (latim escrito, língua geral e português escrito)”

¹⁰⁷ Seqüência discursiva em resposta a pergunta: “Poderia descrever e comentar sua experiência com o português-brasileiro? As suas relações com a língua?”

(p.23). Esse diferencial que permeia o português-brasileiro e o português-português se reflete na forma como a escrita e a fala foram desenvolvidas e legitimadas no Brasil. Como mencionamos anteriormente, segundo Marcuschi (2001), se desenvolveu uma “consciência espontânea” a respeito da fala. É fundamental lembrar que as línguas se fundam em usos e práticas sociais e não em formas abstratas (ibid.).

Se considerarmos que o português falado em Portugal não foi imposto ao Brasil, essa forma de falar de Portugal para os brasileiros é uma forma abstrata, aquilo que não faz sentido, ou seja, não é uma forma material, lingüística e histórica. A história de formação do Brasil e de Portugal é diferente. “Falamos a mesma língua, mas falamos diferente” (ORLANDI, 2002, p.23). Temos um apego forte à oralidade, e uma relação frouxa com a escrita, diferente dos europeus (ibid.). Nessa perspectiva, fazer a distinção entre o português falado no Brasil e o falado em Portugal, pode ocasionar uma projeção imaginária generalizada de que o brasileiro “fala errado”, ou que o português-brasileiro é “mal-falado”; como também a projeção de que a escrita é muito diferente (distante) da fala, encarada como *difícil* (como já dito nas seqüências discursivas dos participantes do estudo), o que pode levar os hispânicos a uma representação do português como uma “língua mal-falada”.

Nesse sentido, acreditamos que tal efeito de disjunção que afeta a materialidade da língua brasileira, pode também afetar a forma de inscrição dos sujeitos hispânicos em discursividades brasileiras, uma vez que a relação do sujeito hispânico com o português-brasileiro é, primeiramente, de identificação com a oralidade; por outro lado, a escrita é colocada pelos sujeitos hispânicos como *difícil, diferente da fala* e, conseqüentemente, para escrever de acordo com a norma padrão da língua portuguesa, ele deverá passar pelo processo de aprendizagem formal, como normalmente acontece com os brasileiros. A esse respeito, houve enunciados¹⁰⁸ como:

(1) *Acho que é necessário estudar para ter um conhecimento formal da língua e da sua estrutura.*

(colombiana, professora, idade de 40 a 50 anos, está no Brasil há nove anos, veio por motivos familiares)

(2) *É necessário estudar a língua, fazer curso, para não cometer erros.*

¹⁰⁸ Enunciações em resposta à pergunta: “Você acha que é necessário estudar a língua portuguesa para poder compreender os brasileiros?”.

(enunciadora paraguaia, há 29 anos no Brasil, idade: mais de 50, dona de casa, veio por melhores oportunidades de trabalho para os filhos)

(3) *Sinto falta de conhecê-lo melhor, conhecer melhor a norma culta, uma linguagem mais sofisticada, mais literária.*

(argentina, há dez anos no Brasil, idade: 30 a 40, professora de espanhol, nível pós-graduação em Letras, veio por melhores condições de trabalho)

(3) *Depois de começar estudar português [fazer um curso] eu corriji um brasileiro falando errado.*

(enunciadora peruana, idade de 30 a 35 anos, há cinco anos no Brasil, formação: área de informática, veio por melhores condições de trabalho)

Como podemos perceber nessas seqüências discursivas há uma afirmação de relevância de estudos, de aprendizagem formal da língua por parte dos sujeitos hispano-falantes, com o intuito de *não cometer erros*, ou seja, de não falar errado, de *conhecer uma linguagem mais sofisticada*, de sair da posição de ilusão de competência espontânea ou da língua “mal-falada”.

Dessa forma, o sujeito hispano-falante parece estar à mercê da descontinuidade entre a fala e a escrita que afeta o brasileiro, podendo fazer a passagem da língua oral “mal-falada” ou “informal”, isto é, ilegítima, para uma oralidade e escrita padrão, ao se inserir em uma instituição escolar. Continuando as reflexões nessa direção, poderíamos dizer que há identificações do sujeito hispano-falante com o real da língua portuguesa e com o real da história.

3.2.6 As identificações e a tendência ao movimento de desidentificação:

cena 4

Vamos nos ater a outra cena enunciativa que confirma a identificação simbólica dos hispânicos com a modalidade oral, em uma versão de língua portuguesa mal-falada. Nessa etapa do processo de inscrição em discursividades do português-brasileiro,

observamos uma relação, muitas vezes, de igualdade do sujeito hispano-falante a respeito da sua representação de fala e de escrita, ou seja, a escrita é um reflexo da fala, como mostra a cena seguinte:

Cena 4:

Ao falar meu nome. E sou Julián (con acento na a) o som da j (en espanhol) é como o son da rr (português). Pouco pessoas me chamam como eu me chamo na realidade. Alguma vez foi para casa duma amiga. Na entrada o senhor da portaria perguntou-me o nome. Ele entendeu mal. E falou para a minha amiga que “hercules” tava na entrada da porta esperando por ela. Eu nunca falei que me chamava hercules. Eu falei assim: E sou Julián (yulian, rulião, julia, ... en fim aqui não sei como devo chamarme...O home sem nome.

(enunciador colombiano, biomédico, idade de 20 a 25 anos, há um ano no Brasil por motivos de estudos - pós-graduação).

Nesta cena observamos uma forte relação do sujeito hispano-falante com a oralidade da língua, com usos de palavras e expressões específicas da oralidade: *duma, tava, home*, o uso de formas tônicas (*por ela*) em vez de fazer a flexão do verbo¹⁰⁹, etc. O sujeito hispano-falante permanece na oralidade do português, ou seja, seu enunciado apresenta-se como uma extensão da oralidade numa versão “mal-falada”.

O sujeito experimenta um desconhecimento de si (*o home sem nome*), um estranhamento consigo mesmo, ou seja, *da* “não-coincidência de si consigo, de si com os outros, de aquilo que se diz com aquilo que se desejaria dizer” (REVUZ, 2002, p.230). Esse sujeito passa por sensação de impotência pela dificuldade de conseguir que um brasileiro pronuncie seu nome. Ele tenta focalizar os sons e ritmos de seu nome em diferentes formulações – *E sou Julián (yulian, rulião, julia, ...)* – aceitáveis, contra outra *Hercules* que lhe parece inaceitável, transgressiva, em relação a seus saberes. Aquilo que se poderia dizer e aquilo que não poderia ser dito manifesta a relação que esse sujeito hispano-falante tem com a sua própria língua. Isso pode ser identificado também pelo uso da dêixis *aqui*, no Brasil, o que pressupõe existir um *lá*, o seu país de origem.

Assim poderíamos fazer uma suposição: *Me chamo Julián, pelo menos lá, aqui não sei como devo chamarme*”; *aqui* sou um *home sem nome*. Esta última expressão parece soar como uma pergunta. Assim, ele passa a ocupar a posição de um sujeito deslocado entre o

¹⁰⁹ O que geralmente acontece na língua espanhola é o uso abundante dos clíticos.

aqui e o *lá* – uma posição discursiva de “descontinuidade”¹¹⁰. A diferença de nomes se torna uma diferença de línguas. Desse modo, a língua espanhola e a portuguesa não estariam em um *continuum*.

Ao explicar as diferenças de pronúncia – *E sou Julián (con acento na a) o som da j (en espanhol) é como o som da rr (português)* – parece que esse sujeito não se dá conta de que essas pronúncias estão esquecidas no aparelho fonador do sujeito brasileiro, uma vez que a pronúncia do espanhol é diferente do português. Esse trabalho de apropriação dos sons, junto aos movimentos de contração, relaxamento, abertura, fechamento e vibração, que o aparelho fonador teria que produzir, não é natural ao sujeito falante brasileiro (REVUZ, 2002). É difícil para o falante brasileiro sair dos “automatismos fonatórios da sua língua materna” (ibid., p.221) para pronunciar sons de outra língua, mesmo que sejam seqüências aparentemente simples.

O sujeito hispano-falante experimenta um desprazer ao ouvir seu nome, ou melhor, ao não conseguir ouvi-lo. Isso parece provocar inquietude, surpresa, pavor ao sujeito hispânico, pois “a nominação aponta o referente enquanto existente” (ibid., p.223). No recorte feito pela língua portuguesa que opera no referente, nomeando *Hercules* ao invés de *Julián*, a operação de nominação está desprovida de carga afetiva que o nome *Julián* traz ao seu portavoz. Revuz afirma que:

a operação de nominação em língua estrangeira, mais do que uma regressão [ou uma transgressão], vai provocar um deslocamento das marcas anteriores. A língua estrangeira vai confrontar o aprendiz com um outro recorte do real mas sobretudo com um recorte em unidades de significação desprovidas de sua carga afetiva. A língua estrangeira não recorta o real como o faz a língua materna. [...] Pela intermediação da língua estrangeira se esboça o deslocamento do real e da língua (2002, p.223).

O recorte do real, diferente do da língua materna, faz com que as palavras não tenham o mesmo valor, ou seja, o mesmo peso das palavras da língua materna. Esse estranhamento do dito na língua estrangeira, o nome, *Hercules*, é vivenciado pelo sujeito hispano-falante como uma perda de identidade: *aqui não sei como devo chamarme... O home sem nome*.

Quando o sujeito diz *eu sou Julián* (aquele que diz ao falar de si mesmo: “eu sou”), a evidência de que “eu sou um sujeito” (o sujeito é chamado à existência) é um efeito

¹¹⁰ Estamos utilizando esse termo, com base em Orlandi (1996).

ideológico. “Trata-se da evidência do sujeito como único, insubstituível e idêntico a si mesmo: em resposta (...) ‘sou eu’ à questão ‘quem é’ (...) é evidente que eu sou a única pessoa que poderia dizer ‘eu’ ao falar de mim mesmo” (PÊCHEUX, 1988, p.154-155), ou seja, o sujeito é único no seu nome próprio e essa “evidência” é o mecanismo da identificação do sujeito consigo mesmo. O nome próprio faz referência à filiação legítima do sujeito. Os sujeitos são constituídos a partir de uma entidade pré-existente, uma coletividade de sujeitos, “que impõe uma marca ideológica a cada sujeito sob uma forma de ‘socialização’ do indivíduo nas ‘relações sociais’ concebidas como relações intersubjetivas” (ibidi., 155). Em síntese, podemos dizer que a “evidência” de que *eu sou Julián* implica seu nome, sua família, seus amigos, suas lembranças, suas idéias, memórias, suas intenções e compromissos, impostos pelas relações sociais jurídico-ideológicas.

Por um lado, as relações sociais jurídicas produzem um sujeito de direito, e por outro, “a ideologia fornece as evidências pelas quais ‘todo mundo sabe’ (...), evidências que fazem com que uma palavra ou um enunciado ‘queiram dizer o que realmente dizem’” (PÊCHEUX, 1988, p.160).

Em seu país de origem ou entre locutores hispano-falantes “todo mundo sabe” quem é Julián (seus amigos, família, etc.). O nome próprio Julián, ao ser reproduzido pelo porteiro, desloca de sentido, pois não tem uma relação transparente de literalidade com seu significante. O nome adquire seu sentido em referência a uma posição sujeito (do porteiro), isto é, em referência à formação discursiva na qual foi produzida. A formação discursiva, a partir de uma posição dada e de contexto sócio-histórico, determina “o que pode e deve ser dito” (PÊCHEUX, 1988, p.160).

No caso do nome próprio, o que pode ser dito pelo porteiro é diferente do que pode ser dito pelo sujeito hispano-falante, ou seja, ele é constituído como sujeito hispano-falante pela formação discursiva (e pela formação ideológica correspondente) que o domina. Assim, esse sujeito “se reconhece a si mesmo e em outros sujeitos” (ibid., p.161-162) como sendo um estrangeiro que fala estrangeiro. De fato, nesse momento, parece que o significante (Julián) se transforma em signo ao passo que denuncia “um sujeito que se origina de um lugar não mais Outro, mas Estrangeiro” (MELMAN, 1992, p.17). Eles (o porteiro, e os outros que não conseguem pronunciar seu nome) o desidentificam.

Isso quer dizer que, na medida em que ele se identifica com o português-brasileiro, ele também é identificado pelos brasileiros como estrangeiro, sofrendo assim um processo de desidentificação, de estranhamentos em relação a uma língua que lhe impõe uma

posição sujeito diferente, em relação à sua posição ocupada em língua materna. É nesse lugar que se instala o sentimento de mal-estar nesse sujeito hispânico, sentimento que pode permitir a passagem de uma busca do que lhe é familiar nessa língua, fazendo-lhe encará-la com certo relaxamento numa visão de versão “mal-falada” – para reconhecê-la como estrangeira, desconhecida, estranha, que merece ser estudada como tal.

3.2.7 Movimentos paralelos: identificação e desidentificação

Todo movimento em direção à identificação com a língua portuguesa provoca um processo paralelo de desidentificação (MANNONI, 1987) com a língua espanhola. Depois do contato direto com a língua portuguesa, no processo de produção discursiva, e as possíveis identificações até então observadas neste estudo, o sujeito hispano-falante ao voltar a seu país de origem recebe de compatriotas, em relação à impressão destes sobre o uso de sua língua materna, alusões como¹¹¹:

(1) *Em companhia de hispânicos, volto a falar espanhol, ou melhor:*

PORTUNHOL!!!

(enunciador argentino, idade: mais de 60 anos, empresário, há 31 anos no Brasil, veio por melhores condições de trabalho)

(2) *As pessoas percebem que ele [o espanhol] tem mudado muito. Eu sinto isso especialmente quando uso uma palavra que se fala muito aqui e é pouco usada no espanhol, então se escuta meio estranho.*

(uruguaia, professora de espanhol, há 12 anos no Brasil, veio por melhores condições de saúde, idade: 40 a 50)

(4) *As pessoas dizem que perdi a música do espanhol e que uso palavras do português quando falo espanhol.*

¹¹¹ Essas seqüências discursivas são respostas às perguntas: “Quando você está em seu país, as pessoas fazem algum comentário sobre o seu espanhol? Você acha que modificou a maneira de falar devido ao contato com o português?”

(enunciadora peruana, secretária, há cinco anos no Brasil, veio por melhores condições de trabalho, idade: 30 a 40 anos)

Essas afirmações nos permitem dizer, em respeito à subjetividade do sujeito hispânico, que ele é afetado pelo funcionamento do português-brasileiro, do seu simbólico, uma vez que esse sujeito está imerso na formação social brasileira. Isso quer dizer que sujeito e língua estão intimamente ligados. O processo de enunciar em outra língua mobiliza uma dimensão inconsciente, subjetiva, que escapa ao controle do sujeito. Em outras palavras, este não tem uma relação de “domínio” sobre a língua, pois esta não é simplesmente um instrumento de comunicação.

Por isso, o encontro com a outra língua é *um mundo de experiências novas*, como afirmou um dos sujeitos hispânicos participantes desta pesquisa. Isso quer dizer que o mecanismo de inscrição do sujeito hispânico em discursividades brasileiras passa por um processo singular. A língua portuguesa é inicialmente familiar ao espanhol, mas na medida em que os hispano-falantes são imersos em discursividades brasileiras, eles passam a sentir estranhamentos em relação à língua. Neste último processo é que o sujeito hispano-falante parece entender que ele não compreende o suficiente para compreender o português-brasileiro.

3.3 Considerações finais

Antes mesmo de o sujeito hispano-falante se inscrever em discursividades brasileiras, em situação de imersão, ele já se encontra em um universo de percepções, interpretações, sobre a língua portuguesa, dotado de significação. Nesse sentido, esse sujeito não se nega às falas de seu ambiente e coloca em palavras o que percebe dela, do que ela é e o que se espera dela. Essas projeções imaginárias antecipadas, sócio-historicamente construídas, marcam um caráter familiar do português-brasileiro na visão dos sujeitos hispano-falantes.

A transparência de sentidos entre essas línguas garante a compreensão dos sujeitos hispano-falantes de forma espontânea. Isso lhes permite falar o português-brasileiro, permanecendo no espanhol ou numa versão do espanhol “mal-falado”. Essa filiação identificadora dos sujeitos hispânicos se estabeleceu talvez por conveniência ou cumplicidade, uma vez que os pouparia de um estudo sistemático da língua portuguesa. Nesse sentido, as interpretações do sujeito hispano-falante são sintomas também de uma contra-identificação em relação à língua portuguesa.

Podemos considerar, então, que o que ocorre é uma identificação ilusória com um “português imaginário”. Em um primeiro momento, o português e o espanhol são considerados “línguas parecidas”, proporcionando uma ancoragem na língua materna. Portanto, compreendemos que o sujeito hispano-falante manifesta uma relação amplamente inconsciente com a própria língua e o saber que ela permite construir no que tange à língua estrangeira. No início do processo, o sujeito se encontra em condições de re-produzir discursos com memórias próprias, com léxico, sintaxe, modos de dizer e sotaque. (RAJAGOPLAN, 1997). Nesse processo, a língua utilizada é parte constitutiva da memória discursiva do sujeito hispano-falante.

Podemos considerar a sua língua como um lugar e uma forma específica de inscrição da memória histórica, enquanto representações sobre o português-brasileiro pelos sujeitos hispânicos. Isso significa que as projeções imaginárias antecipadas sobre o português-brasileiro, em grande parte, são determinantes no modo do acontecimento do processo de produção-compreensão dessa língua, que é da ordem da subjetividade e das determinações sócio-históricas.

Em síntese, todo sujeito hispânico, ao enunciar no português-brasileiro, estará, em grande parte, sob efeito da manifestação de sua consciência epilingüística.

No processo de inserção dos sujeitos hispano-falantes na sociedade brasileira, ou melhor, ao se inscreverem em discursividades brasileiras, quando o sujeito hispano-falante é exposto ao funcionamento real do português-brasileiro, ele percebe que não consegue falar a língua portuguesa e menos ainda escrever. Os efeitos de sentido dessa falta de identificação, melhor dizendo, de contra-identificação com o português-brasileiro, conduzem o sujeito hispânico, num primeiro momento, a falar o portunhol: (...) *só entendia e falava um portunhol*.

Nessa fase, a utilização do portunhol permite uma comunicação espontânea com os brasileiros, por meio de uma linguagem imaginária, inventada e, portanto, essa língua (representação do português) apresenta ao hispano-falante uma liberdade de fala (ilusória), assim como uma resistência ao estudo sistemático do português.

A tomada de distância entre as línguas, por um lado (antes) considerada muito pequena (“línguas semelhantes”) era fonte de prazer para o sujeito hispano-falante, pois este considerava que o português pertencia à dimensão da sua língua materna. Por outro lado, a distância torna-se fonte de obstáculos, na medida em que torna-se maior o contato com a língua portuguesa, produzindo, então, outras significações, ou seja, o entendimento entre hispânicos e brasileiros sofre deslocamentos, como, por exemplo, na enunciação: *É muito difícil. Palavras que se escrevem igual mas significam outra coisa, não consigo diferenciar se está certo ou errado*. Dessa forma, percebemos uma relação caracterizada pela contradição.

Essa situação pode fazer com que o sujeito hispano-falante permaneça numa posição de “entremeio” (CELADA, 2002), numa zona em que as duas línguas se cruzam, se entrelaçam, ou pode submeter-se às diferenças entre essas línguas, num movimento de identificações com o real da língua portuguesa. Em tal movimento, o sujeito hispano-falante deve estar aberto aos estranhamentos com a língua portuguesa e com os “fenômenos da transferência” (GONZÁLEZ, 2005) que intermedeia o contato com a língua alvo, produzindo vários efeitos na produção em língua portuguesa. Nossa hipótese é que tais efeitos sejam em grande parte conseqüências das antecipações imaginárias desses sujeitos hispânicos em relação às duas línguas, o português e o espanhol. Essas percepções dos sujeitos hispânicos, decorrentes da experiência no processo de inscrição em discursividades brasileiras, podem levá-los a falar ou escrever um português “mal-falado” ou “muito informal”.

Nossa compreensão é de que há identificação simbólica e imaginária do sujeito hispano-falante com a oralidade do português-brasileiro numa versão mal-falada. Nesse movimento de identificação, o sujeito hispânico é afetado pelo real da língua e da história,

pela disjunção que atravessa a relação do brasileiro com o funcionamento de sua língua, no que diz respeito a como ele lida com a fala e a escrita. Em outras palavras, o sujeito é afetado pelo discurso enquanto prática social, impregnado, obviamente, de elementos culturais, sociais, históricos, constitutivos das práticas discursivas brasileiras. Nessa perspectiva, para ter acesso à norma padrão da língua portuguesa, o sujeito hispânico deverá passar pelo processo de ensino/aprendizagem formal, assim como normalmente acontece com os brasileiros, no que se refere à aquisição da língua espanhola.

Em síntese, podemos afirmar que, para se inscrever em discursividades brasileiras é necessário um deslocamento da compreensão do português-brasileiro como uma língua familiar ao espanhol, para que o sujeito hispânico possa se submeter às diferenças entre essas línguas, às não-coincidências interlocutivas do dizer. Isso significaria superar uma concepção de língua como mero instrumento de comunicação e tomar consciência do que representa a aprendizagem profunda de uma língua, pois, “aprender uma língua é sempre, um pouco, tornar-se um outro”(Revuz, 2002, p.227).

Acreditamos que os saberes metalingüísticos e epilingüísticos, as suposições prévias e as experiências dos sujeitos dispostos a tomar a palavra em língua estrangeira, em situação de imersão, mesmo em circunstâncias anteriores de aquisição propriamente dita, são fundamentais para que se possa trabalhar com acontecimentos discursivos que fazem parte desse processo de se inscrever em discursividades na língua estrangeira, podendo vir a proporcionar resultados que possam ser objetos de reflexão de lingüistas.

No processo de aquisição de uma língua, acreditamos, pois, que diversos fatores interagem, proporcionando situações de aprendizagem bem-sucedidas ou não. Nessa perspectiva, parece importante levar em consideração representações, antecipações imaginárias, identificações, dos sujeitos envolvidos no processo de enunciar em outra língua. Quer nos parecer, portanto, ser inevitável não pensar na relação de um sujeito com a sua enunciação, ao se inscrever em processos de produção e compreensão discursiva em língua estrangeira, e todas as implicações que isso acarreta, especialmente em relação à subjetividade que se estabelece, dando lugar a filiações identificadoras que surgem como tomadas de posição, conforme as filiações de memórias discursivas do enunciador e não uma aprendizagem por interação. Nessa perspectiva, estamos convencidos de que trabalhos como este podem contribuir no que diz respeito à área de aquisição em contexto de imersão e de ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras, especialmente no que concerne ao português-

brasileiro e ao espanhol, línguas geralmente encaradas como “singularmente estrangeiras”¹¹², então, dignas de um estudo ancorado em especificidades inerentes a essa condição.

¹¹² Celada (2002) caracteriza o espanhol como uma “língua singularmente estrangeira” para o brasileiro. Nesse sentido, estamos incluindo também o português como língua singularmente estrangeira para os falantes hispânicos, porque de imediato essa língua não se mostra como estrangeira.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABADIA, P. M. *Métodos y enfoques en la enseñanza/aprendizaje del español como L2*, Madrid: Edelsa, 2000.

AMOSSY, R. “Da noção retórica de ethos à análise do discurso”. In.: *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. Ruth Amossy (org.) São Paulo: Contexto, 2005.

_____. “O ethos na interseção das disciplinas: retórica, pragmática, sociologia dos campos”. In.: *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. Ruth Amossy (org.) São Paulo: Contexto, 2005a.

AUROUX, S. *A Revolução Tecnológica da Gramatização*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1992.

AUTHIER-REVUZ, J. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Revisão técnica da tradução: Leci B. Barbisan e Valdir do N. Flores. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

_____. *Palavras Incertas: as não-coincidências do dizer*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1998.

_____. *Heterogeneidade(s) Enunciativa(s)*. Caderno Lingüístico, Campinas, (19): 25-42, jul/dez., 1990.

BECKER, I. *Manual de español: gramática y ejercicios de aplicación; lecturas; correspondencia; vocabularios; antología poética*. 80ª ed. São Paulo: Nobel, 1999.

BERGSON, H. *O Riso*. São Paulo, Martins Fontes, 2001.

CELADA, M. T. “Brasil – Argentina, subjetividades. Acerca de ciertas formas de exponerse a la alteridad”. In.: *Congreso Internacional de Políticas Lingüísticas e integración regional, 2005*, Buenos Aires. Libros de Actas, Congreso Internacional de Políticas culturales e integración regional. (Eds. Roberto Bein e Graciana Vázquez Villanueva). Buenos Aires: Facultad de Filosofía y Letras / UBA, 2004. v. 1. p. 246-252.

_____. “Um equívoco histórico.” In: Freda Indursky & Maria C. L. Ferreira (org.): *Os múltiplos territórios da Análise do Discurso*. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 1999.

_____. *O espanhol para o brasileiro. Uma língua singularmente estrangeira*. Tese de doutorado. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, 2002.

CANDIDO, A. "Os brasileiros e a nossa América". In.: *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CELADA, M. T. & GONZÁLEZ, N. M. "Los estudios de lengua española en Brasil". *Anuario Brasileño de Estudios Hispánicos*. Brasília, Ministério de Educação e Cultura y Deportes e Consejería de Educación de la Embajada de Espana em Brasil, 2000.

COLLINOT, A. & MAZIÈRE, F. A língua francesa: pré-construído e acontecimento lingüístico. In: *Gestos de leitura: da história no discurso*. Eni P. Orlandi (org.), tradução: Bethania S. C. Mariani [et al.] Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1994.

COURTINE, J. *O discurso inatingível: marxismo e lingüística (1965-1985)*. Trad: Heloisa M. Rosário. Caderno de tradução, Porto Alegre, no.06, p.1-56, abril-junho, 1999.

_____. O chapéu de Clémentis. Observações sobre a memória e o esquecimento na enunciação do discurso político. In.: INDURSKY, F. & FERREIRA, M. C. L. (org.) *Os múltiplos Territórios da Análise do Discurso*. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 1999a.

_____. *Quelques problèmes théoriques et méthodologiques en analyse du discours; à propos du discours communiste adresse aux chérétiens*. *Langages*, v. 62, 1981, tradução: provisória.

DE NARDI, F. S. *Entre a lembrança e o esquecimento: os trabalhos da memória na relação com a língua e discurso*. In: *Organon*, v.17, n.35, 2003.

DELEUZE G. & GUATTARI, F. "O que é uma literatura menor?" In: *Kafka. Por uma literatura menor*. (Trad. por Júlio Castañon Guimarães.) Rio de Janeiro: Imago. (Original em francês: *Kafka. Pour une littérature mineure*. Paris: Editions de Minuit, 1975), 1977.

FERREIRA, M. C. L. "O quadro atual da análise de discurso no Brasil. Um breve preâmbulo". In: *Michel Pêcheux e a análise do discurso: uma relação de nunca acabar*. Freda Indursky, Maria C. L. Ferreira (org.) São Carlos: Claraluz, 2005.

_____. *Da ambigüidade ao equívoco: a resistência da língua nos limites da sintaxe e do discurso*. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2000.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

GARCÍA, A. L. *El significado de Brasil para la suerte del idioma español*. Anuario de estudios hispánicos. Suplemento: El hispanismo en Brasil. Ministerio de Educación, Cultura y deporte de la Embajada de España en Brasil, 2000.

GONZÁLEZ, N. T. M. “Quantas caras tem a transferência? Os clíticos no processo de aquisição/aprendizagem do Espanhol/Língua Estrangeira”. In.: *Ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras: reflexão e prática*. Fátima T. C. C. Bruno (org.) São Carlos: Claraluz, 2005.

_____. Pero ¿que gramática es ésta? Los sujetos pronominales y los clíticos en la interlengua de brasileños adultos aprendices de Español/LE. In.: RILCE: 14.2: *Español como lengua extranjera: investigación y docencia*, 243-263. Pamplona: Universidad de Navarra, 1998.

GUIMARÃES, E. “Enunciação e acontecimento”. In: *Semântica do acontecimento*. Campinas: Pontes, p.11-31, 2002.

GUILHAUMOU, J. “Efeitos de sentido e visibilidade social: co-construção discursiva. O espaço de co-produção no trabalho do pesquisador”. In.: II SEAD () Tradução: Carlos P. Filho. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

HOUAISS, A. & VILLAR, M. de S. (2001) *Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Objetiva.

HENRY, P. *A ferramenta imperfeita: língua, sujeito e discurso*. Tradução: Maria Fausta P. de Castro. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1992.

LE GOFF, J. *História e memória*. Trad.: Bernardo Leitão et al. Campinas, Editora da Unicamp, 2003.

LEITE, N. V.de A. O que é “língua materna”? In.: *Anais do IV Congresso Brasileiro de Lingüística Aplicada*, Unicamp, Instituto de Estudos da Linguagem- I EL, Campinas, 1995.

LEMO, C. T.G. de. “Interrelações entre a lingüística e outras ciências”. In: *Boletim da Abralin*, n. 22, p. 20-32, 1998.

MAINGUENEAU, D. “Ethos, cenografia, incorporação” In.: *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. Ruth Amossy (org.) São Paulo: Contexto, 2005.

MALDIDIER, D. *A inquietação do discurso: (Re)ler Michel Pêcheux hoje*. (Trad. E. Orlandi) Campinas, Pontes, 2003.

MANNONI, O. “A desidentificação” In: *As identificações na clínica e na teoria psicanalítica*. Trad. Ari Roitman. Rio de Janeiro, Relume-Rumará, 1987.

MARCUSCHI, L. A. Oralidade e Letramento In.: *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MELMAN, C. *Imigrantes. Incidências Subjetivas das Mudanças de Língua e País*. (Trad. Rosane Pereira.) São Paulo: Escuta, 1992.

MILNER, J. *El amor por la lengua*. (Trad. por Armando Sercovich.) Buenos Aires: Nueva imagen, 1ª reed. em espanhol. (Original em francês: *L'amour de la langue*, Paris: Seuil, 1978), 1987.

NASCENTES, A. *Gramática de língua espanhola para o uso dos brasileiros*. 3ª. Ed. Rio de Janeiro, Pimenta de Mello, 1934.

NETTO, G. A. F. (2002) O eu e as identificações em Lacan. In.: *Psicanálise e Universidade*, São Paulo, n. 17, p.45-52.

NEVES, M. de M. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2006.

ORLANDI, E. P. *Interpretação; autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

_____. *A linguagem e o seu funcionamento: as formas do discurso*. 2º ed. Campinas, São Paulo: Pontes, 1987.

_____. “A língua brasileira”. In: *Língua e conhecimento lingüístico: para uma história das idéias no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. “Identidade lingüística escolar”. In.: Inês Signorini (org.): *Língua(gem) e identidade. Elementos para uma discussão no campo aplicado*. Fapesp/Mercado de Letras, 2002a.

OTTONI, P. *A responsabilidade de traduzir o intraduzível: Jaques Derrida e o desejo de [la] tradução*. Delta, vol. 19, p. 163-174, 2003.

PAIVA, V. L. M. de O. “Modelo fractal de aquisição de línguas”. In.: *Ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras: reflexão e prática*. Fátima T. C. C. Bruno (org.) São Carlos: Claraluz, 2005.

PAYER, M. O. *Discurso, Memória e Oralidade*. Horizontes, Revista de Ciências Humanas, Vol. 23, São Paulo, Editora Universitária São Francisco, n. 1, jan/jun de 2005,

_____. *Memória da língua. Imigração e nacionalidade*. Campinas. Tese de Doutorado em Lingüística – Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, 1999.

PÊCHEUX, M. *Discours: structure ou événement?* Trad. Eni Orlandi. O discurso: estrutura ou acontecimento. Campinas, SP: Pontes, 3º ed. 2002.

_____. *Papel da memória*. In: ACHARD, P. et al. Campinas: Pontes, 1999.

_____. “Análise automática do discurso (AAD-69)” In.: In: *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Trad Mariani [et al.]. Campinas: Editora da UNICAMP, p. 1990.

_____. “Lecture et Mémoire: Projet de Recherche” In: *L'inquiétude du discours*. Paris: Éditions des Cendres. Trad. Provisória de Gregolin M. do Rosário, 1990a.

_____. “Les verités de la Palice”. Trad. Eni Orlandi [et al.] *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio* 2ª ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1988.

PÊCHEUX, M., HENRY, P. & HAROCHE, C. *La sémantique et la coupure saussurienne: langue, langage, discours*. Revue Langages, 24, 1971.

RAJAGOPALAN, K. “O conceito de identidade em lingüística: é chegada a hora para uma reconsideração radical?” In: Inês Signorini (org.): *Língua(gem) e identidade. Elementos para uma discussão no campo aplicado*. Fapesp/Mercado de Letras, 1998.

_____. *A Ideologia da Homogeneização. Reflexões Concernentes à Questão da Heterogeneidade na Lingüística*. Letras (Univ. Federal de Santa Maria, RS, V.14, p. 21-37, 1997

REVUZ, C. “A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio”. In: Inês Signorini (org.): *Língua(gem) e identidade. Elementos para uma discussão no campo aplicado*. Fapesp/Mercado de Letras, 2. ed., 2002.

SCHERER, A. H. & TASCHETTO “O papel da memória ou a memória do papel de Pêcheux para os estudos lingüísticos-discursivos”. In: *Estudos da língua(gem)*. Vitória da Conquista n.1 p.119-123, junho/2005.

SILVA, T. C. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 8 ed. São Paulo: Contexto, 2005.

SERRANI, S. *Memórias discursivas, línguas e identidades sócio-culturais* In: Organon, vol.17, n. 35, 2003.

SERRANI-INFANTE, S. “A identidade e segundas línguas: as identificações no discurso.” In: Inês Signorini (org.): *Língua(gem) e identidade. Elementos para uma discussão no campo aplicado*. Fapesp/Mercado de Letras, 2002

_____*Resonancia discursiva y cortesía en prácticas de lecto-escritura*. Delta, v. 17, n.1, São Paulo, p. 01-22, 2001.

_____*“Abordagem transdisciplinar da enunciação em segunda língua: a proposta AREDA”*. In: SIGNORINI, I. & CAVALCANTI, M. C. (org): *Lingüística Aplicada e transdisciplinaridade*. Campinas: Mercado da Letras, p.143-167, 1998.

_____*A linguagem na pesquisa sociocultural. Um estudo da repetição na discursividade*. 2.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

_____*Formações discursivas e processos identificatórios na aquisição de línguas*. In: D.E.L.T.A., vol. 13, n. 1, p. 63-81, 1997a

_____*“Diversidade e alteridade na enunciação em línguas próximas.”* In: *Alteridade e Heterogeneidade*. Revista letras da UFSM (RG) – no. 14(jan/jun.), pp.01-19, 1997b

VITA, C. P. *A opacidade da suposta transparência: quando “amigos” funcionam como “falsos amigos”*. Dissertação de Mestrado, USP/Letras (Língua Espanhola e Lit. Espanhola e Hispano-Americana), São Paulo, 2006.

YOKOTA, Rosa. “Aquisição/aprendizagem de línguas estrangeiras – aspectos teóricos”. In.: *Ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras: reflexões e prática*. Fátima T. Cabral Bruno (org.), São Carlos: Claraluz, 2005.

5. APÊNDICES

Apêndice A – Modelo de Questionário I

Informações:

Este questionário se destina a uma pesquisa de mestrado em Lingüística, na área de ensino e aprendizagem de línguas, em desenvolvimento na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), na cidade de São Carlos, interior do estado de São Paulo. Essa pesquisa tem como objetivo o estudo de relatos de situações de confrontos ou conflitos, vivenciados por estrangeiros (falantes de espanhol) no processo de inscrição em discursividades brasileiras, em situação de imersão. O estudo desses relatos poderá proporcionar resultados que auxiliem no planejamento e no oferecimento de cursos e na elaboração de propostas de ensino de português para falantes hispânicos, que contribuam para o desenvolvimento da competência comunicativa desses falantes no uso do português do Brasil. Os resultados e as reflexões, advindos desse estudo, também poderão ser utilizados em relação ao ensino/aprendizagem de outras línguas estrangeiras.

Por essa razão, sua contribuição é muito importante para nosso trabalho. Solicitamos, então, sua colaboração no sentido de responder às questões abaixo, da maneira mais completa possível.

Se tiverem problemas em escrever, pedimos permissão para marcar uma entrevista em que possamos anotar as suas muito bem vindas contribuições.

Informamos que os nomes verdadeiros não serão relatados no trabalho. O endereço eletrônico e/ou número de telefone são solicitados para que possamos entrar em contato com vocês para resolvermos possíveis dúvidas.

Gostaríamos que respondessem ao questionário em português, mas, se sentirem dificuldade, podem respondê-lo em espanhol.

As perguntas mais importantes (chaves) para a pesquisa são as 7, 8, 9, 10, 11. Por isso, por favor, peço que respondam a essas perguntas descrevendo as situações com detalhes.

Perguntas:

Nome (pode ser fictício):

Nacionalidade:

Profissão:

Telefone (opcional):

Endereço eletrônico (e-mail):

Cidade:

Outras cidades em que já viveu no Brasil:

1. Idade: () menos de 20 () 20 a 25 () 25 a 30 () 30 a 35 () 35 a 40
40 a 50 () Mais de 50 ()

2. Há quanto tempo você está no Brasil?

a) Você pretende voltar para o seu país?

b) Foi difícil se adaptar ao Brasil? Por quê?

c) Você pensou que sair do seu país e vir para o Brasil seria muito fácil? Houve mudanças difíceis na sua vida ou não? Por quê?

3. Que motivos o levaram a sair do seu país de origem?

4. Quando veio para o Brasil, você tinha algum conhecimento da língua portuguesa?

a) Se você estudou a língua portuguesa antes de vir para o Brasil, foi por quanto tempo? Você achou que foi o suficiente?

b) Você considerava importante saber o português antes de vir para o Brasil ou não? Por quê?

c) O que você sabia sobre a língua falada no Brasil em relação à sua?

d) Essas línguas, o português e o espanhol eram comparadas em seu país?

e) Você pensou que poderia ter problemas com o idioma (o português) no Brasil? Você teve? Quais problemas? Por quê?

f) O que você já tinha ouvido falar ou já havia estudado sobre o Brasil, sua gente e sua língua, antes de vir para cá?

5. Você pensou que tivesse de deixar de falar a sua língua para falar o português?

a) O que você sente sobre isso? Essa mudança é (ou foi) difícil para você?

b) Você conseguiu deixar de falar o espanhol para falar o português?

c) Em que momentos e com quem você fala espanhol no Brasil?

- d) Você sente falta de seu idioma? Por quê?
- e) Você acha que conseguiu se afastar de seu idioma para falar o português?
- f) Você acha que fala bem o português? Sente necessidade de melhorar sua fluência? Por quê?
- g) Você acha que escreve bem em português? Sente necessidade de melhorar sua escrita?

6. Poderia descrever e comentar sua experiência com o português-brasileiro (as suas relações com a língua?)

a) Como é a sua relação com o Brasil (o país e sua cultura), considerando experiências anteriores?

b) Como é a sua relação com a sociedade brasileira (ou na comunidade em que vive) em relação a suas experiências anteriores (diferenças sentidas em relação aos contextos brasileiro e do país de origem, considerando as comunidades em que vive/viveu)?

7- Você já vivenciou situações de conflito ou confronto, ao falar na língua portuguesa, que lhe causaram algum constrangimento, ou seja, em que você sentiu certo mal-estar?

8- Você já vivenciou momentos que geraram situações cômicas, devido a deslizes ou equívocos que você tenha cometido no uso da língua portuguesa? Por favor, descreva com detalhes, incluindo também sua percepção sobre a reação das demais pessoas envolvidas.

9- Você já vivenciou situações em que percebeu ter havido problema de diferenças culturais (de seu país com o Brasil), ou seja, situações em que você disse algo que não deveria ter dito ou se comportou de modo diferente das demais pessoas? E nos conte também qual a reação das pessoas envolvidas.

10- Você já presenciou ou ficou sabendo de situações vivenciadas por outras pessoas (amigos, colegas, parentes, etc.), em que ocorreram conflitos, mal-entendidos, equívocos ou situações que provocaram risos? Por favor, descreva com detalhes, incluindo também sua percepção sobre a reação das demais pessoas envolvidas.

12- Que conhecimentos você considera importantes para compreender o português-brasileiro?

a) Desses saberes, quais você acredita que tem?

b) E desse saberes, quais você acha que deve aprender para melhorar seu desempenho na língua portuguesa?

13- Você acha que é necessário estudar a língua portuguesa para poder compreender os brasileiros?

- a) Se você veio para o Brasil sem saber a língua portuguesa, quais foram as estratégias que você usou para entender e para se fazer entender?
- b) Para que você fosse compreendido, os brasileiros tiveram que fazer algum esforço para compreendê-lo?
- c) Se você já tinha algum conhecimento da língua portuguesa, você teve dificuldades para compreender os brasileiros e para ser compreendido?

14- Quando você fala na língua portuguesa, você sente que o espanhol está presente na sua fala também? Por que você acha que isso acontece?

- a) E quando você fala em espanhol, você acha que o português está presente na sua fala?

16- As pessoas já fizeram (ou ainda fazem) comentários sobre a forma como você fala o português?

- a) O que elas diziam/dizem?
- b) Você fala bem o português?
- c) Você tem boa entonação?
- d) Você tem sotaque?
- e) Se sim, você acha difícil perdê-lo? Por quê?

17- E quando você está em seu país, as pessoas fazem algum comentário sobre o seu espanhol?

- a) Você acha que modificou a maneira de falar espanhol devido ao contato com o português?

18- Você já se sente um brasileiro(a)? Por quê?

19- Você se considera:

- () um imigrante? Por quê?
- () estrangeiro(a)? Por quê?
- () excluído(a) no Brasil? Por quê?

20- Quando você veio para o Brasil, considerava a língua portuguesa uma língua estrangeira?
Comente a respeito disso.

Apêndice B – Modelo de Questionário II

Informações:

Este questionário se destina a uma pesquisa de mestrado em Lingüística, na área de ensino e aprendizagem de línguas, em desenvolvimento na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), na cidade de São Carlos, interior do estado de São Paulo. Essa pesquisa tem como objetivo o estudo de relatos de situações de confrontos ou conflitos, vivenciados por estrangeiros ou imigrantes (falantes de espanhol) no processo de inscrição em discursividades brasileiras, em situação de imersão. O estudo desses relatos poderá proporcionar resultados que auxiliem no planejamento e no oferecimento de cursos e na elaboração de propostas de ensino de português para falantes hispânicos, que contribuam para o desenvolvimento da competência comunicativa desses falantes no uso do português do Brasil. Os resultados e as reflexões, advindos desse estudo, também poderão ser utilizados em relação ao ensino/aprendizagem de outras línguas estrangeiras.

Por essa razão, sua contribuição é muito importante para nosso trabalho. Solicitamos, então, sua colaboração no sentido de responder às questões abaixo, da maneira mais completa possível.

Se tiverem problemas em escrever, pedimos permissão para marcar uma entrevista para que possamos anotar as suas muito bem vindas contribuições.

Informamos que os nomes verdadeiros não serão relatados no trabalho. O endereço eletrônico e/ou número de telefone são solicitados para que possamos entrar em contato com vocês para resolvermos possíveis dúvidas.

Gostaríamos que respondessem ao questionário em português, mas, se sentirem dificuldade, podem respondê-lo em espanhol.

As perguntas mais importantes (chaves) para a pesquisa são as 7, 8, 9, 10, 11. Por isso, por favor, peço que respondam a essas perguntas descrevendo as situações com detalhes.

Perguntas:

Nome (pode ser fictício):

Nacionalidade:

Profissão:

Telefone (opcional):

Endereço eletrônico (e-mail):

Cidade:

Outras cidades em que já viveu no Brasil:

1. Idade: () menos de 20 () 20 a 25 () 25 a 30 () 30 a 35 () 35 a 40
40 a 50 () Mais de 50 ()

2. Há quanto tempo você está no Brasil?

a) Você pretende voltar para o seu país?

b) Foi difícil se adaptar ao Brasil? Por quê?

c) Você pensou que sair do seu país e vir para o Brasil seria muito fácil? Houve mudanças difíceis em sua vida ou não? Por quê?

3. Que motivos o levaram a sair do seu país de origem?

() familiares () melhores oportunidades de trabalho () políticos

Outro motivo:.....

4- Quando veio para o Brasil, você tinha algum conhecimento da língua portuguesa?

a) Se você estudou a língua portuguesa antes de vir para o Brasil, foi por quanto tempo? Você achou que foi o suficiente?

b) Você considerava necessário saber o português antes de vir para o Brasil ou não? Por quê?

c) O que você sabia sobre a língua falada no Brasil em relação à sua?

d) Essas línguas, o português e o espanhol eram comparadas em seu país?

e) Você pensou que poderia ter problemas com o idioma (o português) no Brasil? Você teve? Quais problemas? Por quê?

f) O que você já tinha ouvido falar ou já havia estudado sobre o Brasil, sua gente e sua língua, antes de vir para cá?

5. Você pensou que tivesse de deixar de falar a sua língua para falar o português?

a) O que você sente sobre isso? Essa mudança é (ou foi) difícil para você?

b) Você conseguiu deixar de falar o espanhol para falar o português?

- c) Em que momentos e com quem você fala espanhol no Brasil?
- d) Você sente falta de seu idioma? Por quê?
- e) Você acha que conseguiu se afastar de seu idioma para falar o português?

6. Poderia descrever e comentar sua experiência com o português-brasileiro (as suas relações com a língua?)

a) Como é a sua relação com o Brasil (o país e sua cultura), considerando experiências anteriores?

b) Como é a sua relação com a sociedade brasileira (ou na comunidade em que vive) em relação a suas experiências anteriores (diferenças sentidas em relação aos contextos brasileiro e do país de origem, considerando as comunidades em que vive/viveu)?

7. Você já vivenciou situações de conflito ou confronto, ao falar na língua portuguesa, que lhe causaram algum constrangimento, ou seja, em que você sentiu certo mal-estar?

8. Você já vivenciou momentos que geraram situações cômicas, devido a deslizes ou equívocos que você tenha cometido no uso da língua portuguesa? Por favor, descreva com detalhes, incluindo também sua percepção sobre a reação das demais pessoas envolvidas.

9. Você já vivenciou situações em que percebeu que houve problema de diferenças culturais (de seu país com o Brasil), ou seja, situações em que você disse algo que não deveria ter dito ou se comportou de modo diferente das demais pessoas? E nos conte também qual a reação das pessoas envolvidas.

10. Você já presenciou ou ficou sabendo de situações vivenciadas por outras pessoas (amigos, colegas, parentes, etc.), em que ocorreram conflitos, mal-entendidos, equívocos ou situações que provocaram risos? Por favor, descreva com detalhes, incluindo também sua percepção sobre a reação das demais pessoas envolvidas.

11- Você já se sente ou se considera:

() um brasileiro(a)? Por quê?

() um imigrante? Por quê?

() estrangeiro(a)? Por quê?

() excluído(a) no Brasil? Por quê?

12-Quando você veio para o Brasil, considerava a língua portuguesa uma língua:

() estrangeira

() uma língua muito familiar

Comente a respeito disso.

Apêndice C – Dados sobre os hispano-falantes participantes desta pesquisa

Figura 1. Nacionalidade que responderam ao questionário

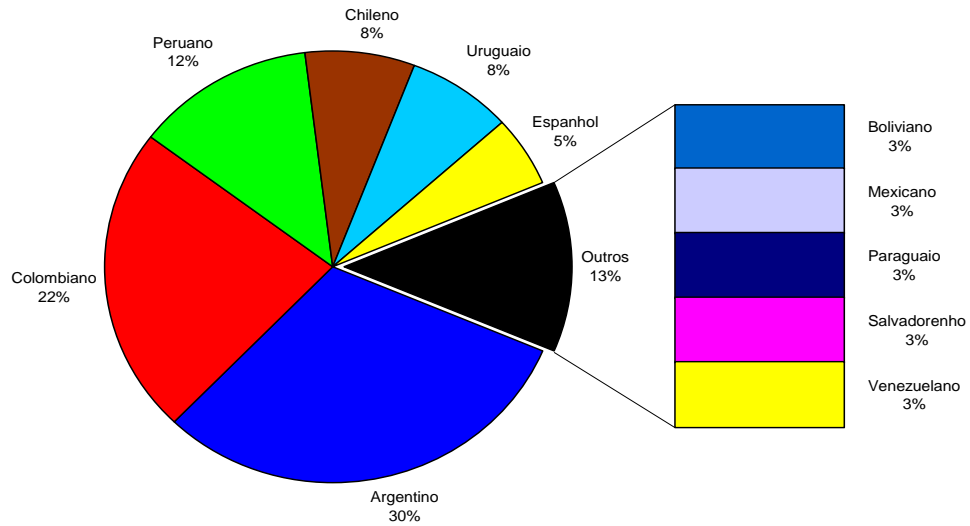


Figura 2. Formação acadêmica das pessoas que responderam ao questionário

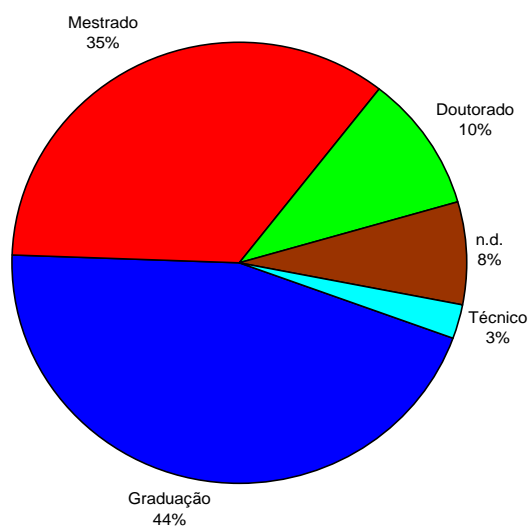


Figura 3. Idade das pessoas que responderam ao questionário

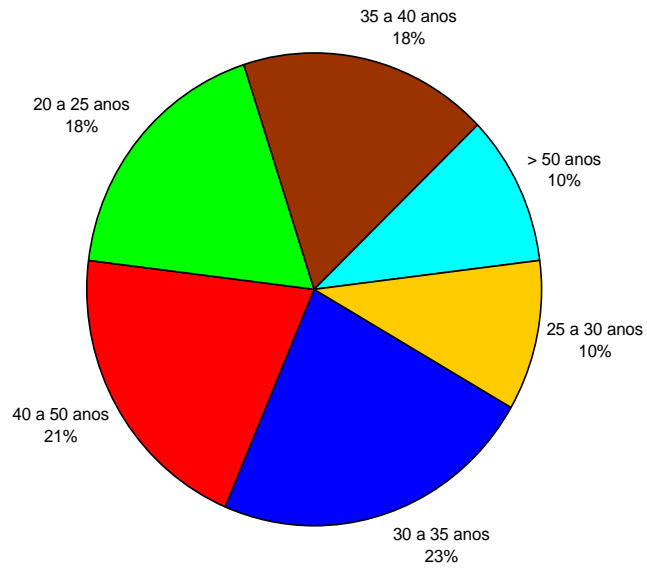


Figura 4. Tempo de permanência no Brasil das pessoas que responderam ao questionário

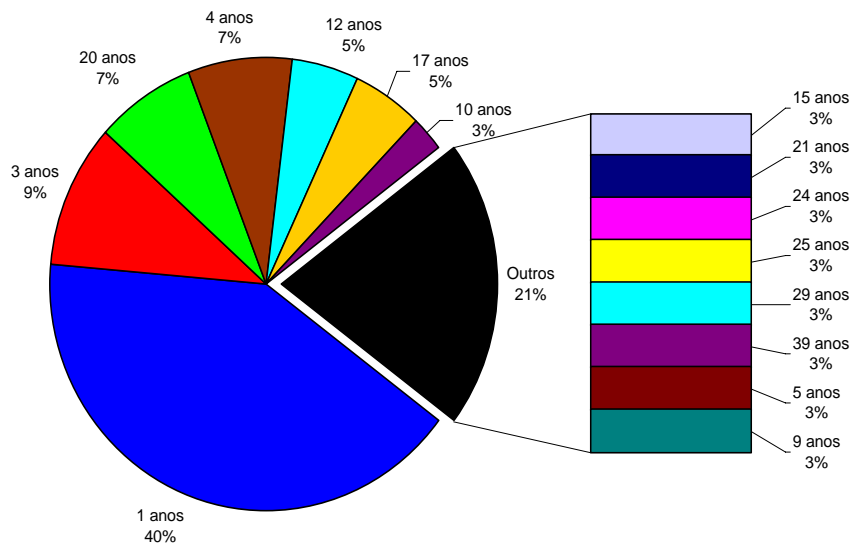


Figura 5. Motivo para a vinda ao Brasil das pessoas que responderam ao questionário

